



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
HOLLY RENEE

ÍNDICE

[Página de título](#)

[MAPA](#)

[direitos autorais](#)

[GUIA DE PRONÚNCIA](#)

[Aviso de conteúdo](#)

[Dedicação](#)

[Conteúdo](#)

[1. Dacre](#)

[2. Verena](#)

[3. Dacre](#)

[4. Verena](#)

[5. Dacre](#)

[6. Verena](#)

[7. Dacre](#)

[8. Verena](#)

[9. Dacre](#)

[10. Verena](#)

[11. Verena](#)

[12. Dacre](#)

[13. Verena](#)

[14. Dacre](#)

[15. Verena](#)

[16. Dacre](#)

[17. Verena](#)

[18. Dacre](#)

[19. Verena](#)

[20. Dacre](#)

[21. Dacre](#)

[22. Verena](#)

[PRONTO PARA MAIS DA SÉRIE REINO VELADO?](#)

[Mais de Holly Renee](#)

[OBRIGADO](#)

[Agradecimentos](#)

[CONTINUE LENDO PARA DAR UMA OLHADA](#)

[Capítulo 1](#)

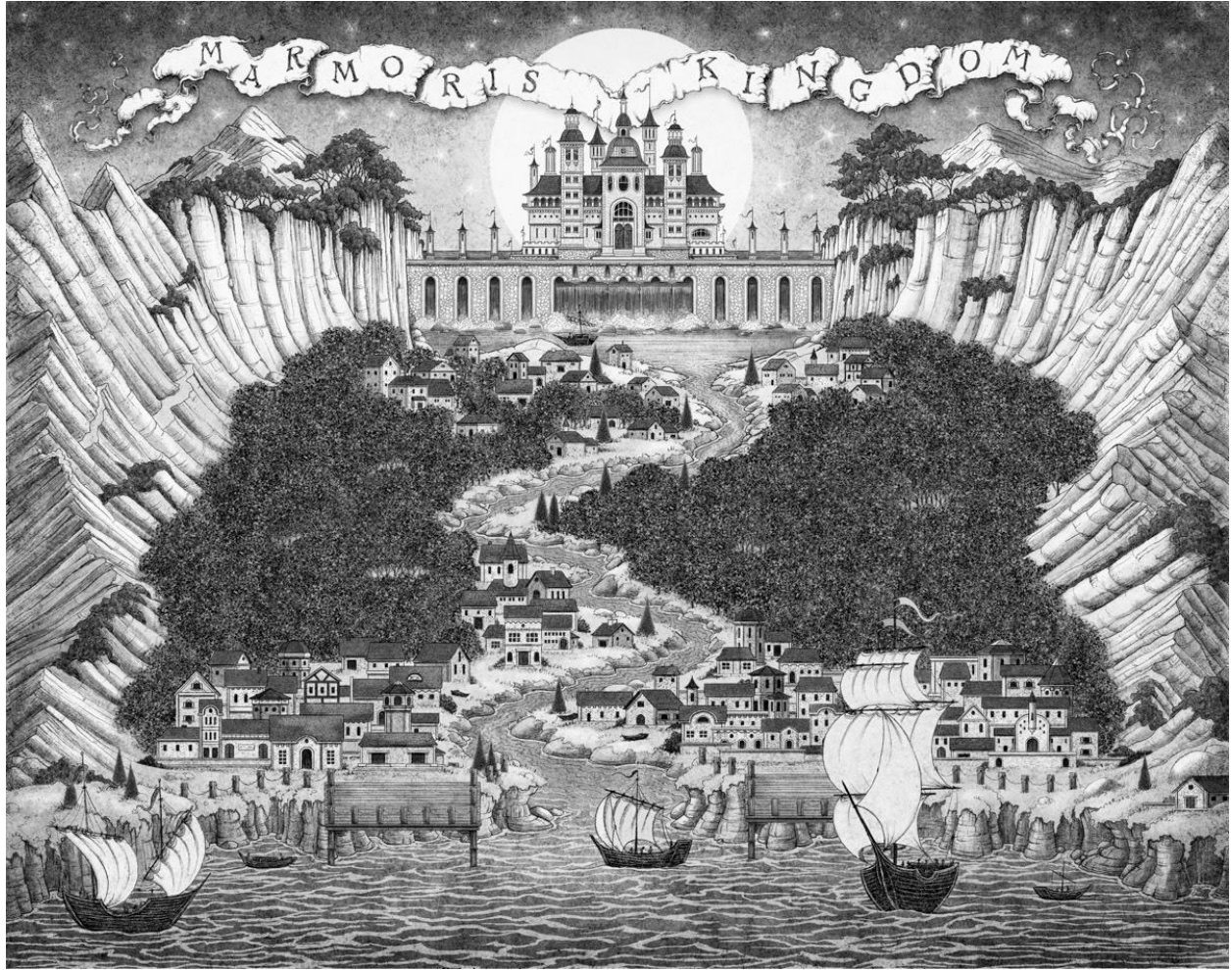
[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

O HERDEI RO CÃO DO

■ SÉRIE REINO VELHO

HOLLO RENEE



Copyright © 2024 por Holly Renee

O Herdeiro Caçado

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma ou por nenhum meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor e são usados ficticiamente.

Visite meu site em www.authorhollyrenee.com.

Design de Capa: Forense e Flores

Ilustrações de personagens: Elizinannatheone

Design de Mapa: Virginia Allyn

Edição: Cynthia Rodriguez do The Beta Bruja, Ellie McLove do My Brother's Editor, Rebecca Fairest Reviews e Rumi Khan.

GUI ◻ DE ◻RONÚNCI ◻

Marmoris: MAR-moris

Enveilarian: ON-veil-air-ian

Dacre: DIA-ker

Nyra: quase-ah

Wren: ren

Verena: Vuh-rehn-ah

Kai: Kai h

Eiran: AR-in

AVISO DE CONTEÚDO

Esta série contém representações de cenas sexualmente explícitas, violência e agressão. Contém linguagem, temas e conteúdo impróprios para maiores de 18 anos que podem não ser adequados para todos os leitores. Recomenda-se a discrição do leitor.

*Para meus bebês, Nolan e Millie —
Você é o maior amor que já conheci.*

CONTEÚDO

1. [Dacre](#)
2. [Verena](#)
3. [Dacre](#)
4. [Verena](#)
5. [Dacre](#)
6. [Verena](#)
7. [Dacre](#)
8. [Verena](#)
9. [Dacre](#)
10. [Verena](#)
11. [Verena](#)
12. [Dacre](#)
13. [Verena](#)
14. [Dacre](#)
15. [Verena](#)
16. [Dacre](#)
17. [Verena](#)
18. [Dacre](#)
19. [Verena](#)
20. [Dacre](#)
21. [Dacre](#)
22. [Verena](#)

[PRONTO PARA MAIS DA SÉRIE REINO VELADO?](#)

[Mais de Holly Renee](#)

[OBRIGADO](#)

[Agradecimentos](#)

[CONTINUE LENDO PARA DAR UMA OLHADA](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

CAPÍTULO 10 DÁCRE

Meu punho do meu pai atingiu meu queixo com um estalo nauseante, enviando instantaneamente um gosto metálico de sangue para minha boca. A dor familiar se espalhou pelo meu rosto como fogo, dificultando a concentração em qualquer outra coisa. Fechei os olhos, tentando bloquear o som de sua voz furiosa e a ardência das lágrimas nos meus olhos. Mas não importava quantas vezes isso acontecesse, nunca ficava mais fácil de suportar.

Eu podia sentir o calor da sua fúria irradiando dele, seu hálito quente contra minha pele. Preparei-me para outro golpe, mas ele não veio.

A voz do meu pai retumbou como um trovão, repleta de raiva e decepção. "Você é uma vergonha para esta rebelião", rosnou ele, as palavras transbordando de desdém enquanto fixava seu olhar no meu. "Você nasceu para liderar, mas caiu de joelhos por ela como um covarde e a deixou escapar por entre os dedos."

O peso da sua decepção pesava sobre meus ombros, esmagando-me pela culpa enquanto eu permanecia ali, incapaz de me defender.

"Recomponha-se e saia daí." Ele fez um gesto rápido com a cabeça por cima do ombro, e eu rapidamente levei a mão à boca para limpar o sangue que havia escapado do meu lábio. "Não ouse deixá-los ver nenhuma dessas fraquezas. A rebelião conta com você para o nosso futuro, Dacre."

Suas palavras foram como mais um golpe no rosto, me tirando do meu transe. Endireitei a postura e respirei fundo, me preparando para o que estava por vir.

Saí dos aposentos dos guerreiros, longe do olhar penetrante do meu pai, que parecia me seguir mesmo enquanto eu saía. A tensão no ar era palpável enquanto eu caminhava para fora, onde eu sabia que o restante da rebelião estava reunido.

Todos sabiam que meu pai tinha um anúncio importante a fazer, mas eu temia que descobrissem a verdade. Meus passos pareciam pesados com o peso da desgraça iminente enquanto me aproximava do grupo, seus rostos uma mistura de expectativa e apreensão.

Meus olhos percorreram a multidão, identificando rostos familiares e tentando evitar os olhares curiosos. Finalmente avistei Kai e Wren parados perto da frente, com os olhares fixos em mim.

Os olhos semicerrados de Wren demonstravam sua decepção, já ciente da minha traição, mas não era apenas seu olhar cúmplice que me deixava desconfortável; eram a dor latejante no meu maxilar e o sangue seco no meu lábio cortado, dos quais seus olhos não desviavam o olhar.

Quando me aproximei, ela levantou a mão como se fosse tocar meu queixo. Estremeci e rapidamente afastei sua mão, antes de me virar e manter o olhar fixo à frente. O ar parecia se tornar denso ao nosso redor como uma névoa densa. Meu coração disparava no peito, sem saber o que nosso pai faria.

"Ele fez isso?" A voz de Wren sibilou por entre os dentes cerrados, tremendo de emoção.

"Não é grande coisa, Wren."

Kai estava ao meu lado, sua postura normalmente calma substituída por uma raiva impetuosa. Seus punhos estavam tão cerrados que os nós dos dedos ficaram brancos enquanto ele olhava fixamente para o meu queixo.

Ele já sabia o que acontecera com Verena; sabia quem ela era, mas mesmo com a lembrança da traição de Verena queimando em sua mente, não era a fonte de sua ira latente. Cada grama de fúria era direcionada ao homem que liderava a rebelião que esperava lealdade cega.

Mas não consegui encontrar essa lealdade com o gosto de sangue cobrindo minha língua.

Não era a primeira vez que Kai presenciava a violência do meu pai contra mim, e eu tinha certeza de que não seria a última. Mesmo que anos tivessem se passado desde a primeira vez que ele a vira, nunca ficou mais fácil para ele suportar.

Sempre protegemos um ao outro, desde que éramos crianças crescendo juntos na rebelião, e agora, como adultos lutando por nossa causa, essa proteção só ficou mais forte.

Um leve farfalhar de sussurros nos cercou enquanto meu pai saía dos aposentos dos guerreiros, com Reed logo atrás. Eu podia ver a raiva queimando nos olhos de Wren e a tensão em seu corpo enquanto ela lutava para contê-la.

A mão do meu pai ergueu-se num gesto de comando, silenciando a comoção ao nosso redor. Cerrei os dentes e me forcei a ficar parada, apesar da dor latejante no maxilar.

A voz amarga do meu pai ecoou pela caverna enquanto ele estava diante de nós, o rosto contorcido por uma raiva familiar. "O herdeiro do Reino Marmoris está em fuga."

Uma cascata repentina de murmúrios e suspiros chocados irrompeu ao nosso redor. Meu coração disparou, pois eu não conseguia me concentrar em nada além do que ele acabara de dizer, o peso de suas palavras pairando no ar. Ele não se referira a ela pelo nome, mas sim como herdeira.

Porque isso era tudo o que ela significava para ele.

"E ela estava escondida dentro de nossas fileiras."

A sala explodiu em caos, vozes se ergueram em confusão e espanto, mas eu continuei olhando fixamente para meu pai.

Os olhos do meu pai percorreram cada um de nós, seu olhar demorando-se em mim antes de prosseguir.

"Há semanas, Nyra vem treinando secretamente com nossos guerreiros", continuou meu pai, com a voz carregada de desgosto. "Não temos certeza se ela foi enviada pelo rei ou agiu por conta própria."

A sala ficou em silêncio ao ouvir o nome de Nyra.

O olhar do meu pai se voltou para mim, seus olhos fixos nos meus como se ele estivesse procurando por algo.

"Quero que todos vocês a procurem", ordenou ele. "Tragam-na para mim."

Eu podia sentir os outros me observando, o peso de seus olhos me atingindo como um ferro em brasa queimando minha pele. Eu podia sentir a decepção irradiando deles, cada olhar afiado e acusador.

"O futuro da nossa rebelião depende de encontrá-la!" A voz do meu pai atingiu um tom febril. Prendi a respiração, sem ter a mínima ideia do que ele diria em seguida. O ar ao nosso redor crepitava de tensão enquanto nos ergíamos como os soldados que ele exigia que fôssemos, aguardando suas próximas palavras maldosas. "O rei fará tudo o que estiver ao seu alcance e usará todos os recursos para encontrá-la. Nunca deveríamos ter sido tão descuidados a ponto de deixá-la escapar."

Seus olhos se fixaram nos meus, afiados e penetrantes como punhais.

A culpa me consumia enquanto eu sustentava o olhar dele. Mas o peso da verdade era o que me abatia até que eu sentisse que ia sufocar. Meu pai não precisava da minha verdade. Fui eu quem a deixou escapar. Eu a transei como se ela não significasse nada para mim e a deixei escapar.

Mas tudo o que ele sabia era que eu havia permitido que ela escapasse.

Meu pai sabia que ela não teria chance de escapar a menos que eu permitisse, e eu permiti.

E essa era a única verdade de que ele precisava.

Mas não me arrependi.

O arrependimento inundou minhas veias como veneno, mas não por tê-la deixado ir. Eu não conseguia me forçar a me arrepender disso.

"A princesa deve ser encontrada e trazida de volta para mim. Não me importa se a vida foi drenada de seu corpo ou se ela mal respira. Não permitiremos que o herdeiro retorne ao palácio."

Wren rosou, com os olhos ardendo de raiva enquanto encarava nosso pai, mas ele não lhe lançou um olhar sequer. Verena tinha sido a primeira pessoa com quem eu vira Wren se abrir desde a morte de nossa mãe, e agora ela se fora.

E eu podia sentir a lealdade de Wren ao nosso pai vacilando a cada palavra que ele dizia contra ela. Não importava que Verena também tivesse mentido para ela. Ela era sua amiga.

Eu esperava essa reação do nosso pai sedento por poder, mas não consegui me deixar pensar em nenhum deles encostando um dedo nela, porque se eles a machucassem... Estalei o pescoço numa tentativa de me acalmar.

Ela era uma traidora de merda. Eu sabia que era verdade. Ela era uma traidorazinha e mentiu para mim várias vezes. Ela mentiu para todos nós, e eu fiquei com uma raiva danada, mesmo sem poder culpá-la por isso.

Eu não tinha certeza se alguma coisa que ela tinha me dito era verdade, se alguma coisa que eu tinha sentido...

Porra.

Eu não podia me deixar levar por isso. Agora não.

Não quando meu pai já estava olhando para mim como se eu o tivesse traído de uma forma que ninguém mais havia feito.

Mas mesmo enquanto eu tentava afastar suas mentiras e seus gemidos suaves da minha mente, não conseguia afastá-la completamente. Não conseguia parar de pensar no jeito como ela me olhou quando seu verdadeiro nome escapou dos meus lábios. No olhar de traição em seus olhos enquanto ela me encarava antes de sair correndo do meu quarto.

As cicatrizes nas costas dela foram a última coisa que vi enquanto ela corria de mim.

O pai dela. Foi o que ela me disse. O pai dela foi quem lhe deu aquelas cicatrizes, e eu acreditei nela, mesmo agora, mesmo que fosse apenas uma meia verdade.

Ela me disse que era o pai dela, mas esqueceu de mencionar que era o rei.

O simples pensamento do rei fez uma onda de fúria primitiva percorrer minhas veias. Imagens de retribuição e vingança vermelha como sangue consumiram minha mente, ofuscando qualquer ódio que eu tivesse pelo homem.

Queria que ele implorasse por minha misericórdia e lutasse para respirar sob meu aperto enquanto eu apertava sua garganta com mais força. Queria sentir seu medo sob meus dedos enquanto observava a vida se esvaindo lentamente de seus olhos.

Eu nunca quis o sangue de alguém em minhas mãos como eu desejava o dele.

Porque eu nunca quis proteger alguém tanto quanto queria protegê-la. E esse pensamento me deixou dividido e perturbado. Ela era a última pessoa que merecia minha proteção.

Uma dor aguda atingiu meu peito quando esse pensamento surgiu em minha mente, mas cerrei os dentes e o afastei.

Dividiremos nossos esforços e vasculharemos cada canto do reino. Não deixaremos pedra sobre pedra até que ela seja encontrada. Se alguém for encontrado abrigando-a, mate-o. Traga-a para mim!

Muitos concordaram com as instruções do meu pai, mas eu não. Eu a encontraria, mas não seria para o benefício dele, nem desta rebelião.

Reed falou perto do ouvido do meu pai, desviando sua atenção da multidão que começou a murmurar entre si.

As batidas do meu coração ecoavam em meus ouvidos enquanto eu cravava as unhas nas palmas das mãos. A cada pensamento dela, a lealdade que tinha se tornado tão arraigado em quem eu era que me escapou ainda mais do controle. Eu era filho da líder da rebelião, mas ela havia destruído tudo o que eu conhecia.

Minha mente estava um caos absoluto. Raiva, traição, arrependimento. Minha mãe havia sacrificado tudo por essa causa, por essa rebelião. Minha vida inteira havia sido moldada para o que viria depois que vencêssemos, mas o único pensamento que continuava a me passar pela cabeça era: *Por que não fui com ela?*

Um turbilhão de pensamentos emaranhados e conflitantes lutavam e se arranhavam, fazendo minha cabeça latejar.

Mas uma coisa era certa: eu não deixaria meu pai encontrá-la.

Meu olhar foi atraído para minha irmã, que cruzava os braços firmemente sobre o peito enquanto me olhava. A intensidade do seu olhar me fez me mexer desconfortavelmente, como se eu estivesse de repente em cima de um fio que poderia se romper a qualquer momento.

"Vou encontrá-la." Minha voz saiu num tom tenso e determinado, mais forte do que eu pretendia.

Os cantos dos seus olhos se enrugaram de fúria, e eu pude sentir o calor da sua raiva irradiando em minha direção como se eu pudesse estender a mão e tocá-la.

"Não quero que você a encontre." Ela se aproximou de mim, e senti Kai se mexer ao meu lado. "Não quero você nem nosso pai perto dela."

"Não me coloque no mesmo patamar que ele."

"Por que não?" Ela ergueu uma sobrancelha e se recostou, seus olhos afiados me examinando de cima a baixo. "Parece que você tem levado seu treinamento com ele a sério. Você está realmente começando a se parecer com o homem", disse ela, com o tom transbordando veneno.

E ela acertou em cheio.

Nós dois sabíamos que eu não tinha a mínima ideia de quem eu queria ser neste mundo, mas eu tinha absoluta certeza de que não queria ser nada parecido com ele.

Pelo canto do olho, vi meu pai se virar para nos olhar, mas tentei ignorá-lo. "Não sou nada parecido com ele."

"Então você a encontra." Wren diminuiu a distância entre nós e enfiou o dedo indicador no meu peito. "Encontre-a e não ouse trazê-la de volta aqui, Dacre."

Olhei para minha irmã e estava prestes a abrir a boca quando nosso pai nos interrompeu.

"Dacre, você está comigo." Suas palavras estavam impregnadas de um tom de autoridade, ao qual eu já havia me acostumado ao longo dos anos.

"Kai, Wren e eu estávamos discutindo nosso plano de sair em busca", menti, mas sabia que nenhum deles discordaria de mim.

Wren poderia ficar brava comigo o quanto quisesse, mas ela sempre estaria ao meu lado.

"Isso não vai acontecer. Você está comigo. Kai e Wren ficarão na cidade até voltarmos."

Wren endireitou os ombros, preparando-se para outra rodada de discussão, mas quando seu olhar encontrou o meu, balancei a cabeça gentilmente.

Esta não era uma batalha que queríamos, não quando ainda haveria uma guerra para lutar.

"Qual é o plano?", perguntei, tentando soar como se não estivesse pronta para queimar todo esse maldito reino antes de deixá-lo tocá-la.

Os olhos do meu pai se estreitaram. "Vamos para o norte primeiro. A princesa provavelmente está tentando voltar para o palácio. Precisamos estar preparados para detê-la."

"Ela não vai para o palácio." Falei sem pensar, mas mesmo se estivesse com meu pai, não podia perder tempo indo para o norte, pois sabia que Verena iria para o mais longe possível do palácio.

"Ela te disse isso quando você a deixou correr?", meu pai retrucou, com as narinas dilatadas.

Cerrei os punhos, tentando esconder minha frustração.

"Não, mas eu a conheço melhor do que isso", respondi, encarando-o de frente. "Ela não é burra. Ela sabe que é no palácio que a procuraríamos."

Outra mentira para o pequeno traidor.

Eu não devia ter mentido *por* ela. Eu não devia ter me importado com onde ela estava, mas me importei, porra.

A expressão do meu pai endureceu. "Ela não vai durar muito tempo lá fora. Nós vamos encontrá-la. Não vamos parar até que ela seja capturada e trazida de volta para cá."

"Vamos." Concordei com meu pai pela primeira vez em muito tempo. Eu ia encontrá-la, mas não a traria de volta para cá.

CÓPIA TULO VERENO

Minhas pernas gritavam em protesto enquanto eu subia outra ladeira íngreme, o suor escorrendo pela minha testa e ardendo meus olhos. Mas não era nada comparado à dor lancinante no meu estômago, que se contorcia e se revirava até eu sentir que não conseguia respirar.

Eu sabia que não conseguiria continuar assim e precisava encontrar abrigo e comida logo, antes que a exaustão e a fome me dominassem completamente. Durante três dias, eu havia lutado sem descanso ou sustento, e meu corpo agora protestava ferozmente.

Mesmo assim, continuei, dando passos lentos e deliberados enquanto examinava o horizonte em busca de qualquer sinal de civilização. Meus olhos foram atraídos para a distância, onde uma névoa de fumaça pairava no ar. Só podia significar uma coisa: uma vila.

Acelerei o passo, meu coração batendo forte de esperança e expectativa enquanto descia a ladeira, a fumaça ficando mais espessa e visível.

Seria um risco parar, mas seria um risco ainda maior se eu não encontrasse algo para comer logo.

Eu já havia tentado usar meu arco e flechas para caçar um coelho antes, mas não consegui dizer se foi minha própria hesitação em tirar uma vida ou minha falta de proficiência que fez com que eu falhasse miseravelmente.

Ou se foi a maneira como minha mente se voltou para Dacre e a maneira como ele me tocou quando me ensinou a usá-lo.

De qualquer forma, fiquei sem coelho e com uma fome crescente.

Eu ainda usava o mesmo couro com que saí da cidade oculta, o mesmo com que saí de Dacre. Eles saberiam que eu não era apenas uma garota de passagem. Eu parecia pertencer à rebelião que eu tinha certeza de que agora estava me procurando.

Ele estaria me procurando.

Meu pai era inimigo da rebelião, e agora eu também era.

A vila ficava aninhada em um pequeno vale, um aglomerado de casas e prédios espalhados, cercados por uma densa floresta. Fumaça saía das chaminés das casas, e eu ouvia o murmúrio baixo de vozes.

Ao me aproximar da entrada da vila, parei, com o coração batendo descontroladamente no peito.

Mantive a cabeça baixa enquanto caminhava, tentando me misturar aos aldeões que se misturavam, cuidando de suas tarefas diárias. Uma senhora idosa estava ajoelhada sobre um canteiro de vegetais floridos, com as mãos cobertas da mesma terra que respingava em seu avental esfarrapado. Ela olhou para mim quando passei, e nossos olhares se encontraram brevemente, antes que eu rapidamente desviasse o olhar.

Eu não queria problemas nesta vila; eu só precisava de comida e alguns minutos para descansar para poder pensar no meu próximo passo.

Meus passos ecoavam pelas ruas estreitas e sinuosas, cada um deles um lembrete da dor crescente em meu estômago. Segui a coluna de fumaça que subia de uma casa

próxima, meus pés me levando cada vez mais perto de sua fonte. Ao me aproximar da pitoresca taverna, notei sua porta de madeira entreaberta, como se me convidasse para entrar com a promessa de comida e descanso.

Entrei, meus sentidos imediatamente agredidos pelo cheiro quente e mofado de cerveja e suor. Um murmúrio baixo de conversa preencheu a sala enquanto eu olhava ao redor, meus olhos percorrendo as mesas escassamente espalhadas na cabana mal iluminada.

Um homem corpulento estava atrás do balcão, com a barba desgrenhada chegando ao peito, enquanto limpava o balcão de madeira à sua frente. Ele me lançou um olhar curioso antes de se voltar para o cliente, que estava sentado em um banquinho velho e se inclinava para a frente, apoiado nos cotovelos, como se o balcão fosse o responsável por mantê-lo ereto.

Respirando fundo para acalmar meus nervos, caminhei desajeitadamente até o bar, tentando esconder minhas mãos trêmulas e minha determinação instável.

Meu coração disparou quando puxei um banquinho e me sentei.

Coloquei a mão no bolso e senti o peso da única moeda que me restava. Hoje era o dia em que eu a gastaria.

"O que você quer?" O barman se moveu até ficar atrás do balcão, à minha frente, com as mãos ásperas apoiadas na superfície. Ele pigarreou, chamando minha atenção. Meus olhos se ergueram rapidamente para encontrar os dele, as rugas profundas do sorriso se formando ao redor dos seus olhos em forte contraste com a barba por fazer.

"O que você quer?", ele perguntou rispidamente, repetindo-se, mas suavizou o tom.

Engoli em seco, nervosa, tentando organizar meus pensamentos. Eu precisava de comida.

"Você tem alguma comida?", perguntei timidamente, minha voz quase um sussurro.

As sobrancelhas do barman se juntaram levemente, e não pude deixar de notar a maneira como seu olhar percorreu meu corpo como se ele estivesse avaliando exatamente quem eu era com aquele olhar.

"Não muito, mas temos ensopado e um pouco de pão amanhecido."

O alívio tomou conta de mim quando peguei a moeda e a coloquei no balcão. "Isso é suficiente?"

Ele agarrou meu pulso com firmeza, fazendo-me pular de surpresa. Senti seus dedos pressionarem a falsa marca de rebelião que eu havia tatuado tolamente na pele.

A marca que me levou até *ele*.

Meu coração batia forte contra as costelas enquanto ele olhava por cima da minha marca. Eu só conseguia imaginar os pensamentos que passavam pela sua cabeça enquanto ele segurava meu pulso pulsante.

Ele sabia que eu estava fugindo? Ele sabia da minha verdadeira identidade? Eu temia que, com a rebelião à minha procura, a notícia já tivesse se espalhado pelas aldeias.

Com um gesto gentil, porém autoritário, ele estendeu a outra mão em minha direção. Ao girar o pulso, as linhas desbotadas de sua própria marca de rebelião

apareceram. O desenho intrincado e o significado por trás dela estavam agora expostos para que eu pudesse ver.

Enquanto eu olhava para a marca gravada em sua pele, eu deveria ter me acalmado com uma sensação de familiaridade e segurança, mas em vez disso, uma onda pesada de pavor tomou conta de mim.

Dacre havia tomado o que começara a parecer um lar e o transformado em algo cruel e implacável. A cidade oculta havia se tornado algo que me mataria, assim como meu pai.

Meu peito doía enquanto eu olhava para a marca daquele homem e tudo que eu conseguia ver era a traição de Dacre. Tudo que eu conseguia ver era a minha própria.

Ele me chamava de traidorazinha desde o dia em que o conheci, e tinha razão. Eu o estava traindo o tempo todo.

Mas eu não poderia confiar a verdade a ele.

Ele era filho da rebelião, e eu era filha de tudo contra o que eles lutaram. Nascemos e fomos criados para ser inimigos, para nunca confiar um no outro.

O barman inclinou a cabeça para o lado, estudando-me atentamente. Eu me senti desconfortável sob seu olhar atento. Era como se ele pudesse ver através de mim, desvendando todos os meus segredos e medos. Seu escrutínio me fez estremecer, e eu ansiava por escapar.

Mas eu ansiava mais por comida.

"De quem você está fugindo?" ele perguntou, quebrando o silêncio tenso entre nós.

Senti meu coração cair no estômago enquanto o pânico inundava meu corpo.

Sem pensar, levantei-me e comecei a me afastar dele, instintivamente estendendo a mão para pegar a faca que estava escondida no meu colete.

Eu não tinha poder algum, não conseguia sentir nenhum sinal dele desde que saí da cidade oculta. Agora, só eu e minha adaga podíamos nos proteger.

Mas em vez de me atacar ou chamar atenção como eu esperava, a expressão do barman se suavizou e ele levantou as mãos em um gesto calmante.

"Calma agora, não precisa disso."

Minha mente estava a mil enquanto eu tentava pensar em uma explicação ou desculpa para poder sair dali.

"Sente-se e coma." Ele acenou com a cabeça para o banco que eu acabara de deixar. "Você não vai conseguir ir muito longe se não comer alguma coisa."

Quando não me mexi, ele suspirou e se inclinou para frente no bar, de modo que ficou olhando diretamente para mim e ninguém mais pôde ouvi-lo.

"Você verá que a maioria das pessoas aqui não apoia o rei, mas nosso apoio à rebelião também está vacilante."

Meu olhar se voltou para ele e soltei um suspiro trêmulo. "O quê?"

Ele fez sinal para que eu me sentasse novamente e, dessa vez, fiz o que ele disse.

Sentei-me no banco, com a mão ainda apoiada na faca. O barman caminhou até os fundos, e minha coluna se endireitou enquanto eu observava a direção em que ele acabara de sair, antes de examinar a pequena taverna para ver se mais alguém estava me observando.

O barman voltou, com as mãos ocupadas com uma tigela fumegante de ensopado e um pedaço de pão. Ele colocou os dois na minha frente e assentiu.

Eu não esperei.

Peguei a colher e enfiei um pedaço grande de ensopado na boca. Não me importei que queimasse minha língua. Eu estava morrendo de fome.

"Vá mais devagar ou você vai ficar doente."

Ele deu um pequeno passo para trás antes de me servir uma cerveja e colocá-la no balcão à minha frente.

Engoli minha comida rapidamente e peguei o copo.

"Como você sabia?"

"Que você está fugindo?" Ele riu, o som profundo e despreocupado.

Eu assenti e ele cruzou os braços.

"Bem, eu sei que você não está só de passagem. Ninguém passa por aqui de passagem, principalmente quando parece que está prestes a desmaiar de fome."

Ele se aproximou, seus olhos penetrando os meus.

"Além disso", ele continuou, "eu vi a marca no seu pulso quando você entrou pela primeira vez. Não é algo que muitas pessoas exibem de forma tão descuidada, especialmente quando os soldados do rei acabaram de invadir nossa cidade procurando pelo herdeiro perdido."

Engoli em seco, minha garganta estava seca de medo.

"Preciso ir embora."

"Você precisa comer." Ele acenou com a cabeça em direção ao meu ensopado. "Os soldados do rei partiram há duas noites, e estavam indo para o sul, que presumo ser a mesma direção para onde você está indo."

Assenti, embora não tivesse motivo para confiar nele.

"Então você comerá e descansará." Ele disse isso com tanta naturalidade, como se não houvesse espaço para discussão, e não havia. Eu não podia dizer a este homem que não estava apenas fugindo dos soldados do rei, mas também dos homens que deveriam proteger aqueles que não serviam ao rei.

Dei mais uma mordida na comida antes de pensar no que ele havia dito. "O que você quis dizer com o apoio à rebelião estar vacilando?"

Ele me estudou por um longo momento antes de responder.

A rebelião nunca deveria ter sido sobre poder ou controle. Era uma luta pela liberdade, por um futuro melhor. Mas, com o passar do tempo, alguns começaram a vê-la como uma oportunidade de poder. Os limites se tornaram tênues e muitos perderam de vista o verdadeiro significado.

Absorvi suas palavras, deixando meus pensamentos vagarem para o pai de Dacre. Eu me sentira desconfortável desde o primeiro momento em que o conheci, e agora sabia que era porque ele me lembrava outra pessoa.

Meu pai.

Homens sedentos de poder que perderam de vista o que deveria ser importante para eles.

Olhei para o meu ensopado e pão antes de dar outra mordida e saborear o calor que isso trouxe ao meu estômago vazio.

Dacre poderia ser um desses homens também, mas uma ponta de dúvida me disse que, embora eu quisesse odiá-lo, ele não era nada parecido com eles.

E isso de alguma forma tornou as coisas muito piores do que se ele estivesse.

Tanto a minha traição quanto a dele teriam sido mais fáceis de suportar se ele se encaixasse no molde que eu havia criado em minha mente. Mas, em vez disso, ele acabou não sendo nada do que eu imaginava. A constatação me atingiu como uma onda quebrando na praia, deixando-me perdida e confusa em seu rastro.

Olhei para o barman, seus olhos ainda em mim, esperando que eu respondesse.

"Já conheci homens assim", consegui dizer com a voz quase num sussurro.

Ele suspirou, passando a mão pela barba enquanto falava. "Eu diria que sim. É difícil confiar em alguém hoje em dia, e mesmo aqueles que lideraram a luta por um futuro melhor foram cegados por suas ambições."

Olhei para minha refeição pela metade, sentindo o peso de suas palavras pesando sobre mim.

"Você acha que Davian quer se tornar rei."

Ele cerrou o maxilar como se não devesse ter dito o que disse em seguida, e eu queria que não tivesse dito.

"Há anos o plano de Davian é fazer de seu filho, Dacre, o próximo herdeiro do trono."

Meu estômago se revirou com uma mistura de raiva e algo que eu não conseguia identificar. Pensei que estivessem lutando por uma vida melhor, lutando contra meu pai implacável, mas, na realidade, não estavam fazendo nada além de ajudar Dacre a garantir seu lugar como o próximo rei.

Além do meu pai, eu era a única pessoa que estava no seu caminho.

E ainda assim ele me deixou correr.

Se o pai dele me encontrasse, eu não tinha dúvidas de que ele me veria morto.

Dei outra mordida na comida, engoli tudo e coloquei a colher de volta na tigela.

"Obrigada por isso." Acenei para a comida enquanto me levantava. "Preciso ir."

Ele me observou atentamente, com muito cuidado, mas não tentou me impedir.

Em vez disso, ele apenas assentiu uma vez enquanto eu me levantava e saía pela porta.

CAPÍTULO 1 DOCRE

A escuridão cobria a floresta enquanto avançávamos. Fazia dois dias que eu tinha seguido meu pai para fora da cidade, e nesses dois dias, tínhamos visto pequenos sinais de Verena.

De vez em quando, víamos o que pareciam pegadas fracas no solo macio, mas elas desapareciam como se a própria floresta estivesse tentando escondê-la.

Mas tínhamos visto os soldados do rei.

Nós os seguimos, silenciosos como fantasmas pela mata densa. Os ouvidos aguçados de Eiran captaram trechos de conversas — sussurros sobre ela, sobre como ela fora vista em uma vila próxima.

O rei estava atrás dela. Eles a estavam caçando assim como nós, e eu temia o que ele faria se colocasse as mãos nela.

Quando a encontrei, ela estava nas masmorras. Sua própria filha, trancada como um animal.

Eu presumi então que ela era como qualquer outra traidora fugindo do reino com uma falsa marca de rebelião no braço, e a tratei como tal. Mas não podia ignorar a possibilidade de algo muito mais sombrio se esconder por trás de sua fuga.

Fiquei assombrada pelas lembranças de suas cicatrizes, e cada uma delas acendeu uma chama de raiva dentro de mim.

Cada cicatriz era um segredo que ela mantinha escondido do mundo, gravado em sua pele como um mapa do seu passado. Elas se curvavam e se entrelaçavam, cada uma escondendo sua dor como se pudessem disfarçá-la.

E eu me senti possuído pelo desejo de rastrear cada uma delas e descobrir suas verdades.

"Precisamos parar para passar a noite", resmungou meu pai. A cada hora que passava sem encontrá-la, ele ficava mais instável, assim como minha inquietação.

Éramos cinco no total. Meu pai, Eiran, e os dois braços direitos do meu pai, Adler, e o pai de Eiran, Reed.

E cada um deles seguiu meu pai com uma lealdade cega.

Se ele quisesse Verena, eles fariam tudo ao seu alcance para pegá-la, e eu faria tudo ao meu alcance para detê-los.

Paramos perto da beira de um rio, e eu virei o pescoço enquanto meu pai se agachava e segurava a água fria nas mãos. Ele tomou um longo gole antes de se virar para mim, com um olhar crítico mesmo na escuridão da noite.

"Ainda estamos a alguns dias de viagem da costa sul."

Assenti, minha mente a mil com mil pensamentos de encontrá-la.

"Se os homens do rei chegarem até ela antes de nós, eles a levarão de volta para o palácio." Ele passou as mãos molhadas pelo rosto antes de deslizá-las pela nuca. "Temos que chegar até ela antes deles."

Cerrei os dentes enquanto o observava. Claro, eles a levariam de volta para o palácio, mas era o que seu pai faria com ela quando a levaram para lá, o que me preocupou. Ela não era uma princesa perdida. Ela estava em fuga.

Eu sabia no fundo que essa era a verdade e odiava não ter sabido dessa verdade desde o começo.

Eu não tinha ideia do que teria feito se tivesse, mas, porra, eu tinha sido tão cruel com ela por pura raiva. Ela tinha mentido e me traído, mas eu não sabia que segredos ela guardava.

Ela era uma traidora, mas quem ela estava realmente traindo?

"Não vamos deixar que eles cheguem até ela", prometeu Eiran ao meu pai enquanto vasculhava sua mochila, com a determinação estampada em cada linha do rosto. Cerrei os punhos ao lado do corpo, a vontade de atacar crescendo dentro de mim.

"Qual é o plano para quando a pegarmos?" Desviei o olhar de Eiran e observei os olhos do meu pai enquanto fazia a pergunta.

Ele parou por um instante, com o olhar distante enquanto pensava na resposta. "Primeiro, a encontramos, depois faremos exatamente o que precisa ser feito."

"Qual?" Eu ouvia meu coração pulsando forte nos ouvidos. Seja qual for o plano que meu pai tinha para ela, eu não ia gostar.

"Que é o que você já deveria ter feito em vez de ficar pensando com o seu pau." Ele soltou um rosnado frustrado, e eu vi o sorriso irritante de Eiran pelo canto do olho. "Você acha mesmo que eu confiaria em você com o nosso plano depois do que você fez?"

"E você acha mesmo que eu vou te ajudar a encontrá-la, se você planeja usá-la como isca para atrair o pai dela?" Eu não deveria ter dito isso. Eu sabia que não deveria, e o jeito como seus olhos se estreitaram e seu maxilar se apertou só me tranquilizou.

"Acho que você se tornou um fardo quando deveria ser o nosso futuro. Nosso povo conta com você, e você está disposto a sacrificar o futuro deles pela filha do rei?" Suas palavras me atingiram, como um soco no estômago. Em toda a minha vida, ele nunca questionou minha lealdade ou minha capacidade de ser exatamente o que ele precisava que eu fosse.

"Porque eu não quero que você use uma garota que não fez nada de errado?" Ela não tinha usado. Pelo menos não com ele.

"Porque você se esqueceu de onde deveria estar sua lealdade!" Ele se aproximou tanto de mim que seu peito pressionou o meu.

Minha lealdade deveria ser com minha família, com meu pai, com a rebelião, mas ele estava certo.

Minha lealdade estava vacilante há muito tempo. Pareceu se solidificar no dia em que minha mãe foi morta, mas meu pai estava tão consumido por sua sede de vingança e seus próprios interesses que se tornou cego a tudo o que a rebelião representava.

Verena se tornou uma arma que destruiu sem esforço os últimos resquícios da minha lealdade.

E isso só me deixou mais bravo com ela.

Fiquei bravo com meu pai pela forma como ele queria usá-la como um peão, mas será que eu não tinha sido nada além de um para ela?

Era isso que ela queria o tempo todo?

Mesmo que eu quisesse acreditar que isso era verdade, o olhar em seus olhos quando gritei seu nome verdadeiro me disse que não era.

Ela decidiu permanecer em uma rebelião que odiava seu pai, odiava tudo o que ele representava, e ela escolheu treinar ao meu lado e aguentar todas as besteiras que eu jogava nela como se estivesse disposta a lutar pelas mesmas coisas que nós.

E eu acreditei nela.

Uma parte de mim ainda o fazia.

Uma parte de mim desejava que ela tivesse sido exatamente quem ela disse que era, em vez da única pessoa que eu não deveria ter desejado, que eu não deveria ter desejado.

E isso fez de nós dois tolos.

"Eu não esqueci." Eu reprimi as palavras que ameaçavam sair dos meus lábios, palavras que quebrariam a frágil confiança entre nós. "Passei a vida inteira sem esquecer, assim como Wren."

Ele fez uma pausa, seus olhos buscando os meus como se tentassem encontrar as mentiras por trás das minhas palavras. Finalmente, ele soltou um suspiro profundo antes de desviar o olhar.

"Você tem razão." A tensão em sua voz deixou claro que ele não falava sério. "Nós pegaremos a princesa, e você fará exatamente o que precisa ser feito."

Ele agarrou minha nuca e me puxou para frente até minha testa encostar na dele. "Estamos todos contando com você, Dacre. Com a rebelião, com o nosso povo. Não deixe que a morte da sua mãe tenha sido em vão."

Por nada. Como se a morte dela em si não significasse tudo. Nem sua vida nem sua morte deveriam ter sido medidas por como ajudaram a maldita rebelião, mas foi a isso que ela foi reduzida.

Eles a idolatravam, ajoelhavam-se e rezavam aos deuses para que ela protegesse nossa rebelião, mas nenhum deles rezou por sua alma. Rezavam por sua proteção, enquanto Wren e eu implorávamos aos deuses por sua paz.

"Não falharemos com o senhor." Eiran se levantou e entregou ao meu pai um pouco de comida da mochila. "Não falharemos com a rebelião."

CÓPIA TULO VERENO

eu Menos de meio dia havia se passado desde que saí da taverna, mas meu estômago roncava com fome renovada.

Meu corpo havia esquecido como era viver nas ruas e havia se tornado mimado enquanto vivia na cidade escondida.

E eu estava pagando por isso agora.

O sol se punha lentamente atrás da densa copa das árvores, projetando longas sombras e salpicando o céu com vibrantes tons de laranja e rosa. À medida que a luz diminuía, uma névoa púrpura e opaca começou a se instalar sobre a terra, dando lugar a um manto de escuridão que envolvia tudo em seu caminho. Era como se a própria natureza se preparasse para um sono sob o olhar atento de uma noite estrelada.

O ar estava parado e silencioso até que um farfalhar nos arbustos chamou minha atenção. Fiquei paralisado, com os pelos da nuca arrepiados. Lentamente, peguei minha adaga, meus dedos envolvendo o cabo.

Meu coração batia forte enquanto eu me agachava e examinava a vegetação rasteira, em busca de qualquer sinal de movimento. Mas não havia nada, apenas o som da minha respiração pesada e ofegante e o suave estalar das folhas sob meus pés enquanto eu recuava lentamente.

Levantando-me, parti em direção ao sul o mais rápido que pude. O instinto de seguir em frente, de me manter à frente do perigo, era familiar, mas a exaustão atormentava meus membros a cada passo.

O cheiro de terra úmida e pinheiros impregnava o ar, e eu podia sentir o frio penetrando em meus ossos enquanto a noite caía.

Meus olhos pesados piscaram e se fecharam, meu corpo cansado cambaleando pela floresta densa. A exaustão me arrastava para baixo, mas eu sabia que precisava continuar, mantendo a maior distância possível de quem viesse atrás de mim.

Porque eles estavam vindo atrás de mim.

Todos eles seriam.

As árvores erguiam-se no alto, com seus galhos retorcidos estendendo-se como mãos na luz fraca da lua.

Meus pés se arrastavam pelo chão úmido, chapinhando a cada passo, como se a terra estivesse tentando me puxar para baixo. Eu precisava descansar, meus sentidos e movimentos estavam ficando preguiçosos e barulhentos demais, mas eu não podia arriscar parar.

Cada farfalhar de folhas e cada estalar de galhos acelerava meu coração, me perguntando se era apenas um animal ou algo mais sinistro. Mas eu não conseguia parar, não até chegar a um lugar seguro, onde quer que fosse.

Pressionei a mão contra o tronco da árvore mais próxima, parando apenas por um instante para recuperar o fôlego. As sombras ficaram mais densas e o ar mais frio enquanto eu continuava em um ritmo bem mais lento.

Meu corpo estava cansado, mas era minha mente que me atormentava. Eu não conseguia pensar direito quando não dormia direito, e pensamentos sobre minha mãe surgiam na minha cabeça quando eu normalmente tinha tanta facilidade para reprimi-los.

Seu rosto surgiu diante dos meus olhos, o mesmo sorriso suave de sempre. Ela fora minha melhor amiga um dia, minha única amiga, e agora, ela se fora.

Ela se foi porque meu pai queria outro herdeiro, precisava de um herdeiro com poder. Ele havia exigido isso dela, e agora ela se fora.

Pensamentos sobre Dacre e sua própria mãe inundaram minha mente. Será que ela era tão diferente da minha? Ambos morreram por suas famílias, por seu povo. Ambos morreram tentando proteger o que amavam.

Minha mãe tentando prover um futuro herdeiro para nosso reino.

Ele está tentando me substituir por um herdeiro.

Ambos deram tudo pela ganância da pessoa que amavam.

Eu tinha conseguido ver isso nos olhos do pai de Dacre desde o momento em que o conheci. Era o mesmo olhar que meu pai sempre teve, mas eu tinha sido tolo quando se tratava de Dacre.

Eu não tinha visto isso com ele.

Eu não senti isso.

Minha mãe teria vergonha de mim. Envergonhada por eu ter fugido de casa, do meu dever.

E eu corri direto para as mãos do nosso inimigo, para as mãos daquele que destruiria tudo o que eu um dia amei.

Minha mente estava cheia de pensamentos e lembranças, dificultando a concentração no que me cercava, mas o som de galhos quebrando me trouxe de volta à realidade.

Apertei minha mão em volta da adaga enquanto examinava a escuridão ao meu redor.

Era um véu denso que envolvia tudo em seu caminho. Formas e sombras dançavam na escuridão, mas nada se distinguia entre as árvores.

Ele estava brincando comigo e alimentando meu medo como se estivesse tão faminto quanto eu.

Eu ofegava, meu peito arfando enquanto eu observava freneticamente o ambiente. Mas antes que eu pudesse processar completamente meu pânico, uma mão enorme tapou minha boca, abafando meus gritos. Eu tropecei. Para trás e colidi com um corpo duro e inflexível pressionado contra mim por trás.

“Shhh”, uma voz sussurrou em meu ouvido, o som era próximo demais para ser confortável.

Dacre. Seu nome ecoava pela minha mente enquanto meu coração batia forte contra as costelas. Eu me contorci, tentando acertar a adaga na pessoa atrás de mim, mas ela agarrou meu pulso antes que eu pudesse sequer tentar causar qualquer dano.

Sua mão apertou mais forte em volta da minha boca, e um abafado "Merda" escapou de seus lábios no momento em que ouvi vozes vindas da direção de onde eu tinha acabado de vir.

Respirei fundo e irregularmente pelo nariz, enquanto minhas mãos tremiam.

"Para onde diabos ela foi?"

As sombras pareciam amplificar as batidas do meu coração, o som ensurdecedor enquanto meu peito subia e descia rapidamente. Minhas mãos tremiam enquanto eu agarrava minha adaga com força, tentando recuperar o controle.

"Os rastros dela me levaram para cá, mas a floresta está muito densa agora." Outro homem falou e o medo percorreu lentamente minha espinha, envolvendo cada parte de mim até que eu não conseguisse mais escapar.

"Precisamos ir mais para o sul." Um terceiro. "Os deuses sabem que é para lá que ela está indo, e o rei vai arrancar todas as nossas cabeças se ela conseguir embarcar num navio antes que possamos pôr as mãos nela."

Os homens do meu pai.

Tentei respirar pelo nariz, mas a tarefa ficou cada vez mais difícil quando eles finalmente apareceram através do luar salpicado, e avistei os uniformes pelos quais estive cercado a vida toda.

"Quieto." A voz atrás de mim era tão baixa que mal a ouvi, mas mesmo assim, eu escutei.

Assenti, engolindo o nó de medo na garganta.

Fiquei em silêncio enquanto ouvíamos os soldados do rei avançando pela floresta. Meus olhos percorreram a escuridão, as árvores pairando acima de nós como sentinelas sombrias e agourentas.

Esta floresta guardava meus segredos, e eu estava com medo de que ela me entregasse.

Por alguns instantes, ficamos parados e congelados, ouvindo os sons dos soldados se retirando, até que foram engolidos pelo farfalhar das folhas. Lentamente, seus dedos me soltaram com força e eu cambaleei para longe, meus pés tropeçando em raízes e pedras na pressa de nos distanciar. Quando finalmente me virei para encará-lo, meu corpo tremia de adrenalina e meu coração batia tão forte contra o peito que eu tinha certeza de que ele podia ouvir. Minha respiração era curta e ofegante enquanto eu lutava para me equilibrar.

"Eiran." Minha voz era como as asas de uma borboleta, delicadas e evasivas, batendo suavemente no escuro.

A onda de decepção que me atingiu foi fria e pesada. Não era Dacre. Ele não tinha vindo.

Os olhos de Eiran eram duros e inflexíveis, mas havia um lampejo de algo mais sob a superfície. Ele deu um passo à frente, o luar lançando sombras sinistras em seu rosto.

"Precisamos conversar", ele disse, com a voz baixa e quase irreconhecível.

Isso me lembrou do Micah, do jeito como nós dois nos aconchegávamos e falávamos em voz baixa, com medo de que alguém nos ouvisse. Fazia tanto tempo que eu não pensava nele.

A culpa tomou conta de mim, me afogando em vergonha.

Ele foi meu único amigo depois que deixei o palácio, e eu mal me permiti pensar nele desde que fui levado pelos guardas do palácio.

Eu confiei nele quando não podia confiar em mais ninguém, e egoisticamente desejei que ele estivesse aqui comigo agora. Apertei meu polegar contra a marca que ele me deu, a marca falsa que ele acreditava que me ajudaria a escapar.

Balancei a cabeça, mal confiando na minha voz para dizer as palavras que me atormentavam. "Eu não confio em você."

Como se estivesse caminhando em areia movediça, meus pés afundavam cada vez mais no chão a cada passo que eu dava para longe dele, a desconfiança borbulhando dentro de mim e me forçando a recuar.

Por que ele estava aqui?

Ele ergueu as mãos como se estivesse se rendendo diante de mim, sem tirar os olhos dos meus. "Vim aqui para te encontrar. Não para servir Davian."

Lancei-lhe um olhar de total descrença, franzindo a testa. Com as costas pressionadas contra a casca áspera da árvore atrás de mim, pude sentir a textura da madeira cravando-se nas palmas das mãos enquanto me preparava. "Seu pai serve Davian."

"E o seu destruiu o nosso reino." Ele inclinou a cabeça para o lado, sem desviar o olhar do meu. "Seremos julgados pelos pecados dos nossos pais? Eu prometo, Princesa, que você perderá."

"Não me chame assim", eu retruquei, minha voz ecoando nas árvores, alta e aguda demais.

A sobranceira de Eiran se ergueu numa silenciosa demonstração de surpresa. Suas palavras me atingiram profundamente, mas eu sabia que ele estava falando a verdade. O peso dos pecados do meu pai pesava sobre meus ombros.

Se eu fosse julgado pelos pecados do meu pai, não haveria chance de nosso povo me permitir viver.

Minha voz tremeu enquanto eu falava, o medo e a incerteza evidentes em meu tom. "Você pode estar mentindo", acusei-o, meus olhos buscando em seu rosto qualquer sinal de mentira.

Ele respondeu com um olhar frio e duro. "Você esteve", retrucou, suas palavras me atingindo como um soco no estômago. Meu peito... doeu quando ele continuou: "E agora toda a rebelião está atrás de você."

Desesperadamente, pressionei as mãos na casca áspera da árvore atrás de mim, cravando os dedos até que meus nós dos dedos ficassem brancos de tanta força. "Exceto você?"

Ele se aproximou, seu rosto ganhando nitidez sob o suave brilho da lua. Cada linha e curva eram visíveis para mim, desde as leves rugas ao redor dos olhos até a linha acentuada do maxilar. O luar dançava por entre os galhos acima, projetando sombras em suas feições enquanto ele se aproximava.

Eiran hesitou, seus olhos buscando a resposta nos meus. "Sim." Seus lábios mal se moveram enquanto ele falava, os músculos do maxilar tensos. "Exceto eu."

Observei-o atentamente, examinando seu rosto em busca de qualquer indício de mentira em suas palavras. Mas o cansaço que me consumia ameaçava obscurecer meu julgamento e eu lutava para manter o foco. Minhas pálpebras estavam pesadas como chumbo, pesando sobre cada movimento meu.

"Não confio em Dacre há anos, e não confiei a ele com você."

"Você nem me conhece."

Ele balançou a cabeça, cerrando os dentes enquanto lutava para conter as emoções. "Você nunca me deu uma chance."

Eu não tinha dado essa chance a ninguém.

Meus pensamentos foram para Wren, e estremeci ao pensar em todas as mentiras que eu havia contado a ela, o engano que havia se tornado algo natural para mim.

Eu menti para todos eles.

Pisquei; meus pensamentos se embaralharam. Meu olhar se desviou para os meus pés, sem saber o que dizer. Finalmente, levantei a cabeça para encontrar seu olhar intenso, sentindo uma onda de emoções me invadir. "Por que você está fazendo isso?"

Eiran respirou fundo, sem tirar os olhos dos meus. "Porque eles vão te matar se você não fugir."

Suas palavras me atingiram como um raio. Eu sabia lá no fundo que isso aconteceria, mas ouvi-las ditas em voz alta por alguém tornou tudo muito real. O ar ao nosso redor parecia crepitar de tensão, uma tempestade invisível se formando entre nós.

"Me mata?"

Com o luar dançando em seu rosto, seus olhos refletiam todo o peso e solenidade de suas palavras. Não havia espaço para dúvida ou engano em seu olhar, apenas uma convicção inabalável que me arrepiou. "Se a rebelião o encontrar, Davian o verá morto. Se os homens de seu pai o encontrarem, temo o que ele fará."

"Meu pai." Um medo frio se retorceu em meu coração.

"Ele anunciou uma recompensa pelo seu retorno, Nyra." Os olhos de Eiran estavam fixos no meu rosto, estudando cada movimento e cada centelha de emoção que me percorria. "O reino inteiro sabe que você está desaparecido. Eles sabem da morte da rainha."

Meu coração disparava e minhas palmas estavam encharcadas de suor. Todos os músculos do meu corpo estavam tensos, prontos para fugir a qualquer momento. A ameaça iminente da rebelião parecia insignificante comparada ao perigo que meu próprio pai poderia me trazer.

"O que você disse?" Minha voz tremia enquanto eu falava, traindo o terror que me consumia.

"Há uma recompensa."

"Não." Balancei a cabeça. "A rainha?"

A expressão de Eiran tornou-se sombria. "Sim." Ele assentiu. "Os detalhes da morte dela não são claros, mas havia rumores de que ela estava esperando outro herdeiro."

Meu coração afundou com a confirmação dos meus piores temores. A rainha estava morta, assim como seu herdeiro.

Uma sensação de estranha familiaridade me invadiu enquanto as lembranças da minha mãe me inundavam. O peso da sua dor e sofrimento me atingiu no peito como um golpe físico.

Ela havia sido levada ao limite pela pressão constante para produzir outro herdeiro para o rei, e agora a história estava se repetindo com a nova rainha, que também havia sido vítima de suas exigências implacáveis.

"Preciso ir." Desencostei da árvore, mas meus pés estavam instáveis. Eiran estendeu os braços e os envolveu com as mãos, inclinando-se até que nos olhássemos nos olhos.

"Você precisa descansar." Seu olhar percorreu meu corpo, e eu odiava pensar no que ele estava vendo. "Você pode muito bem se entregar a eles se acha que vai conseguir continuar assim."

"Eu ficarei bem."

"Você não tem poder, Nyra."

Engoli em seco. *Dacre não tinha contado a eles.*

E Dacre não estava aqui. Eiran estava.

Como ele me encontrou? Como ele escapou da rebelião para fazer isso?

"Parece que você vai desmaiar a qualquer momento. Precisamos encontrar um abrigo e deixar você descansar um pouco. Você deveria saber."

Endireitei a coluna e fechei a mão em punho. "Eu não tinha exatamente essa opção, Eiran."

"Bem, estou aqui agora." A expressão de Eiran se suavizou, rugas de preocupação e exaustão estampadas em seu rosto enquanto ele me olhava. "Você tem opções agora."

CAPÍTULO 1 DOCRE

EU Despertou com o zumbido baixo e abafado de vozes murmurantes e gemeu. O céu ainda estava envolto na escuridão da madrugada, mas os outros já estavam se mexendo, ansiosos para recomençar a busca.

E eu estava igualmente ansioso.

Apesar da minha relutância, finalmente me permiti sucumbir à exaustão que me consumia. Meu pai insistiu em assumir a vigília para que eu pudesse descansar, e eu caí num sono profundo.

O orvalho fresco da manhã grudou em minhas bochechas, e instintivamente estendi a mão, limpando as gotas enquanto me sentava. Estávamos acampados nos arredores da vila onde Verena supostamente fora vista, e a ansiedade me invadiu ao pensar em finalmente encontrar algum sinal dela.

Ela estava lá fora, em algum lugar, sozinha e vulnerável, e a culpa se retorcia dentro de mim por não tê-la protegido. A simples ideia do que ela poderia estar enfrentando me fazia revirar as entranhas de preocupação.

A culpa foi minha.

O olhar do meu pai se voltou para mim, sua expressão severa e preocupada enquanto ele me observava com olhos cansados.

Obriguei-me a ficar de pé, apesar dos protestos do meu corpo exausto.

"O que aconteceu?" perguntei, com a voz ainda rouca de sono.

"A rainha está morta." As palavras pairavam pesadamente no ar, envolvendo-me num manto de inquietação.

"O quê?" Passei os dedos pelos cabelos, sentindo os nós de dormir no chão da floresta. "Como você sabe?"

Perguntas giravam em minha mente, cada uma mais urgente que a anterior.

"Eiran entrou sorrateiramente na aldeia ontem à noite, depois que comecei a vigiar. Ele ouviu os aldeões conversando."

Eiran. Afastei-me do meu pai, procurando por ele, mas ele não estava mais no acampamento.

"Onde ele está?"

Uma onda de pavor tomou conta de mim. A morte da rainha só podia significar uma coisa: o rei não pararia até encontrar Verena.

Com a rainha morta, ela era sua única herdeira.

"O rei?", respondeu ele. "De luto, presumo. Embora duvide que o homem fique de luto por muito tempo. Ele perdeu a rainha, mas há rumores de que também perdeu um filho ainda não nascido."

Meu estômago embrulhou enquanto eu processava as implicações da morte da rainha. A notícia trouxe uma nova onda de urgência à busca por Verena. Eu precisava encontrá-la antes que qualquer outra pessoa pudesse.

"Onde está Eiran?" Peguei o pequeno pacote de suprimentos que havia trazido comigo e ajustei as alças sobre meu ombro.

Meu pai se mexeu, desconfortável, evitando meu olhar enquanto respondia à minha pergunta. Seus olhos se voltaram para o sul. "Eu o mandei de volta para a cidade oculta. Ele foi avisar os outros do que está por vir."

Suspeita e dúvida turvavam meus pensamentos quando se tratava de Eiran. Fazia anos que eu não confiava nele, e agora uma inquietação nauseante se insinuava em meu íntimo.

"Por que você não me acordou?" Eu não conseguia controlar a pontada de raiva na minha voz.

"A vila não ia acordar antes do nascer do sol, então não havia necessidade de acordá-la", respondeu ele calmamente. "Apesar da notícia da morte da rainha, ainda precisamos descobrir o que sabem sobre a princesa, sobre para onde ela foi."

Assenti, sentindo o peso da situação pesar sobre mim. A urgência em encontrar Verena se intensificou, sabendo que o rei não mediria esforços para encontrá-la. Eu não sabia as motivações do rei, não conseguia entender o que o homem estava planejando, mas Verena era a herdeira deste reino, a herdeira de seu poder.

E com a notícia da morte da rainha se espalhando como fogo, as apostas aumentaram ainda mais.

Sem dizer mais nada, parti em direção à vila, a voz do meu pai desaparecendo no fundo enquanto minha determinação me impulsionava adiante.

A névoa da manhã grudava nas árvores, criando uma atmosfera sinistra que combinava com a agitação no meu peito.

Quando cheguei aos arredores da vila, diminuí o passo, observando os arredores.

Os moradores estavam apenas começando a se mexer, sem perceber a tempestade que se formava no meio deles.

Eles seguiam suas rotinas diárias, mas havia uma corrente de medo que me deixava nervoso. Eu me esforçava para captar trechos de conversas sussurradas que pudessem dar uma pista sobre o paradeiro de Verena.

Meus olhos pousaram em uma senhora idosa sussurrando freneticamente para um homem mais jovem.

Aproximei-me, tomando cuidado para não chamar muita atenção. As vozes eram baixas, mas consegui captar alguns trechos da conversa.

"...morte da rainha..." murmurou a mulher, com a voz carregada de tristeza.

"...princesa..." Outra sequência de sussurros.

Cheguei mais perto, e a mulher me lançou um olhar cauteloso antes de se inclinar para sussurrar algo no ouvido do homem. Seus olhos se arregalaram quando ele se virou completamente para mim.

"Você viu uma moça?" perguntei tolamente, e ela resmungou.

"Você está aqui procurando a princesa?" Ela cruzou os braços, a pele enrugada se formando ao redor dos olhos.

O homem ao lado dela ficou tenso, parecendo pronto para fugir.

"Estou." Olhei rapidamente por cima do ombro, mas não vi sinal do meu pai.

"Seus homens já invadiram nossa aldeia procurando por ela. Ela não está aqui." Rugas profundas se formaram em sua testa, demonstrando seu desafio. "Diga ao seu rei que ele terá que procurar em outro lugar."

"Eu não sirvo a nenhum rei."

A mulher estreitou ainda mais os olhos. "Então você está atrás dela pela recompensa."

Não era uma pergunta.

"Que recompensa?", perguntei, tentando manter a voz firme apesar da urgência que pulsava em minhas veias.

"O rei ofereceu uma recompensa pelo retorno seguro da princesa. Ele relata que ela foi capturada no palácio."

Levada. Não escapou. O rei jamais arriscaria manchar seu poder ao deixar o público saber que a princesa havia fugido de ele. Ele era muito astuto, muito dissimulado para deixar que alguém acreditasse que ele havia perdido o controle sobre seus súditos ou sobre sua própria família.

Seu próprio herdeiro.

"Capturado?"

"Pela rebelião." Ela me observou atentamente, seus olhos percorrendo minhas roupas de couro e as armas presas ao meu corpo. "Dizem que a rebelião também é culpada pela morte da rainha."

"Como?" perguntei.

O jovem se inclinou, sua voz tão baixa que eu mal conseguia ouvi-lo. "Dizem que a rebelião enviou um assassino ao palácio disfarçado de servo. A rainha foi encontrada morta em seus aposentos e a princesa desapareceu."

Mais mentiras. Mais enganos.

Eu podia ouvir uma comoção vindo de trás de mim, e vi um morador bater a porta quando meu pai e seus homens apareceram da fileira de árvores.

"Você está com eles." Era uma acusação.

"Você viu a princesa?", perguntei apressadamente, querendo mais informações, precisando de mais.

Estendi a mão e envolvi a dela. Quando nossas mãos se tocaram, pude sentir o calor irradiando da palma da mulher, um calor reconfortante que se espalhou pela minha. Sua pele era macia e levemente calejada, e eu podia sentir a suave pressão de seu aperto contra o meu. "Por favor, me ajudem a encontrá-la antes que eles a encontrem. Ela está em perigo."

Seus olhos se fixaram nos meus, seu olhar afiado e calculista como uma flecha me atravessando. Eram de um castanho profundo e intenso, e cada vinco e contorno de suas íris estavam gravados com histórias e segredos. "Uma jovem passou por aqui há dois dias. Não sei muito, mas ela parou na taverna."

A mão do meu pai pousou no meu ombro, assustando-me, e rapidamente me virei para encará-lo, sua expressão inescrutável enquanto ele estudava a senhora idosa à nossa frente.

"O que você aprendeu?"

O olhar da mulher vagou entre meu pai e eu, os lábios comprimidos em uma linha fina. "Eu contei a ele tudo o que sabemos." Ela estendeu a mão na frente do companheiro, como se precisasse protegê-lo de repente.

"Uma jovem passou por aqui há alguns dias", respondi rapidamente. Contando o máximo de verdade possível.

Cada passo que eu dava parecia como andar na corda bamba, oscilando entre revelar apenas a verdade suficiente para continuar no caminho certo em nossa busca por ela e fabricar mentiras suficientes para garantir que eu seria o primeiro a encontrá-la.

"Precisamos interrogar mais a aldeia para ver o que podemos encontrar." Os olhos penetrantes do meu pai permaneceram fixos na mulher, e ela não se encolheu diante do seu olhar.

"Concordo." Assenti. "Temos muito terreno a percorrer."

Nós quatro nos separamos, cada um seguindo uma direção. Rapidamente, caminhei em direção à taverna da cidade, ansioso por descobrir qualquer pista que pudesse nos levar ao seu destino.

Ao entrar, o ar estava carregado com o cheiro de cerveja velha e fumaça. Havia apenas um outro cliente, um homem desganhado que parecia ter passado a noite inteira lá dentro.

Outro homem estava atrás do balcão, limpando incansavelmente a superfície. Seus olhos redondos se arregalaram quando ele me viu entrar, e eu rapidamente me aproximei dele.

"Com licença, senhor", comecei, tentando soar o menos ameaçador possível. "Estou procurando uma mulher que pode ter passado por aqui há alguns dias. Uma das mulheres da aldeia me disse que a viu entrar."

"Dacre?" Sua mão parou abruptamente, congelada no ar, enquanto ele me encarava com uma expressão de total descrença estampada em seu rosto.

"Desculpe. Eu te conheço?" Estudei o rosto do homem, tentando me lembrar se já o tinha visto antes. Sua pele estava envelhecida e uma pequena cicatriz descia por sua bochecha. Apesar dos meus esforços, não consegui me lembrar dele.

"Faz muitos anos que não te vejo." Ele largou o pano antes de passar as mãos pela camisa. "Por que você está aqui?"

"Estou procurando a Princesa Verena."

Seus olhos percorreram a taverna, embora não houvesse mais ninguém lá, mas houve um lampejo de reconhecimento que passou por seu olhar.

"Você a viu?" Havia uma urgência em minha voz, mesmo que eu tentasse disfarçar.

"O que você quer com ela? Você está com seu pai?" Suas perguntas surgiram uma após a outra, as duas se misturando.

"Estou com meu pai." Olhei rapidamente por cima do ombro, como se mencioná-lo o fizesse aparecer de repente. "Mas eu não..." Balancei a cabeça. " *Preciso* encontrá-la."

O rosto do homem tornou-se solene ao encontrar meu olhar, a luz bruxuleante da tocha lançando sombras profundas sobre suas feições. "Não vou ajudar você a machucá-la."

Meu coração se apertou com suas palavras.

"Eu não vou..."

"Rafe. Eu não esperava te encontrar aqui." A voz do meu pai cortou a taverna, e eu me virei para vê-lo parado na porta, seu corpo alto bloqueando a maior parte da luz de fora.

"Davian." Rafe deu um pequeno passo para trás, como se estivesse se preparando para uma briga. "O que você está fazendo aqui?"

"Você sabe por que estamos aqui." Meu pai deu um passo para dentro da taverna, e eu vi Reed e Adler esperando do lado de fora da porta. "Estamos procurando a princesa."

"É verdade o que dizem?" Rafe cruzou os braços. "Sobre a rainha?"

"O que é que eles dizem, exatamente?" O olhar do meu pai perfurou Rafe, intenso e inabalável. Suas feições estavam tensas e reservadas, sem demonstrar nenhuma emoção.

Os olhos de Rafe se voltaram para mim e para meu pai, com uma mistura de medo e desafio turbilhonando em suas profundezas. "Dizem que ela foi morta pela rebelião", respondeu ele finalmente.

Meu pai cerrou os dentes. "E a princesa? O que dizem dela?"

Rafe hesitou, seu olhar vagou brevemente em minha direção antes de retornar para meu pai.

"Dizem que você a levou."

A expressão do meu pai se obscureceu, seu maxilar se contraiu como se estivesse rangendo os dentes. "Você sabe que isso não pode ser verdade, já que a viu."

Rafe observou meu pai, estudando-o atentamente. "E você sabe que eu não vou te ajudar a encontrar a garota que você pretende destruir."

"Destruir?", a voz do meu pai ecoou na taverna mal iluminada, com um tom perigoso se infiltrando em seu tom. "Assim como o pai dela destruiu o nosso reino?"

Rafe se manteve firme, o maxilar cerrado em determinação. "Eu não vou te ajudar. Meus anos te ajudando já se passaram há muito tempo. Nós dois sabemos disso."

As mãos do meu pai se fecharam em punhos enquanto ele dava um passo em direção a Rafe, fazendo com que o homem endireitasse sua postura em desafio.

"Tenho meus métodos para fazer você me ajudar", rosnou meu pai, com a voz baixa e ameaçadora. "Você jurou servir a esta rebelião e aqui está você, escondido nesta maldita pequena cidade. "Vila." Meu pai parou assim que chegou ao meu lado. "Ainda não tive o prazer de ver sua família desde que chegamos."

O olhar de Rafe se voltou para mim, um apelo silencioso passando entre nós. Ele se manteve firme diante do meu pai, sua determinação inabalável mesmo diante de suas ameaças, e seria um erro.

Meu pai não fez ameaças vazias.

"Minha família não tem nada a ver com isso", Rafe tinha os ombros tensos e rígidos, o maxilar travado. "Já era hora de vocês todos irem embora. Acho que vocês já passaram do ponto de vista de vocês nesta maldita vilazinha."

O silêncio pairou entre eles, quebrado apenas pelos sons fracos da vila lá fora.

"Levem-no", ordenou meu pai, e Reed e Adler passaram pela porta no momento em que ele deu a ordem. "Lá atrás. Vamos conseguir as informações que precisamos."

Rafe deu um passo para trás, mas não havia para onde escapar enquanto eles continuavam andando pelo bar.

Reed estendeu a mão para agarrar o braço de Rafe, mas o antigo aliado do meu pai se esquivou, com um brilho de desespero nos olhos. Em um movimento rápido, ele se esquivou da mão estendida de Reed e correu em direção à porta dos fundos da taverna.

Mas ele não foi rápido o suficiente, e eu fechei meus olhos enquanto seu grito rasgava o ar.

CAPÍTULO 6

VERENO

E Iran caminhava bem atrás de mim, seus passos confiantes ecoando pela densa floresta. Sua presença às minhas costas era ao mesmo tempo intimidadora e reconfortante. Embora eu soubesse que não deveria ter encontrado conforto nele de forma alguma.

Eiran nunca me deu motivo para não confiar nele, mas eu não podia me dar ao luxo de confiar em ninguém naquele momento. Nem da rebelião, nem do palácio.

Mas ainda assim, eu me sentia muito mais segura do que sozinha.

Meus passos eram pesados, oprimidos por tudo o que acontecia. Eu me sentia como se estivesse atravessando uma ponte em chamas, uma ponte que merecia ruir e cair. Um campo de guerra que não me deixava escolhas. Meu passado me cravava as garras, mas meu futuro estava tão emaranhado em Dacre, e os pensamentos sobre ele eram tão intermináveis que eu estava sufocando.

Tudo o que eu queria era desaparecer, mas no momento em que vi Eiran percebi que talvez tudo o que eu realmente quisesse fosse ser encontrado.

Mas quando olhei para Eiran, ainda me senti perdido.

"Bem ali em cima." Ele apontou para a base do penhasco, onde havia uma pequena abertura sombria. As rochas ao redor eram ásperas e desgastadas pelo tempo, moldadas por séculos de vento e água. Um leve cheiro de mofo emanava de dentro enquanto estávamos na beira da abertura.

Eiran avançou com determinação, erguendo a mão em direção ao céu antes de produzir um brilho suave e etéreo nas pontas dos dedos. A luz se espalhou à nossa frente, revelando o interior da caverna como se estivesse banhado pelo luar.

Apesar do seu pequeno tamanho, havia bastante espaço para descansarmos durante a noite.

E para minha surpresa, estava vazio.

As paredes lisas e as formações naturais pareciam nos acolher, oferecendo uma sensação de segurança escondida na escuridão da caverna.

A luz de Eiran dançava pela superfície, revelando fendas ocultas e minerais brilhantes incrustados na rocha. Podíamos ouvir o leve gotejar da água em algum lugar distante, adicionando uma melodia ao espaço silencioso.

Uma pontada de desejo me corroeu o estômago. Lembrava-me a Enveiloriana, um lugar pelo qual eu não deveria ter ansiado. A cidade oculta não era meu lar.

Mas eu não conseguia parar a dor que se apoderava do meu peito enquanto as lembranças de estar com Dacre me assaltavam.

Adentrei mais a caverna e acenei com a cabeça em direção à mão estendida de Eiran. "Como isso funciona?"

"Minha magia?", perguntou ele. Inclinou a cabeça ligeiramente, considerando a minha pergunta.

Assenti enquanto o observava girar a mão até que a luz apontasse diretamente para o teto.

Ele passou a outra mão pela nuca, com um olhar distante, como se tentasse encontrar as palavras certas. "Funciona como qualquer outra magia, eu acho."

"Qual?", perguntei, sentindo-me repentinamente inadequado em minha falta de conhecimento. Eu era o herdeiro do reino que prosperava na magia, mas ele me parecia tão estranho quanto o povo.

Ele me encarou como se tentasse entender o porquê da minha pergunta, já que eu não tinha magia alguma, que ele soubesse. "Então, é verdade que você não possui nenhuma."

"Você já me viu usar isso?" Uma sensação de culpa corrosiva se retorceu e revirou meu estômago, mas eu não conseguia me arrepender de tê-lo enganado.

Enquanto ele balançava a cabeça, sua expressão mudou, seu maxilar se apertou e seu olhar se estreitou tão levemente que quase não percebi.

"E as pessoas que conheci no palácio ou tinham magia de baixo nível ou tinham um tipo muito específico de magia, a maioria curandeiros." Fiz uma pausa, tentando não pensar por que aquelas eram as pessoas com quem eu havia me familiarizado mais. "Mas eu vi magia na sua rebelião que nunca tinha presenciado antes."

A admissão foi vergonhosa. Eu havia sido mantido no escuro sobre a própria essência do meu direito de nascença.

Eiran sentou-se e pressionou as costas contra a parede de pedra antes de fazer um gesto para que eu fizesse o mesmo. Obedeci sem hesitar. Meu corpo percebeu imediatamente quando afundei no chão, gemendo de alívio ao sentir meu peso sair dos pés.

"A magia neste reino é vasta, mas quase toda a magia é influenciada por algo mais." Ele estendeu a mão à sua frente e a luz lançou um brilho em seu rosto. "Isto eu herdei da minha mãe." Ele girou a mão para frente e para trás e a luz refletiu nas paredes da caverna. "Mas às vezes a magia é simplesmente manipular a energia que a terra nos dá", disse ele, finalmente fechando o punho, fazendo a luz desaparecer e nos mergulhando na escuridão mais uma vez.

Assenti, minha mente girando enquanto eu tentava entender o que ele estava dizendo.

"Mas também há limites para a magia", continuou Eiran, virando a cabeça até nossos olhares se encontrarem. "Mesmo os mais fortes usuários de magia só conseguem fazer até certo ponto antes que isso cause danos ao seu corpo e à sua mente."

"Como você sabe o limite?", perguntei, desesperado por qualquer tipo de compreensão.

"Às vezes, não." Seus olhos percorreram meu rosto. "Mas é por isso que treinamos tanto. Precisamos de um equilíbrio entre força e controle."

"Controlar."

Eiran assentiu lentamente, com uma expressão grave enquanto falava.

"Controle é a parte mais difícil da magia. Os poderes dos meus pais eram interligados e conectados. Eles conseguiam sentir quando o outro estava perdendo o controle."

Eu nunca tinha ouvido isso antes, a ideia de duas pessoas tão profundamente conectadas por meio da magia. Era fascinante e assustador ao mesmo tempo. "Todos os casamentos têm essa conexão mágica?"

"Não." Eiran balançou a cabeça. "É raro. Meus pais eram verdadeiros amigos."

Companheiros.

Fazia anos que eu não ouvia esse termo, desde que minha mãe lia contos de fadas para mim quando eu era criança. Naquela época, o conceito de parceiros parecia tão fantástico quanto dragões e unicórnios.

Mas pensamentos sobre minha própria magia surgiram em minha mente, sobre como eu não havia sentido um lampejo dela desde que deixei Dacre, sobre como eu não havia sido capaz de encontrá-la até encontrá-lo.

Mas tão rapidamente quanto o pensamento surgiu em minha mente, eu o afastei.

"E a magia de Dacre?" A pergunta escapou dos meus lábios antes que eu pudesse pensar duas vezes, e observei as feições normalmente suaves de Eiran endurecerem em resposta.

"Por que você se importa com a magia dele se ele não se importa com você?" O peso das palavras de Eiran me atingiu como um golpe físico, fazendo-me estremecer. Seu tom áspero rompeu minhas defesas, expondo uma verdade que eu não podia negar.

Meus punhos cerraram-se ao lado do corpo enquanto eu tentava controlar minhas emoções. "Ele está me procurando assim como o resto da rebelião, não é? Imagino que ele esteja muito mais bravo comigo do que com os outros", retruquei com os dentes cerrados.

Eu odiava que as palavras de Eiran fossem tão capazes de cortar uma das minhas inseguranças mais profundas.

"Sinto muito. Você tem razão", disse ele com sinceridade, a voz carregada de remorso.

"Por que você o odeia tanto?", perguntei, incapaz de esconder a curiosidade e a preocupação em meu tom.

Os olhos de Eiran se estreitaram e seu maxilar se apertou antes de responder. "Porque ele é imprudente. Ele deixa suas emoções obscurecerem seu julgamento."

"Mesmo assim, você confiou em mim", eu disse, sentindo-me esgotada. "Você também nunca deveria ter confiado em mim."

Eu deveria ter acreditado em suas palavras, mas havia um toque de inveja em sua voz. O ar ao nosso redor pareceu mudar, tornando-se carregado de uma tensão silenciosa.

"Para onde você vai?", ele perguntou, e sua pergunta me pegou de surpresa.

"O que?"

"Para sair daqui." Ele acenou com a mão ao redor da caverna. "Por que você estava na cidade escondida, para começo de conversa? Foi enviado para lá pelo seu pai ou..."

"Não fui enviado pelo meu pai", interrompi-o.

"Então voltar para o palácio não é uma opção."

"Não é uma opção." Memórias dos momentos que me levaram à fuga inundaram minha mente, e instintivamente puxei meus joelhos até o peito, tentando me proteger delas.

"Posso perguntar por quê?" Ele fez a pergunta com tanta suavidade, com tanta delicadeza, mas ainda assim, isso fez minha coluna se endireitar e reacendeu minha vontade de correr.

"Não sobrou nada para mim naquele palácio." Já fazia muito tempo que não havia mais nada.

Ele hesitou antes de falar, com a voz carregada de uma mistura de preocupação e determinação. "Você não pode retornar ao palácio ou à cidade oculta agora que Davian sabe quem você realmente é. Então, qual é o seu plano?"

"Ir para o sul o mais longe que eu puder. Para o Mar do Sul." Olhei para ele e me permiti imaginar como seria. O palácio ficava na costa do Mar do Norte, tão perto que eu crescera sentindo o ar salgado pela janela, ansiando pela liberdade e fuga que o mar prometia. Eu observava as ondas quebrando contra a areia da minha gaiola dourada e rezava aos deuses para que um dia isso me levasse com eles. "Não estarei segura enquanto meu pai puder me pegar."

"Você é o herdeiro dele", declarou Eiran, com a voz cheia de hesitação e curiosidade silenciosa. Seus olhos examinaram meu rosto, em busca de respostas para o milhão de perguntas que eu via girando em sua mente.

"Vocês todos se referem a ele como o rei cruel. É tão difícil acreditar que ele não reserva sua ira apenas para aqueles que se opõem a ele? Meu pai espera obediência de todos, e ter um herdeiro sem poder é visto por ele como o ato máximo de desobediência."

Eu o vi estremecer na escuridão, mesmo tentando disfarçar enquanto tentava entender minhas palavras. "Posso ajudar, mas precisamos ser cautelosos. A rebelião tem olhos em todos os lugares."

"E meu pai?"

"O rei ofereceu uma recompensa pelo seu retorno seguro, o que significa que qualquer um que não tenha uma forte lealdade a nenhum dos lados escolherá o seu."

"Porque o temem?"

Porque eles estão morrendo de fome. Fariam qualquer coisa por uma chance de ganhar o dinheiro da recompensa, até mesmo trair alguém que amam. A decisão de entregar você seria fácil para eles.

Eu sempre soube que meu pai era implacável e descuidado, mas era difícil ouvir o quão desesperadora a situação havia se tornado.

O frio úmido da caverna e as palavras de Eiran pareciam penetrar em meus ossos, apesar dos meus esforços para afastá-los enquanto cruzava os braços.

"O que os outros farão quando descobrirem que você está me ajudando?"

Seu maxilar ficou tenso e seu olhar se tornou distante. "Rezo para que nunca descubram", respondeu ele, com a voz carregada de emoção.

Assenti silenciosamente, sentindo meu peito apertar a cada palavra que ele dizia.

"Você deveria dormir. Eu fico com a primeira vigília." A voz de Eiran ecoou pelo silêncio da caverna.

A exaustão pesava sobre meus ombros, mas eu não conseguia lutar contra os pensamentos ansiosos que me atormentavam. O chão era duro e implacável sob mim enquanto eu me deitava, usando meus braços como um travesseiro improvisado.

Enquanto Eiran se acomodava em sua posição de vigia, tentei me forçar a relaxar. Mas com ele ali, minha mente só fervilhava com mais perguntas e dúvidas. Fechei os olhos com força e desejei que o sono chegasse.

O silêncio da caverna era quebrado por qualquer pequeno som: um farfalhar nos arbustos, o arranhar de pequenos animais. Cada um deles fazia meus olhos se abrirem de repente e meu coração disparar de medo. Encolhi-me ainda mais, tentando me proteger do ar frio da noite que parecia penetrar minha pele.

Eu oscilava entre a consciência e a inconsciência, sem nunca conseguir me entregar completamente ao sono. Toda vez que eu estava prestes a cair, um barulho alto me despertava de novo. Meu coração batia forte no peito, pronto para fugir a qualquer sinal de perigo. O refúgio da caverna agora parecia uma armadilha, e eu ansiava pela luz do dia para afugentar as sombras e os medos.

Sentei-me, sussurrando freneticamente o nome de Eiran, e vasculhei a escuridão da caverna em busca de qualquer sinal de sua presença. Meu coração batia forte no peito enquanto eu tentava não alertar sobre qualquer ameaça em potencial que pudesse estar à espreita lá fora.

"É só um animal", respondeu Eiran calmamente, de onde estava agachado na entrada. O alívio me inundou, dissipando o medo e a tensão que me dominavam. "Volte a dormir." Ele acrescentou: "Você mal conseguiu descansar."

"Estou tentando", respondi, tentando estabilizar minha respiração.

Embora eu não conseguisse distinguir suas feições na penumbra, Eiran se virou para me encarar. Ficamos assim por um longo momento antes que ele se levantasse e se aproximasse de mim novamente. Desta vez, ele se sentou muito mais perto do que antes, nossos lados pressionados.

"Você está congelando." Suas palavras me surpreenderam, e eu o encarei. Lentamente, ele se deitou de costas e colocou o braço sob meus ombros.

"Vem cá", disse ele suavemente, puxando-me para perto. Parecia errado estar em seus braços, com pensamentos sobre Dacre invadindo minha mente cansada, mas seu calor era reconfortante. Quando ele me envolveu com o braço, meus olhos se fecharam e o sono finalmente me dominou.

CAPÍTULO 1 DACE

“Não me toque.” Ela deu um passo para trás, e meus dedos escaparam de sua pele.

“Nyra.”

"Esse não é meu nome." Mais um passo para trás. *Por que ela estava fugindo de mim?*

"Esse é o nome que você me deu, lembra, traidorazinha?" Inclinei a cabeça e a observei, cativado pela tempestade que se formava em seus olhos. Tons de marrom e azul se misturavam em suas íris. Era como se eu estivesse sendo puxado para baixo por ela, perdido nas profundezas de sua beleza tempestuosa. Naquele momento, não tive vontade de emergir para respirar, contente em me afogar nela.

Mas ela recusou.

"Seu pai te mandou aqui?" Ela olhou por cima do ombro como se esperasse que ele aparecesse do nada.

"Não." Balancei a cabeça, tentando dissipar a névoa que parecia ter se instalado em minha mente.

"Você é igualzinho a ele." A cada palavra, ela dava mais um passo para trás, criando distância entre nós. Era como se uma barreira invisível tivesse sido erguida, me impedindo de alcançá-la.

"Não sou nada parecido com ele."

Ela soltou uma risada vazia, um som cheio de tristeza e amargura.

"Somos dois fios do mesmo pano." Virando-se para me encarar de frente, ela encontrou meu olhar, e eu pude ver o reflexo da minha própria tristeza em seus olhos.

"Nossos pais eram um só. Dois monstros sedentos por poder, e nós fomos construídos por eles para nos tornarmos uma arma. Eu pela monarquia e você para me derrubar."

Balancei a cabeça, mesmo ela estando certa. Era exatamente para isso que fomos criados.

Nascidos para ser inimigos.

Mas em outro mundo, em outra época, poderíamos ter sido diferentes.

Poderíamos ter sido mais.

Poderíamos ter sido Dacre e Verena.

Em vez do rebelde e do herdeiro.

Mas quando ela deu mais um passo para trás, grossas nuvens de fumaça preta se enrolaram em suas pernas como uma serpente, envolvendo-a em seu abraço.

"Verena." Estendi a mão para ela, gritando seu nome em um apelo desesperado para que a puxasse de volta para mim.

Mas não adiantou. O mundo parecia estar nos despedaçando, nos despedaçando em pedaços. Por mais que eu tentasse, não conseguia preencher a lacuna entre nós.

Eu podia sentir a fumaça grudada na minha pele, ameaçando me arrastar para baixo junto com ela.

"Verena, espere!" gritei, agarrando a escuridão sufocante que se agarrava a mim como uma segunda pele.

Mas meus esforços foram em vão. Nenhuma quantidade de luta poderia mudar nosso destino.

"Sinto muito", ela sussurrou, quase invisível através da espessa nuvem de fumaça que a cercava e ameaçava nos engolir.

Mas ouvi seu apelo final antes que ela desaparecesse completamente.

"Não se torne ele, Dacre."

Dei um pulo, com o coração batendo forte no peito enquanto examinava a escuridão ao meu redor. O sol já havia se posto há muito tempo, e um manto de noite havia descido sobre a terra, envolvendo-nos em seu abraço escuro. Meus olhos se esforçavam para penetrar o espesso véu de escuridão, em busca de qualquer vislumbre de luz.

Esfreguei a mão no rosto, desejando que o sono parasse de nublar minha mente, desejando a mim mesmo parar de pensar *nela*.

Mas não importava o quanto eu tentasse, ela estava lá. Constantemente, continuamente.

Levantei-me do chão duro, os resquícios do sonho ainda grudados na minha mente como teias de aranha que se recusam a ser removidas.

Segui o leve aroma de fumaça que se espalhava por entre as árvores. Meu pai estava de vigia quando adormeci e, à medida que me aproximava, ainda conseguia ver sua silhueta recortada contra o céu estrelado, sentado perto da pequena fogueira.

Mas ele não estava mais sozinho.

Respirei fundo, tentando acalmar meus nervos, que pareciam desgastados pelo sonho.

"Temos que encontrá-la antes do dízimo, ou estaremos caminhando para um massacre." A urgência na voz do meu pai era palpável enquanto ele falava, suas palavras perfurando o silêncio da floresta. Enquanto me aproximava cautelosamente, tomando cuidado para não quebrar nenhum galho sob meus pés, vi Reed concordar com a cabeça.

"O que você acha que ele estaria disposto a sacrificar para tê-la de volta?" A voz de Reed era baixa, mas ainda assim continha uma sensação de desespero. O crepitar da fogueira ameaçava abafar a conversa, mas eu me esforcei para ouvir cada palavra.

Meu pai soltou um suspiro pesado, seu cansaço evidente mesmo à distância. "Se os rumores forem verdadeiros, se a Rainha e seu filho ainda não nascido estiverem mortos, a princesa é a única herdeira. Ele fará isso." tudo ao seu alcance para recuperá-la. Precisamos usar isso a nosso favor quando a encontrarmos.

Meu maxilar se apertou à simples menção do rei, o homem que moldara Verena e eu nos peões que nos tornamos. A simples ideia de tê-la em suas mãos me causou um arrepio gelado, acendendo em mim uma determinação feroz de encontrá-la antes que fosse tarde demais.

Mas eu também não podia deixar meu pai chegar até ela.

Eram dois lados de uma lâmina mortal, forjada com o mesmo metal e afiada com perfeição. Ambas estavam impregnadas de veneno letal, ávidas por atacar e causar dano aos inimigos.

Enquanto eu estava sentado perto da fogueira crepitante, sua luz bruxuleante projetando sombras dançantes em nossos rostos, observei meu pai se aproximar, com o rosto marcado por grave preocupação. "Não podemos arriscar um confronto direto com o rei", murmurou ele, suas palavras quase inaudíveis em meio às brasas crepitantes. "Nossa melhor chance é pegá-lo desprevenido, explorando suas fraquezas para nosso próprio benefício."

A cabeça de Reed balançava em um ritmo lento e deliberado; seus olhos se fixavam nas chamas bruxuleantes. Era como se ele buscasse respostas em suas profundezas ardentes, buscando verdades e revelações ocultas na dança de luz e sombra. "Então, nós o atraímos com a princesa?"

"É uma aposta arriscada, mas o rei está sempre presente no dízimo, mesmo que esteja fortemente vigiado. Ofereceremos a ele seu herdeiro em troca das reservas."

A expressão de Reed permaneceu impassível, mas eu conseguia ver as engrenagens girando em sua mente. "E a princesa?"

"Dacre é nosso herdeiro. Não pode haver dois."

"Se fizermos isso, não há como voltar atrás", alertou ele, com a voz carregada de uma sensação de finalidade.

"Dacre não vai concordar com o nosso plano." A pergunta de Reed pairava no ar, carregada de implicações implícitas. Fiquei tensa, esperando a resposta do meu pai.

"Ele está muito obcecado pela garota, mas é a nossa melhor chance de alcançá-la antes que seja tarde demais", retrucou meu pai. "Eu vi a conexão entre eles. Ele será o motivo pelo qual ela decidirá vir conosco de boa vontade."

Minha raiva queimava dentro de mim, alimentando minha determinação de encontrar Verena antes de qualquer outra pessoa. Ele era meu pai, meu sangue, e queria me usar como faria com qualquer outra pessoa.

Eu sabia quem ele era, sabia de sua crueldade e desumanidade, e ainda assim, de alguma forma, o pensamento de sua traição fez meu estômago embrulhar.

Minha mãe choraria ao saber no que tínhamos nos tornado. Meu pai tão facilmente disposto a usar o filho dela em nome do poder, e eu tão disposta a traí-lo por uma garota com quem eu não deveria me importar.

"Mas no momento em que ela estiver em nossas mãos, não poderemos confiar a ele." Meu pai se recostou e minha coluna se endireitou, rezando para que ele não me visse.

Verena estava lá fora, sozinha e vulnerável, tudo por causa da minha tolice. Eu a afastei, lançando-a nas garras de homens cruéis que a drenariam até que ela não passasse de uma casca.

Meu coração disparou de medo e culpa enquanto eu pensava nos horrores que ela poderia estar enfrentando naquele exato momento. A lembrança dela sendo engolida pela densa fumaça negra me assombrava, impulsionando-me a prosseguir com a determinação obstinada de encontrá-la antes que qualquer outra pessoa o fizesse.

Aproximei-me sorrateiramente, evitando qualquer galho solto que pudesse revelar minha posição. O crepitar do fogo abafava meus passos, mas eu sabia que os sentidos aguçados do meu pai captariam até o menor som.

À medida que me aproximava, suas vozes ficavam mais claras, trechos de conversas flutuando em minha direção como folhas levadas pela brisa. Eu me esforçava para ouvir cada palavra, cada plano que eles estavam traçando em relação a Verena.

Ele não confiava mais em mim, e foi inteligente em não confiar. Não quando se tratava dela.

"Precisamos encontrar as reservas." Meu pai torceu as mãos diante das chamas. "Não sei onde ele está guardando a energia dos dízimos, mas tem que ser naquele maldito palácio."

"E se o rei não estiver disposto a abrir mão desse poder em favor do seu herdeiro?" Reed virou a cabeça e olhou para meu pai.

"Então levaremos a princesa de volta para a cidade oculta e a faremos falar. Se ela não tiver as informações que precisamos, enviaremos um pedaço do herdeiro dele de volta até que ele veja a razão."

Meu coração batia implacavelmente no peito, ameaçando explodir pelas costelas enquanto eu cerrava os punhos ao lado do corpo.

"Encontraremos Eiran no Mar do Sul. Assim que tivermos o herdeiro, o atrairemos."

Eiran.

Aquele mentiroso de merda. Quando perguntei ao meu pai sobre o paradeiro de Eiran, não houve hesitação em sua mentira de que ele havia retornado à cidade oculta, mas ele o havia enviado atrás dela.

Ele estava me mantendo com ele porque não confiava mais em mim, mas ele o havia enviado atrás dela.

Raiva e traição me invadiram como um incêndio devastador, mas por baixo de tudo havia uma proteção feroz por ela. A simples ideia de Eiran machucá-la acendeu um instinto primitivo dentro de mim, como um animal raivoso.

Eles podem não ter pensado mais que ela era minha para proteger, mas eles estavam completamente enganados.

Ela era minha. Mesmo que estivesse fugindo, ela ainda era minha.

Eu precisava encontrar Verena, longe das garras do meu pai e de Reed. Ela estava lá fora, e eu seria a única a encontrá-la.

E se Eiran já tivesse feito isso, eu não sabia o que faria.

Enquanto eles debatiam insensivelmente o próximo passo, tomei uma decisão. Com uma resolução silenciosa, virei as costas para os dois e desapareci na escuridão da noite antes que qualquer um deles pudesse perceber que eu havia sumido.

CAPÍTULO 8 VERENO

eu Pedras soltas escorregavam sob meus pés enquanto descíamos a ladeira. Olhei para Eiran, que liderava o caminho com facilidade, seus movimentos ágeis contrastando fortemente com os meus desajeitados.

Ele parecia em casa, navegando suavemente pelo terreno com uma graça segura.

Eu, por outro lado, tropecei e tropecei mais vezes do que pude contar, e fiquei grato pela mão firme de Eiran quando quase caí.

Continuamos em silêncio pelo que pareceram horas, até finalmente chegarmos ao pé da colina. Os músculos das minhas coxas gritavam para eu parar, mas não ousei mencionar o pensamento a Eiran.

Precisávamos chegar o mais rápido possível ao sul, e era isso que estávamos fazendo. Eu poderia descansar assim que embarcasse em um navio para sair deste reino.

Eiran parou abruptamente, o som de folhas e galhos estalando sob seus pés cessou de repente. Seus olhos se fixaram nos meus, suas sobrancelhas escuras franzidas. "Precisamos de comida."

"Certo." Assenti, sentindo uma dor familiar na boca do estômago ao ouvir suas palavras.

Ele desviou o olhar de mim, seu olhar permanecendo no arco e na única flecha que estavam firmemente presos às minhas costas.

"Não consegui nada." Sentindo-me um pouco tolo por carregar comigo uma arma que mal sabia usar, dei de ombros, derrotado.

"Posso?" Ele acenou com a cabeça em direção ao arco. A resposta lógica era sim, mas uma pontada de medo me percorreu ao pensar em entregar um dos meus únicos meios de proteção.

Com dedos hesitantes, tirei o arco das costas e o entreguei a ele. Ele o aceitou com um aceno gracioso, enquanto sua mão acariciava a madeira lisa e a corda esticada com um toque experiente.

Mas enquanto ele examinava minha arma, tudo que eu conseguia pensar era na pequena, mas mortal, adaga enfiada na minha bota.

Meu coração disparou enquanto observava os dedos de Eiran traçarem as curvas e entalhes intrincados do arco, seu toque reverente e familiar. Não pude deixar de sentir uma sensação de desconforto ao vê-lo entalhar a flecha com facilidade.

Sua postura era impecável enquanto ele puxava a corda, com os músculos tensos e concentrados. Com um lançamento deliberado, a flecha voou pelo ar em um arco gracioso antes de perfurar uma árvore próxima com um baque satisfatório.

"Isso serve." Com um movimento rápido, ele avançou e arrancou a flecha da árvore, seus músculos se contraindo sob o esforço. Ele se virou para mim, e senti seu olhar fixo em mim, pesado e intenso, me fazendo engolir em seco ao encontrar seu olhar.

"O riacho corre a poucos metros a leste." Ele apontou com a ponta da flecha. "Você pode acender uma pequena fogueira enquanto eu caço?"

"Claro", respondi com um aceno de cabeça.

"Mantenha-o pequeno", ele alertou. "Não queremos que a fumaça atraia ninguém para nós."

Eiran deslizou sem esforço para as sombras da floresta, seus movimentos decididos enquanto se misturava ao ambiente. Observei-o até que ele desapareceu de vista.

Ele mantinha não só a minha confiança, mas também o meu destino em um equilíbrio delicado. Rezei para que ele não fosse descuidado com nenhum dos dois.

Ocupei-me juntando galhos e folhas. Os galhos quebradiços estalaram sob meus dedos enquanto eu os juntava metodicamente, criando uma pequena pilha de gravetos.

Enquanto as chamas lambiam vorazmente suas presas, lançando um brilho quente ao meu redor, não pude deixar de me sentir grato a Eiran enquanto lutava contra a vontade de correr.

Eu sabia que minha sobrevivência dependia fortemente dele naquele momento, mas a confiança era um luxo ao qual eu não podia me dar. A traição espreitava em cada esquina, enrolada como uma cobra venenosa, esperando a oportunidade perfeita para atacar. Eu podia sentir sua presença como um peso enorme sobre meus ombros, um lembrete constante dos perigos que me cercavam. Cada sombra parecia guardar um segredo; cada sussurro soava como um aviso.

O crepitar da fogueira acalmou um pouco meus nervos, o calor contrastando reconfortantemente com o medo que me corroía as entranhas. Eu não podia me dar ao luxo de baixar a guarda. Havia muita coisa em jogo.

À medida que o tempo passava, a floresta tornava-se estranhamente silenciosa ao meu redor, interrompida apenas pelo farfalhar ocasional das folhas ou pelo chamado distante de um pássaro. Eiran ainda não havia retornado de sua caçada, e cada momento que passava parecia mais pesado que o anterior.

Uma sensação inquietante tomou conta de mim enquanto eu observava as árvores além do alcance da luz do fogo. Sombras pareciam se retorcer e se contorcer, pregando peças em meus olhos e imaginação. Cada farfalhar de folhas ou estalar de galhos fazia meu coração disparar, meus sentidos em alerta máximo para qualquer perigo potencial à espreita nas sombras.

Tentei me concentrar em cuidar do pequeno fogo, adicionando mais galhos e folhas secas para mantê-lo queimando de forma constante, mas minha mente continuava voltando para Eiran e sua ausência prolongada. *Onde ele estava?*

A dúvida e o medo me consumiam, ameaçando desfazer os tênues fios de esperança que me mantinham à tona.

Quando eu estava prestes a ceder ao pânico que ameaçava me consumir, um farfalhar no mato chamou minha atenção. Fiquei tenso, me preparando para o que quer que fosse — quem quer que fosse — que emergisse das sombras. Minha mão instintivamente foi até o cabo da minha adaga, meu coração martelando no peito enquanto eu me preparava para o pior.

Eu estava prestes a me levantar quando ouvi o som revelador de uma flecha sendo disparada de um arco e engoli o grito quando um coelho pulou de debaixo dos arbustos e uma flecha o atingiu no ar.

Eiran emergiu da cobertura das árvores, com movimentos fluidos e seguros enquanto recuperava o coelho de onde ele havia caído. Aproximou-se da luz da fogueira com um pequeno sorriso, o brilho dançando em seus olhos enquanto erguia seu prêmio para que eu o visse.

"Jantar", ele anunciou simplesmente, com uma expressão ilegível.

O alívio me inundou ao vê-lo ileso, misturado a uma sensação de gratidão por sua caçada bem-sucedida. Observei enquanto ele limpava e preparava o coelho com maestria, movendo as mãos com eficiência e prática enquanto eu permanecia perto do fogo, preparando espetos improvisados para assar.

Suas mãos estavam cobertas de sangue, e meu estômago se revirou ao vê-lo. Mas minha fome não se importou.

Ele se levantou, esfregando as mãos no riacho, antes de jogar água no rosto.

Espetei a carne de coelho o mais rápido que pude e quase queimei meus dedos colocando-a no fogo.

O cheiro de coelho assado rapidamente preencheu o ar, misturando-se ao crepitar do fogo enquanto a carne cozinhava lentamente sobre as chamas.

Eiran voltou para o meu lado e trabalhou em silêncio, com o foco inabalável enquanto cuidava da refeição que nos sustentaria durante a noite e provavelmente por mais alguns dias.

Observei-o, a luz bruxuleante projetando sombras em seu rosto, acentuando as linhas e ângulos firmes de suas feições. Havia nele uma aspereza que me parecia intimidante e estranhamente cativante, uma dualidade que me fazia questionar quem ele realmente era.

Ele era tão diferente de Dacre. Suavidade onde Dacre fora inflexível. Gentil quando Dacre fora cruel.

Enquanto o coelho cozinhava, Eiran olhou para mim e gesticulou em direção a um tronco próximo. "Sente-se", disse ele rispidamente, com a voz suave, porém autoritária. Obedeci sem dizer nada, empoleirando-me na madeira enquanto o observava terminar de preparar nossa refeição.

Ele me entregou um espeto de coelho assado, e o cheiro da carne me fez salivar. Aceitei com gratidão, tentando ignorar a forma como meu estômago se contorcia de fome.

Eiran acomodou-se num tronco ao meu lado, com o olhar distante enquanto fitava as chamas bruxuleantes. O crepitar da fogueira parecia preencher o silêncio entre nós enquanto o sol se punha no céu.

Rasguei o coelho com as mãos e gemi quando o sabor quente e saboroso atingiu minha língua. O coelho era pequeno e não havia muita carne para compartilhar, mas parecia um banquete.

Comemos em silêncio, o calor das chamas afugentava o frio crescente no ar.

Quando terminamos de comer, Eiran limpou a boca com as costas da mão, o olhar fixo no fogo que se apagava. Eu podia ver o cansaço estampado em seu rosto, o peso da nossa jornada o pressionando como um fardo pesado.

"Você deveria voltar?" Fiz um gesto na direção de onde tínhamos vindo.

"O quê?" O olhar de Eiran se voltou para mim, seus olhos se estreitando levemente enquanto ele considerava minha pergunta.

"Volte." Eu mexi nas mãos, tentando firmá-las enquanto falava. "Você me trouxe longe o suficiente para que eu consiga me virar sozinha."

Quando ele voltou a falar, sua voz era baixa e comedida. "Voltar não é uma opção. Precisamos seguir em frente até que vocês saiam deste lugar em segurança."

Assenti, embora a incerteza me atormentasse. "E quanto à sua segurança?"

"E daí?" A resposta de Eiran foi curta, enquanto ele olhava fixamente para as brasas moribundas do fogo.

"Você acha mesmo que estará segura quando descobrirem que você me ajudou? Acha mesmo que pode esconder isso deles?"

Os ombros de Eiran se tensionaram com minhas palavras, um lampejo de emoção cruzou seu rosto antes que ele se recompusesse. Ele encontrou meu olhar, seus olhos reconfortantes à luz fraca da fogueira que se apagava.

"Eles não vão descobrir", disse ele, com a voz firme e determinada. "Eles não têm motivo para pensar que eu te ajudaria."

Por que ele faria isso? Por que Eiran iria querer me ajudar?

"Mas e se eles descobrirem?", insisti, incapaz de me livrar da dúvida que me atormentava. "E daí?"

O maxilar de Eiran ficou tenso enquanto ele considerava minha pergunta, seu silêncio se estendendo entre nós como um fio esticado prestes a se romper. Finalmente, ele falou, com a voz baixa e um toque de resignação: "Se descobrirem, eu lidarei com as consequências. Mas até que isso aconteça, precisamos nos concentrar em levá-los a um lugar seguro."

Assenti, mas ainda havia algo me incomodando.

"Como você saiu sem que eles soubessem? Onde eles acham que você está?"

"Toda a rebelião está atrás de você, Verena. Eles presumem que eu estou simplesmente fazendo a mesma coisa."

Suas palavras pairavam no ar entre nós, carregadas de verdades não ditas e incertezas que pairavam sob a superfície. Ele estava se arriscando para me ajudar, e eu não conseguia entender o porquê.

"Conte-me algo sobre você."

"O quê?" Seu olhar passou dos meus olhos para os meus lábios antes de alcançar meus olhos novamente.

"Sinto que mal sei alguma coisa sobre você", respondi honestamente. "Me conta alguma coisa. Qualquer coisa."

Um momento de silêncio se estendeu entre nós antes que ele finalmente o quebrasse com uma voz surpreendentemente gentil. "Não há muito o que contar", começou ele, desviando o olhar brevemente antes de retornar a mim. "A rebelião é tudo o que eu já conheci. Cresci na cidade oculta. É o meu lar."

"E sua mãe?" Fiz uma pergunta que provavelmente não deveria ter feito, mas nunca o tinha ouvido falar dela antes.

A expressão de Eiran escureceu ao ouvir a menção da mãe, uma sombra percorrendo seu rosto antes que ele se recompusesse. "Ela morreu quando eu era jovem."

Sua voz tremia com uma agonia oculta, uma crueza que revelava antigas feridas deixadas sem tratamento. Eu podia sentir a dor transparecendo em suas palavras, uma mágoa profunda que nunca havia cicatrizado completamente. Meu coração doía por ele e eu ansiava por oferecer algum tipo de conforto, mas eu conhecia muito bem a intensidade daquela ferida.

Por mais que eu tentasse seguir em frente, a ferida no meu coração se recusava a cicatrizar. Ela formava uma crosta, uma barreira impenetrável à primeira vista, mas a cada pequeno movimento, ela rachava e se desfazia. Justamente quando eu pensava que estava finalmente começando a se curar, algo surgia e a abria novamente.

"Sinto muito", murmurei suavemente, pois não havia mais nada que eu pudesse dizer.

Os olhos de Eiran se estreitaram ligeiramente e seus lábios formaram uma linha fina. Ele balançou a cabeça lentamente, flexionando os músculos do maxilar. "Faz muito tempo. Eu mal a conhecia."

"Isso não torna as coisas mais fáceis."

Eiran ficou em silêncio ao ouvir minhas palavras, seu olhar distante enquanto olhava para a distância.

"Você se parece com ela?"

Um pequeno sorriso se formou em seus lábios e seus olhos finalmente encontraram os meus. "Sim." Ele passou os dedos pelos cabelos. "É de onde vêm meu cabelo e meus olhos."

Os cantos da minha boca se ergueram enquanto eu o olhava. "Aposto que ela era linda."

Ele riu baixinho, com os olhos brilhando maliciosamente. "Isso significa que você me acha bonito?"

Uma onda de calor inundou minhas bochechas com sua provocação brincalhona, mas eu estava determinada a esconder o efeito que suas palavras tiveram em mim. "Eu nunca disse isso", respondi em um tom casual.

Eiran era lindo. Ele não era Dacre; não me afetava como Dacre, mas ainda era lindo.

Eiran riu novamente, um murmúrio baixo que pareceu dissipar a tensão que se instalara entre nós. "Mas você certamente estava pensando nisso", provocou ele, com os cantos da boca erguidos num sorriso.

Revirei os olhos, incapaz de reprimir um sorriso diante de sua atitude brincalhona. "Você me alimentou, então não posso ser culpada se eu estivesse delirando com meus pensamentos agora", admiti, sentindo um calor brotar no peito com a brincadeira fácil entre nós.

"Ai." Ele apertou a mão contra o peito e fingiu ficar magoado com as minhas palavras. "E eu aqui achando que você estava começando a gostar de mim."

"Eu sempre gostei de você, Eiran." Minha risada se transformou em um sorriso suave.

"Mas?"

"Não há mas." Eu me endireitei e desejei que a conversa tivesse terminado ali.

"Eu jamais teria te tratado como ele fez." O sorriso de Eiran desapareceu ao mencionar Dacre, e sua expressão brincalhona foi substituída por uma expressão solene. Ele estendeu a mão, seus dedos roçando os meus em um gesto gentil que me arrepiou.

Eu me afastei sem pensar.

"Você não sabe como ele me tratou." Limpei as mãos na calça. "Estou aqui por causa das minhas próprias ações."

Por que eu estava defendendo ele?

"Todo mundo viu o jeito como ele te tratou. Era só o que se falava depois que você fugiu." Seu maxilar se contraiu e ele desviou o olhar de mim. "Eu jamais teria te machucado do jeito que ele fez."

Fiquei paralisado pela sensação de sufocamento, como se alguém estivesse apertando meu pescoço lentamente. *Será que ele sabia? Será que Dacre contou o que tinha feito?*

"O quê?" Eu mal consegui formular a pergunta.

"O pai de Dacre contou a ele quem você realmente era, e o que ele fez?" Eiran cerrou os dentes com tanta força que pude ver os músculos de seu maxilar se contraindo. "Ele te expulsou da cidade oculta como se você não valesse nada. Toda a rebelião sabe que ele te deixou ir."

Ele tinha feito muito pior do que isso. Ele me usou e depois me mandou fugir como se eu pudesse sobreviver à caçada.

Mas ele não me levou até seu pai.

"Estou cansado." Levantei-me rapidamente e limpei a sujeira da minha roupa. "Precisamos continuar andando antes que eu perca toda a minha energia."

"Claro." Eiran se levantou antes de pisar nas últimas brasas da fogueira.

CAPÍTULO 9

DOCRE

Minhas pernas pareciam chumbo enquanto eu caminhava pesadamente para frente, cada passo uma luta.

O peso da decepção do meu pai pesava sobre meus ombros. Rezei para ter me aprofundado o suficiente na floresta quando eles percebessem que eu tinha ido embora, mas a ideia da fúria fervilhante dele não era nada comparada à ideia dela.

Meu pai já não confiava em mim, e agora eu lhe dei ainda mais motivos para não confiar.

Eu já tinha escolhido Verena em vez dele, em vez da rebelião, quando a deixei fugir em vez de trazê-la até ele, mas agora, eu estava escolhendo ela acima de *tudo*.

Eu sabia que ele ficaria furioso, mas não consegui me arrepender da minha decisão. Mesmo que isso significasse que eu pagaria as consequências quando voltasse. *Se eu voltasse.*

O medo de ser pego por eles, de que me impedissem de chegar até ela, me consumia, me empurrando para frente sem parar.

Meus músculos doíam e queimavam com uma necessidade desesperada de alcançá-la antes que eles o fizessem — antes que Eiran o fizesse.

O tempo estava passando, e eu sentia a urgência crescendo dentro de mim como uma bomba-relógio. Eu precisava ir até ela.

A única maneira de fazer isso era me esforçar além dos meus limites, ignorando a exaustão latejante em meus membros e a falta de ar em meu peito.

Eu já tinha usado minha magia uma vez para me curar depois de tropeçar na encosta rochosa, mal conseguindo ficar de pé quando meu pé prendeu em uma pedra saliente e me fez cair para a frente.

As bordas irregulares rasgaram a pele das minhas canelas, deixando cortes profundos que ardiam a cada passo que eu dava.

Meu corpo já estava esgotado pela falta de descanso, e o uso da minha magia para me ajudar só me empurrou ainda mais para a exaustão.

Neste mundo, tudo tinha um preço; até a nossa magia tinha seu preço. Eu não conseguia me livrar do medo de que o preço de Verena fosse o maior de todos.

Meu olhar se ergueu para a lua cheia e brilhante lá em cima. O céu estava pintado de azul-escuro e roxo, e uma brisa suave trazia um ar frio. A determinação impulsionou meus passos enquanto eu avançava, rumo ao ponto mais ao sul que eu conseguia alcançar.

Eiran estava indo para o Mar do Sul, e eu tinha quase certeza de que Verena também. Ela me disse uma vez que sonhava em embarcar em um barco e navegar para longe da vida que conhecia, do mundo que se propunha a destruí-la.

Mas eu não tinha percebido naquela época o quão real esse sonho precisaria se tornar.

Se Verena quisesse sobreviver, se quisesse ter uma vida que valesse a pena ser vivida, então ela teria que deixar este reino para trás.

Meu coração disparou ao me permitir pensar neste reino sem ela. Eu conhecia a princesa a vida toda, sabia o papel que desempenharia em tirar sua coroa, e, no entanto, no momento em que ela entrou na minha vida, ela se tornou a minha.

Eu não me importava com a coroa dela, com o governo dela, ou com o maldito rei e o que ele estaria disposto a dar por ela.

Eu me importava com ela, e isso era perigoso.

A brisa suave sussurrava entre as árvores, farfalhando suas folhas e me causando um arrepio na espinha. Esfreguei as mãos nos braços, tentando afastar o frio do ar.

Mas não funcionou.

O ar fresco era mais do que apenas o cair da noite. Trazia uma quietude sinistra, como se algo estivesse errado. Os pelos da minha nuca se arrepiaram, e eu não conseguia me livrar da sensação de que algo espreitava fora de vista. Uma sensação de desconforto se instalou na boca do meu estômago, me avisando para ficar em guarda para o que quer que estivesse por vir.

Meus sentidos estavam em alerta máximo, meu poder formigando e pulsando em antecipação. Apertei o cabo da minha adaga com mais força, os nós dos dedos ficando brancos devido à pressão, enquanto meus olhos se moviam de um lado para o outro, em busca de qualquer movimento ou ameaça.

A floresta ao redor estava calma e silenciosa, mas eu não conseguia evitar a sensação inquietante que me atormentava.

Agachei-me atrás de um carvalho retorcido, cujos galhos retorcidos me forneciam alguma proteção. A casca áspera raspava minhas palmas, mas não dei importância enquanto aguçava os ouvidos. Além da brisa suave e do farfalhar das folhas, não havia nada além de um silêncio sinistro.

A própria floresta parecia prender a respiração, como se até a natureza soubesse que algo estava errado.

O que foi?

Os minutos se passaram, cada um deixando um rastro de arrepios nos meus braços. Minhas mãos tremiam enquanto eu me forçava a ficar de pé.

Meu corpo inteiro formigava de inquietação.

Avancei, rumo ao sul. A cada passo, meus olhos se moviam nervosamente de um lado para o outro, examinando cada centímetro do entorno. O farfalhar quebradiço das folhas sob meus pés ecoava na quietude da densa floresta.

Cada músculo do meu corpo ficou tenso, pronto para reagir, enquanto eu caminhava penosamente, com o terreno implacável minando minhas forças. Mas meu instinto me dizia para não parar.

Minha garganta estava seca, minhas pernas doíam e minha mente parecia estar se desintegrando lentamente. Eu não conseguia dizer se eram apenas frutos do meu cansaço, mas uma coisa era certa: a sensação de roer minhas entranhas estava se tornando insuportável, e eu sabia que precisava encontrar água e descansar antes de continuar.

Virei-me para o oeste, voltando para o pequeno rio que havia deixado para trás. Eu havia deliberadamente me mantido a um quilômetro e meio de distância, sabendo que

meu pai provavelmente estaria perto de suas margens. Segui o caminho familiar que traçava a sinuosa jornada da água pelo nosso reino, ansiando por um gole.

Enquanto eu caminhava penosamente, minha mente fervilhava com um plano. Eu precisava beber água e encontrar um abrigo para descansar por algumas horas. Mas meu principal objetivo era chegar ao sul o mais rápido possível.

Pensamentos sobre ela me consumiam.

Vá para o sul.

Encontre-a.

E eu iria. O desconhecido se estendia diante de nós, um futuro cheio de incertezas e perigos, mas a única coisa que eu tinha certeza era que não pararia até encontrá-la.

Uma onda de determinação me inundou quando o rio finalmente apareceu.

Ela era minha e eu a encontraria.

Enquanto esse pensamento se solidificava em minha mente, os cabelos da minha nuca ficaram arrepiados.

Alguém esteve aqui.

Cautelosamente, aproximei-me da beira da água, meus pés esmagando suavemente as pedras abaixo deles. O luar cintilava na superfície das águas, projetando sombras dançantes na margem rochosa.

E então, do nada, uma voz surgiu no silêncio da noite.

"Não beba tanto de uma vez. Você vai passar mal." O aviso veio acompanhado de risadas, um som tão familiar que eu jamais conseguiria esquecer.

Eiran.

Silenciosamente, aproximei-me, meus pés afundando nas pedras que estalavam suavemente sob meu peso. Escondida atrás de um bordo imponente, espiei por trás do tronco, tentando avistá-lo.

Suas costas largas estavam voltadas para mim, completamente alheio à minha presença.

Ele havia viajado de volta para a cidade escondida.

Foi isso que meu pai me disse, e mesmo sabendo que ele mentiu, ver Eiran na minha frente só fez cravar ainda mais a adaga da mentira do meu pai no meu peito.

Eiran estava aqui e não estava sozinho.

"Eu entendo que viajar para mais longe da água é mais inteligente para nos mantermos escondidos, mas, deuses, como estou com sede."

Um arrepio percorreu minhas veias quando ouvi sua voz.

Verena.

Ele a tinha.

Agachei-me, meus olhos percorrendo-o até finalmente avistá-la. Ela estava ajoelhada à beira da água, com as roupas manchadas de lama dos dias de viagem. Seu cabelo estava trançado firmemente contra o couro cabeludo, com mechas castanhas quentes escapando para emoldurar suas feições delicadas. Ela pegou água em concha nas mãos e a levou aos lábios, bebendo como se não bebesse há dias.

Eiran a tinha, mas ela estava viva e aparentemente ilesa.

"Eu sei, mas vamos acampar para passar a noite em breve." Eiran ficou de braços cruzados sobre o peito, o olhar fixo em Verena. "Ficaremos por perto, e você poderá se fartar. Eu prometo."

Verena pegou outro punhado da água cristalina e levou-a aos lábios, tomando um longo gole antes de deixar as gotas restantes caírem de seus dedos de volta à corrente calma.

Seu rosto estava vermelho e seu cabelo estava espalhado desordenadamente pelo rosto, fazendo-a parecer selvagem e indomável.

"Desta vez você ficará de guarda primeiro." Ela olhou para ele enquanto se levantava, e eu pude vê-la estremecer levemente e mancar enquanto transferia o peso para a perna machucada.

Ela ficou magoada.

"Farei o que for preciso para te ajudar a relaxar um pouco esse tornozelo." Eiran assentiu, gesticulando em direção à parte inferior do corpo dela. "Vamos encontrar um lugar seguro para você poder descansar."

Verena assentiu, movendo a cabeça lenta e cansadamente. Eiran se aproximou dela, com passos deliberados. Ele passou o braço em volta da cintura dela e ela se inclinou para ele, confiando nele. Ela passou o braço por cima do ombro dele, agarrando sua camisa com força.

Quando ela transferiu seu peso para ele, senti meus punhos se fecharem ao lado do corpo, lutando contra a vontade de afastá-la dele.

Eu não confiava em Eiran desde que me lembrava, e odiava estar certa sobre quem ele havia se tornado. Ele era a personificação do fantoche dos nossos pais, cada movimento seu controlado pelas cordas retorcidas do poder.

Ele costumava ser meu melhor amigo, além de Kai, mas agora ele não passava de um traidor.

E ele certamente não era amigo de Verena.

Mesmo que a maneira como ele a olhava convencesse até mesmo alguém que soubesse a verdade sobre o porquê de ele estar ali de que ele se importava com ela.

Eu também não era amigo dela.

Mas , *porra* , isso foi diferente.

Nós éramos diferentes.

Verena...ela significava algo para mim e vê-la agora com ele fez meu peito doer.

Eiran era consumido pelos próprios desejos e pela busca incessante por essa rebelião. Ele não se importava com nada que não se alinhasse com o que eles queriam.

E Verena não estaria segura enquanto estivesse com ele.

Cada fibra do meu ser gritava contra isso, sabendo que ele só lhe faria mal.

Não importava que ele a olhasse com tanta ternura; ele não seria leal a ninguém além da rebelião.

Eu os segui de perto enquanto eles lentamente retornavam da beira da água. Eiran tinha a mão pousada delicadamente na cintura dela, guiando-a e apoiando-a a cada passo. O corpo dela instintivamente se inclinou contra o dele, encaixando-se nele enquanto ela encontrava consolo em sua presença.

Ela se sentia confortável com ele.

Ele a deixou confortável com ele.

E de alguma forma esse pensamento era mais uma traição do que qualquer outra coisa.

Mas, naquele momento, ela estava segura e relativamente ilesa, e eu estava aqui.

Meu pai não conseguiu pôr as mãos nela, apesar de seu capanga agora estar com o braço em volta dela, e o rei também não.

E agora que eu a havia encontrado, eu me certificaria de que eles não conseguiriam.

Minha mente disparava enquanto eu procurava desesperadamente por um plano para afastá-la de Eiran, longe de todos eles.

Mas ela não confiava em mim.

Se ela fosse forçada a escolher entre mim e Eiran, eu temia não ser a escolhida por ela.

O peso dessa percepção me sufocou com seu significado.

O som da risada dela ecoou pelo ar, e eu a observei olhar para ele, com as bochechas cheias de covinhas e um sorriso. Ele também sorriu para ela, seu olhar percorrendo os detalhes do rosto dela, e isso me deu vontade de quebrar o queixo dele.

Ela me traiu, e, deuses, eu sabia que a traía também. Eu tinha sido cruel com ela por mágoa minha, mas nada disso tornava menos verdade que ela ainda era *minha*.

Ela era a herdeira do reino, a princesa do maldito rei que matou minha mãe, mas nada disso a tornava menos *minha*.

Eles pararam e Eiran a guiou gentilmente até uma árvore próxima, cujas raízes retorcidas serpenteavam para dentro e para fora do solo. Ela afundou na terra fria, recostando-se na casca e esticando as pernas à sua frente.

"Preciso colocar uma tala neste tornozelo", disse Eiran, seus dedos percorrendo a costura de suas botas de couro gastas, e eu cerrei meu maxilar com tanta força que temi quebrar meus dentes.

Se fosse eu, eu a curaria, mas Eiran não possuía essa habilidade.

Minha mãe costumava dizer que somente aqueles que eram inatamente bons podiam curar, e quando eu era menino, eu acreditava em suas palavras quando ela passava os dedos pelos meus cabelos e me ensinava como consertar um arranhão no joelho de Wren.

Mas, quando adulto, não me apeguei mais a essa crença.

Era difícil ver bondade no mundo desde que ela morreu. Impossível ver o bem em mim.

Eu não consegui curar minha mãe, não consegui salvá-la.

E eu não curei mais ninguém desde aquele dia no palácio.

Não até que eu *a curasse*.

Eu não estava bem.

Porque eu faria o que fosse preciso para tê-la de volta. Mesmo que ela não quisesse, ela era minha.

CAPÍTULO 01 VERENO

As mãos de Iran foram gentis quando ele enrolou meu tornozelo machucado com tiras de tecido de sua própria camisa. O material macio era quente contra minha pele, e eu vi a preocupação em seus olhos enquanto ele cuidadosamente enfiava meu pé de volta na bota, certificando-se de que não estava muito apertado.

Era o mesmo olhar que ele me lançou quando eu deslizei desajeitadamente pelo barranco e torci meu tornozelo.

Apesar das minhas tentativas de esconder, Eiran conseguiu sentir meu desconforto enquanto eu cuidadosamente colocava meu peso sobre ele. Com uma carranca profunda, ele implorou para que eu descansasse, mas não tínhamos condições.

A dor aguda que percorria minha panturrilha a cada passo já estava fazendo com que nosso ritmo fosse muito mais lento do que podíamos permitir.

Eu me esparramei de costas, as folhas de grama áspera formigando minha pele exposta enquanto eu olhava para a extensão infinita de estrelas acima.

A imensidão do céu aberto acima de mim me fazia sentir insignificante e completamente exposta. Meus pensamentos entravam em frenesi enquanto o pânico me consumia — se fôssemos descobertos agora, eu não teria chance de escapar ou me defender.

Minha única habilidade sempre foi correr, mas aqui, preso sob o céu aberto, até isso seria impossível.

Lutei para afastar os pensamentos da ira do meu pai caso seus homens me pegassem. Mas, ao contemplar as mesmas estrelas que adornavam o céu acima do palácio, um arrepio percorreu minha espinha.

As estrelas brilhavam como pedras preciosas na escuridão, iluminando a floresta abaixo com um brilho sobrenatural.

O ar fresco da noite acariciava minha pele, carregando segredos que só aumentavam meu desconforto. Cada farfalhar das folhas me fazia pular e vasculhar as sombras em busca de qualquer sinal de perigo.

Uma torrente de medo consumidor inundou minha mente, ameaçando abafar qualquer senso de razão ou esperança. Pensamentos sobre meu pai me atormentavam. Eu temia que ele me quisesse morta, mas agora, com a rainha e seu novo herdeiro desaparecidos, eu temia algo muito pior.

Eu era agora a única herdeira restante do seu trono, uma filha impotente que ele havia torturado impiedosamente em busca de qualquer traço de magia dentro de mim. E agora que eu havia descoberto meu poder, temia o que ele faria quando descobrisse.

Mas, enquanto me esforçava para sentir o zumbido da magia dentro de mim, não encontrei nada. Era como se meu poder tivesse me abandonado no momento em que deixei as muralhas da cidade oculta.

A incerteza de como ele me usaria era o verdadeiro terror, espreitando nas sombras e corroendo minha mente. Meu coração disparava e meu corpo tremia só de pensar em

ser um peão em seu jogo perverso. As possibilidades sombrias pairavam sobre mim como uma mortalha sufocante, ameaçando me consumir por inteiro.

Meu pai governou com punho de ferro, forçando seu povo, nosso povo, a se ajoelhar diante dele e estender suas mãos trêmulas sobre um poço profundo e entregar a ele uma parte de sua própria magia a cada ano.

Era um ritual distorcido, que os deixava enfraquecidos e vulneráveis, enquanto ele só ficava mais forte e formidável.

Eles eram impotentes contra seu governo tirânico, vivendo constantemente com medo de sua ira. O dízimo que ele coletava servia como uma reserva, uma rede de segurança que ele continuava a acumular, e a ascensão da rebelião só tornou seu desejo por mais poder insaciável.

Seu domínio sobre o poder era implacável, tornando-o uma força imparável a ser reconhecida.

Eu nunca tinha visto a reserva de poder, nunca tinha prestado atenção ao dízimo, exceto para observar da janela do meu quarto, mas eu sabia que ele estava em algum lugar abaixo do castelo, escondido nas profundezas dos túneis que nem mesmo os inimigos do meu pai conseguiam descobrir.

Ele havia magistralmente moldado seu governo em um labirinto complexo, confundindo qualquer um que ousasse tentar desvendar seus segredos. A simples ideia dos caminhos intrincados e das câmaras secretas me arrepiava, pois eu sabia que ali residiam a verdadeira força e astúcia do meu pai. Era um labirinto que só ele conseguia navegar, uma fortaleza que ninguém conseguia romper.

Os túneis eram um lugar em que eu só me aventurara algumas vezes. A primeira vez foi com minha mãe. Eu não tinha entendido na época, o pânico em sua voz e o tremor em suas mãos enquanto ela me guiava pelos corredores mal iluminados até chegarmos a uma porta que dava para fora do palácio. Eu era tão jovem naquela época, jovem demais, mas não me permiti esquecer aquele caminho.

As chamas do terror atizadas pelo seu pânico gravaram a lembrança em minha mente, deixando uma marca indelével.

Nas outras vezes, eu estivera com meu pai e seus homens. Eu ainda ouvia os ecos de gritos e lamentos ecoando pelas paredes escuras e úmidas. Meu pai acreditava que estava me treinando, me preparando para ser uma rainha sem piedade ou empatia. Uma rainha que aprendeu a tirar o que precisava do seu povo, custe o que custar.

Mas tudo o que ele fez foi me ensinar como sobreviver em um mundo de escuridão e crueldade.

Relutantemente, cedi à implacável atração da saudade que sempre tentei evitar. Meu coração doeu por minha mãe, seu abraço caloroso e suas palavras reconfortantes, sempre capazes de aliviar qualquer dor.

Eu queria que ela ainda estivesse aqui.

Eu ansiava pelos dias em que acreditava que meu pai a amava, me amava.

Mas, à medida que o estresse da minha impotência pesava sobre ele, ele lentamente se tornou outra pessoa. Ele se afastou da minha mãe, de mim, e ela se tornou meu único escudo contra a crueldade dele.

Mas quando ela faleceu, aquele abrigo foi levado junto, deixando-me vulnerável à sua malícia crescente.

A morte dela roubou a chance dele de ter outro herdeiro, e ele foi consumido pela amargura e pela raiva. Parecia que uma parte dele havia sido enterrada no chão ao lado dela.

Ela roubou a chance dele de ter outro herdeiro, levando-o consigo quando morreu, mas isso também lançou uma sombra escura sobre todo o reino, espalhando seu domínio sobre todos e tudo em seu caminho.

Mas apesar de não ser o herdeiro homem que eles desejavam, um herdeiro poderoso, minha mãe ainda me amava.

Eu me perguntei distraidamente o que ela teria feito se ainda estivesse viva. Teria me levado e fugido do reino? Ou teria ficado ao lado dele, observando impotente enquanto ele mergulhava na escuridão.

De qualquer forma, eu sabia que nunca conseguiria ficar e me tornar tudo o que ele queria que eu fosse. Isso significaria perder toda a noção de mim mesma, me tornando uma mera casca da garota que um dia fui.

Ele já tinha me tirado muita coisa, e eu me recusei a deixá-lo levar mais.

Nem ele nem essa maldita rebelião que prefere me ver morta.

Eu era uma garota impotente em um jogo criado por homens poderosos. Eles moviam suas peças com precisão calculada, e eu não conseguia vencê-los.

Tudo o que eu podia fazer era correr.

Fechei os olhos com força, implorando aos deuses que me concedessem apenas algumas horas de sono. O peso da exaustão pesava sobre meus ossos, ameaçando me esmagar contra o chão, e a ideia do sol nascente me enchia de pavor.

Já estávamos correndo riscos demais ficando aqui esta noite. Tanto Eiran quanto eu sabíamos disso, mas ele também sabia que eu não conseguiria ir mais longe com aquele tornozelo amaldiçoado me atrasando como uma âncora me arrastando atrás de mim.

Eu precisava descansar. Nós dois precisávamos.

Mas assim que fechei os olhos e tentei clarear a mente, meus pensamentos se voltaram para Dacre. Eles se voltaram constantemente para ele, como uma pena levada pelo vento. Eu não conseguia parar.

Seus olhos tempestuosos, cheios de emoção e intensidade, perfuraram minha mente, a lembrança de seu toque.

Onde ele estava?

Estaria ele lá fora me procurando, consumido pela raiva e pela amargura pela minha traição? Eu só conseguia imaginar que sim, movido por sua lealdade inabalável à rebelião.

Mas eu também fiquei furiosa com ele.

A percepção de que nós dois havíamos traído um ao outro fervilhava em mim.

Eu me permiti cuidar dele. Confiei nele, e foi um erro.

Nenhum de nós nasceu em um mundo onde a confiança era fácil de conquistar. Suspeita e dúvida pairavam entre nós desde o momento em que nos vimos pela primeira vez, e eu, toalmente, baixei a guarda.

E ainda assim, eu ainda ansiava por ele.

Apesar de tudo o que ele fez, não pude deixar de sentir saudades do homem que conheci.

Sabia — que ironia distorcida essa palavra se tornou. Nenhum de nós conhecia verdadeiramente o outro.

Ele pensou que eu era Nyra, a garota do reino que escapou de um rei maligno, mas eu não era essa garota. Eu era Verena, filha da rainha, peão do rei que veria nosso reino em ruínas.

E eu o enganei. Menti para ele repetidas vezes, e o peso daquela culpa me arrepiava a cada momento.

Ele estava certo. Eu não passava de um traidor.

Suas ações foram alimentadas pela raiva que sentia de mim, pelo que eu tinha feito, mas isso pouco fez para aliviar a dor e a traição que eu sentia.

As feridas que ele infligiu ainda estavam abertas e latejantes, um lembrete constante de sua crueldade.

Um lembrete constante de que ele não estava aqui.

Um choque repentino, como o zumbido de um relâmpago, percorreu minha espinha, e eu abri os olhos de repente. Examinei a escuridão, procurando por qualquer sinal de Eiran.

Ele permaneceu de pé, ereto, junto à árvore imponente, sua silhueta se misturando à noite. Seu olhar inabalável estava fixo na floresta ao redor, enquanto mantinha sua patrulha constante.

Quando abri a boca para gritar seu nome, o gosto familiar da magia percorreu minha língua e desceu pela minha garganta, uma sensação pulsante que se espalhou por cada centímetro do meu corpo.

Assim que saí da cidade escondida, meu poder pareceu evaporar no ar.

Mas eu podia sentir isso agora.

A energia que me percorria enquanto eu usava magia com Dacre era agora um eco fraco, como um sussurro em uma sala lotada. Os resquícios do meu poder eram como um gosto persistente na boca, provocante e elusivo.

Parecia que meu poder estava presente e ausente ao mesmo tempo, pregando peças em minha mente.

Lenta e cuidadosamente, sentei-me e observei o ambiente ao meu redor. A lua lançava uma luz pálida sobre a paisagem, iluminando as árvores e projetando sombras profundas no chão da floresta.

Procurei por qualquer sinal de perturbação ou intrusão, com o coração disparado de ansiedade. Mas, até onde eu conseguia ver, tudo parecia intocado e imperturbado.

O suave gotejar do rio próximo era reconfortante, mas pouco contribuía para aliviar a tensão que se acumulava dentro de mim. Ao longe, os chamados sinistros dos pássaros noturnos ecoavam pelas árvores, assombrando-me enquanto eu olhava ao redor.

Meus ouvidos se esforçaram em busca de qualquer indício de outra presença, mas tudo o que eu conseguia ouvir era a batida rápida do meu próprio coração. Apertei os

olhos na escuridão, examinando cada centímetro da área ao redor. Meus olhos se moviam de um lado para o outro, tentando captar o menor movimento na escuridão.

Havia mais alguém aqui?

A sensação da minha magia me provocava e provocava, um jogo constante de presença e ausência fugazes. Num momento, ela corria pelas minhas veias como um rio caudaloso, mas com a mesma rapidez, se dissipava como névoa ao vento, deixando-me com uma sensação de vazio e ansiando por seu retorno.

E, no entanto, de repente, ele reaparecia, percorrendo cada centímetro do meu ser mais uma vez.

O que estava acontecendo comigo?

Olhei para Eiran, seus olhos examinando o entorno com tranquilidade e confiança. Enquanto meu corpo estava tenso de incerteza, ele parecia despreocupado com o que quer que estivesse acontecendo.

Deixei meu olhar vagar por seu queixo definido e pela maneira relaxada como ele mantinha as mãos ao lado do corpo.

Eu não entendia minha magia nem como ela funcionava, mas havia uma parte de mim que temia que, no momento em que eu me afastasse da cidade escondida, Dacre, de alguma forma, a tivesse tirado de mim.

Afinal, eu nunca havia possuído nenhuma magia até chegar lá, até ele.

E no momento em que saí, ele desapareceu.

Mas eu podia sentir isso agora.

A sensação percorreu minhas veias como uma droga potente, deixando-me trêmulo e ansioso por mais. Era como se eu tivesse sido privado de magia a vida toda, e agora que a havia experimentado, não me cansava. Meu corpo e minha mente ansiavam por seu poder, desesperados para exercê-lo novamente.

Eu fui impotente a vida toda, e aquele gostinho de poder parecia perigoso.

Eu sabia que meu pai não mediria esforços para explorar esse poder em benefício próprio, mas isso só aconteceria se seus homens me pegassem.

Eu não podia deixar que me pegassem.

Nem eles nem a rebelião, porque eu temia o que qualquer um dos lados faria.

No entanto, eu sabia que tinha que haver um mal menor neste reino devastado pela guerra.

Se o pai de Dacre pusesse as mãos nas reservas, ele as usaria para ajudar o povo deste reino como prometeu, ou se tornaria tão cruel quanto meu pai?

E quanto ao próprio Dacre? Será que sua lealdade à rebelião o deixaria cego aos modos implacáveis do pai?

Seria do Wren?

Afastei os pensamentos tumultuados e deixei meu olhar se fixar em Eiran mais uma vez. Em sua presença, senti uma sensação de conforto. Ele tinha vindo me buscar.

Mesmo quando sua lealdade deveria estar em outro lugar. Eiran era um rebelde. Ele deveria ser meu inimigo, mas ainda estava aqui.

Quando Dacre descobriu minha verdadeira identidade e me banuiu, Eiran me encontrou.

Quando me recostei no chão duro e fechei os olhos, com resquícios de magia ainda correndo em minhas veias, tentei me forçar a não desejar que tivesse sido Dacre.

CAPÍTULO VERENO

UM Um estrondo ensurdecedor rompeu o silêncio da noite, despertando-me sobressaltado. Meu coração disparava enquanto eu examinava freneticamente nosso acampamento improvisado.

O frio gelado do ar arranhava minha pele, mas eu o ignorei enquanto procurava por qualquer sinal de Eiran.

Ele se foi.

O pânico tomou conta de mim enquanto eu me esforçava para ouvir qualquer ruído além das batidas do meu próprio coração. E então veio — o som inconfundível de passos se aproximando.

Alguém estava aqui, alguém veio me buscar, e eu precisava me esconder antes que me encontrassem.

Ouvi então o choque metálico de armas, seguido por um grunhido de dor. As instruções de Eiran ecoaram na minha cabeça, determinado a me proteger a todo custo.

Quando ele me disse que, se chegasse a hora, eu deveria correr, não sabia o que fazer. Mas agora, com os membros trêmulos e a visão turva, tomei a decisão, em uma fração de segundo, de fazer exatamente isso.

Meu corpo estava exausto e fraco, incapaz de enfrentar o perigo que me aguardava. Se eu ficasse, seria apenas um fardo para Eiran em qualquer luta em potencial.

Se algum de nós tivesse uma chance, eu não poderia atrapalhar.

Seguindo as instruções de Eiran, virei-me e segui para o leste, para longe da margem do rio.

Siga para o leste, afastando-se do rio, e depois para o sul.

Nos encontraríamos no Mar do Sul. Foi o que ele me disse.

Eu tinha que ir até o Mar do Sul.

Cada passo provocava uma dor lancinante no meu tornozelo, e o tecido apertado que Eiran envolvia nele só aumentava o desconforto.

Mas eu não conseguia parar.

Obriguei-me a continuar andando, acelerando o máximo que pude, apesar da dor latejante. Meus olhos vasculhavam os arredores em busca de qualquer sinal de perigo enquanto eu avançava implacavelmente.

A floresta parecia se fechar ao meu redor enquanto eu corria, com o coração batendo forte nos ouvidos. A densa folhagem e os arbustos dificultavam a visão além de alguns metros à frente, mas continuei avançando.

De repente, um soldado vestido com o uniforme do exército do meu pai surgiu de trás de uma grande árvore, bloqueando meu caminho. Parei bruscamente e peguei minha adaga, com a adrenalina correndo em minhas veias. O sorriso irônico do soldado era ameaçador, e me preparei para uma luta.

"Aí está você, Princesa." Enquanto falava, o soldado inclinou a cabeça para o lado, seu sorriso irônico se alargando. Seus cabelos loiros caíam sobre a testa, cobrindo um dos olhos. "O reino inteiro está procurando por você."

Minha mente acelerou, tentando bolar um plano. Eu não podia deixá-lo chegar muito perto, mas se eu jogasse minha adaga, ficaria indefeso, sem outras opções.

"Para quê, exatamente?", perguntei, tentando ganhar tempo. Meus dedos apertaram o cabo desgastado da minha adaga, me preparando para o que viria a seguir.

"Para te levar de volta para casa." Suas palavras pairavam no ar como uma névoa espessa, cada sílaba carregando um peso que parecia me pressionar. Enquanto ele diminuía a distância entre nós, seu olhar perscrutador percorreu cada centímetro do meu corpo, em busca de qualquer sinal de vulnerabilidade. "Para te livrar das mãos daquela maldita rebelião."

Meu coração disparou enquanto eu mudava de posição, tentando esconder a dor na perna machucada, mas seu olhar penetrante imediatamente se fixou no meu desconforto e eu xinguei baixinho. "Como pode ver, não estou nas mãos de ninguém e não quero problemas."

"Parece que você é exatamente problema, Princesa. Você é a herdeira do nosso reino e, no entanto, aqui está, escondida na floresta com um daqueles rebeldes, em vez do palácio onde pertence."

O barulho das folhas sob meus pés preencheu o espaço entre nós enquanto eu dava mais um pequeno passo para a direita.

"Seu pai está muito ansioso para levar você para casa e mantê-la segura."

Seguro.

Um rosnado de desafio surgiu na minha garganta, mas eu o contive. Cada segundo passado naquele palácio me colocava em perigo.

"Tenho mais alguns lugares em nosso reino que gostaria de conhecer primeiro." Afastei-me dele, com a mão apertada em volta da adaga, e começamos a circular um ao outro como dois predadores à espreita de sua presa. Ele imitou cada passo que eu dava, nossos olhos fixos um no outro. "Você se importa em avisar meu pai que estarei em casa em breve?"

Meu desafio foi recebido com um sorriso largo e dentes à mostra que fizeram meu estômago revirar.

"Receio que isso não seja possível, Princesa. Você vem comigo hoje." Ele não perdeu tempo e avançou em minha direção, com os braços estendidos e a determinação brilhando nos olhos.

Tropecei para trás, meu tornozelo machucado me atrasou, mas ainda assim, me recusei a desistir.

Com cada fibra do meu ser, tentei fugir dele e escapar desse destino que me esperava.

Minha respiração estava ofegante enquanto eu corria, mas ele estava bem atrás de mim, seus passos ecoando no chão como um tambor de guerra.

Senti sua mão se fechar em volta da minha cintura, seu aperto firme como ferro enquanto ele me puxava para trás. Minhas tentativas de revidar foram inúteis, minha adaga cortando o ar inutilmente enquanto ele me arrastava para mais perto a cada passo. O impacto das minhas costas contra seu peito me deixou sem fôlego, me deixando ofegante e vulnerável.

Meu treinamento na cidade oculta me abandonou, o medo e o desespero nublando meus pensamentos. Meu corpo não conseguia se igualar à sua força bruta e agilidade. Em um momento de puro instinto, eu o debati e o agarrei, gritando de dor lancinante quando meu tornozelo machucado colidiu com seu corpo.

Mas ele apenas riu sombriamente, apertando-me ainda mais e se deleitando com minhas lutas.

"Ah, princesa", ele provocou enquanto roçava o nariz na minha nuca, me fazendo recuar. "Isso não é jeito de tratar o homem que está te salvando."

Um arrepio de pavor percorreu minha espinha quando seu hálito quente roçou minha pele como uma carícia sinistra, acendendo uma sensação de queimação que me envolveu em inquietação. Uma de suas mãos se enroscou nos cabelos da base do meu crânio, e eu pude sentir todos os pelos do meu corpo se arrepiarem, antecipando o próximo movimento que ele faria com uma mistura de medo e repulsa.

Com um puxão violento, ele me puxou para trás, fazendo-me soltar um grito agudo enquanto uma dor lancinante percorria minha cabeça.

"Que princesa linda!" Eu sentia seus lábios pressionando meu pescoço nu, como se ele estivesse inalando profundamente e saboreando meu cheiro. Isso me fazia sentir como um objeto, algo a ser possuído e controlado por ele.

Isso me fez sentir completamente impotente em seu poder.

Lágrimas turvaram minha visão enquanto eu tentava desesperadamente arrancar seus dedos de trás da minha cabeça. Minhas unhas cravaram-se em sua pele, mas ele se recusou a me soltar.

"Vamos levá-la de volta ao palácio hoje." O soldado me segurava com força, sua voz calma contrastando fortemente com minha luta frenética contra ele. "Vamos levá-la de volta ao palácio, e o rei vai me recompensar generosamente por isso. Eu sou o soldado que salvou a princesa, que salvou o herdeiro. Consegue imaginar o que ele fará?"

O pensamento fez a bile subir à minha garganta.

Eu queria gritar e implorar para que aquele homem me soltasse. Não me importava o quão fraco ele fosse. Eu não podia voltar para o palácio. Eu não podia voltar para o meu pai.

Um grito gutural e primitivo escapou da minha garganta, mas caiu em ouvidos moucos, pois o soldado permaneceu imóvel, sua mão apertando meu cabelo como se quisesse me silenciar.

"Por favor", implorei com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Um assobio repentino e agudo cortou o ar, seguido por um baque profundo que reverberou pelo meu corpo.

O inconfundível baque do metal contra a carne soou.

O soldado cambaleou para trás, sua respiração quente e apavorada em minha pele enquanto ele pegava sua arma.

Mas a outra mão dele permaneceu presa no meu cabelo, me puxando para baixo junto com ele enquanto caía. Uma dor lancinante percorreu meu couro cabeludo enquanto fios de cabelo se arrancavam, e soltei um grito ao cair em cima dele.

O cheiro de suor e sangue encheu minhas narinas enquanto eu tentava me afastar dele.

Arfei, horrorizado com a visão macabra que me deparou. Uma adaga projetava-se cruelmente de seu pescoço, e sangue jorrou do ferimento e de seus lábios, manchando a grama sob ele e criando uma poça escarlata ao redor de sua cabeça.

Ele ofegou, as mãos agarrando a arma freneticamente, como se pudesse de alguma forma estancar o sangramento, mas não adiantou. Seu destino havia sido selado com aquele golpe fatal.

Meu estômago embrulhou enquanto eu me virava, procurando freneticamente pelo culpado que havia atirado a adaga.

Eiran.

Meus olhos percorreram a área, procurando por qualquer sinal de movimento, mas ele não estava em lugar nenhum. Sem hesitar, levantei-me e corri na direção da trajetória da arma, meus pés batendo no chão.

Sul. Estávamos indo para o sul.

Lágrimas e muco escorriam pelo meu rosto, misturando-se à sujeira e ao suor que cobriam minha pele. Eu as enxugava freneticamente, uma mistura de determinação e terror alimentando meus movimentos. Apesar da dor lancinante que me atravessava o tornozelo, segui em frente mancando, com a mente focada apenas em alcançar Eiran antes que fosse tarde demais.

Cada passo parecia uma eternidade enquanto eu caminhava pela floresta, com o som da minha respiração rápida martelando em meus ouvidos.

Cada farfalhar de folhas me fazia pular, o medo apertava meu coração. Se aquele soldado estava ali, não havia como dizer quantos outros estavam com ele.

Meu pai, com seus recursos infinitos e inúmeros homens à disposição, poderia ter enviado um exército inteiro atrás de mim, e aquele soldado que estava morrendo na floresta atrás de mim não importaria.

Ele sacrificou sua vida em nome de um rei que nunca mais pensaria nele.

Enquanto eu caminhava cautelosamente pela mata densa, os sons distantes de gritos e grunhidos ficavam mais altos a cada passo. Minha mão instintivamente estendeu-se para agarrar um tronco de árvore robusto, cuja casca áspera me dava uma sensação de estabilidade enquanto eu cuidadosamente... examinei os arredores, determinado a permanecer escondido da vista.

A densa copa acima filtrava a luz fraca do sol nascente, lançando sombras salpicadas sobre a cena à minha frente. Finalmente, consegui distinguir o rosto de Eiran em meio ao caos. Suas feições estavam contorcidas em uma fúria desenfreada enquanto ele segurava um dos soldados pelo colarinho, acima do chão. O corpo do homem pendia molemente, completamente à mercê de Eiran.

Com um rosnado, Eiran aproximou o rosto do soldado do seu, seus narizes quase se tocando. Em sua fúria, gotas de cuspe voaram da boca de Eiran a cada palavra que pingava veneno.

"Sua escória palaciana imunda", ele fervia, apertando o soldado com mais força. "Leve esta mensagem com você para os seus deuses. O rei a quem você serve não será rei por muito mais tempo. Vida longa à rebelião."

Os movimentos de Eiran eram rápidos e fluidos enquanto ele levantava sua adaga e cortava a garganta do homem, fazendo com que o sangue espirrasse e respingasse no rosto de Eiran.

Mas ele não se encolheu nem se esquivou; em vez disso, pareceu se deleitar com o ato brutal.

Seus olhos estavam selvagens e frenéticos enquanto ele limpava o sangue da adaga na coxa antes de virá-la na mão.

O sílex metálico de sua lâmina chamou minha atenção enquanto eu cambaleava para trás, em choque e confusão. Ele ainda segurava firmemente a arma que acabara de tirar uma vida.

Sua adaga.

Ele ainda tinha sua adaga, mas o soldado que deixei para trás ainda tinha uma saindo do pescoço.

Eiran era um homem consumido pela vingança e alimentado pela rebelião, suas feições contorcidas com uma mistura de loucura e triunfo.

Ele não se parecia em nada com a pessoa que eu conhecia há alguns dias. Havia uma crueldade escorrendo dele que me lembrava do meu pai.

Dei mais um passo para trás, precisando colocar distância entre nós.

Eiran não havia atirado aquela adaga.

Um farfalhar atrás de mim me fez girar, minha mão instintivamente buscando a adaga em meu cinto. Mas antes que eu pudesse me virar completamente, uma figura enorme se chocou contra mim, sua mão abafando meu grito enquanto a pressionava contra minha boca.

Lutei contra eles, socando e chutando violentamente, mas eles eram muito fortes.

Fui arrastado vários metros para trás, com a visão obscurecida pelas sombras. Lutei para ter uma visão clara do meu agressor, cuja figura se elevava sobre mim na penumbra. Eles eram muito maiores e mais musculosos do que o outro soldado, e eu sabia que uma luta física seria inútil.

Assim que Eiran desapareceu da minha vista, o medo e a adrenalina correram por minhas veias e reuni todas as minhas forças para empurrar minha adaga para trás com toda a minha força. Com um baque satisfatório, o metal encontrou a carne e eu soube que havia atingido meu agressor.

"Porra." A maldição baixa e gutural escapou de seus lábios enquanto suas mãos escorregavam de mim.

Virei-me desesperada para escapar, mas fui parada pela mão dele na minha.

Dacre.

Ele estava parado diante de mim, respirando pesadamente e agarrando a parte superior da coxa, onde minha adaga estava cravada. Minha mente disparava enquanto eu tentava descobrir o que fazer.

Sua mão apertou a minha com força, e eu a afastei, com o coração batendo forte no peito como um animal selvagem tentando escapar.

"Não me toque, porra." Eu tropecei para trás.

Seu olhar se concentrou no meu tornozelo machucado, seus olhos escuros alternando entre ele e meu rosto.

Ele já sabia?

Lembranças da adaga passando perto do meu rosto e da onda de magia que havia retornado na noite anterior inundaram minha mente.

A magia que parecia tão potente em minhas veias agora.

Ele esteve aqui. Ele estava me observando.

Eu podia sentir o calor emanando do seu corpo conforme ele se aproximava, e instintivamente o empurrei com toda a minha força, batendo minhas mãos em seu peito sólido.

"Não!" Minha voz tremeu de raiva e medo. "Não ouse me tocar."

"Verena", ele disse meu nome com tanta familiaridade, como se tivesse o direito de dizê-lo, como se fosse um apelo desesperado.

E eu odiava isso.

"Não", repeti, dando mais um passo trêmulo para trás. O espaço entre nós parecia um oceano agora, mas mesmo essa distância não parecia longa o suficiente para escapar da raiva e da mágoa que queimavam dentro de mim.

Mas ele não me ouviu. Sua mão tapou minha boca mais uma vez, abafando qualquer grito ou protesto que eu pudesse fazer.

Com uma força inesperada, ele me içou contra o próprio corpo e eu não tive chance de lutar contra ele. Mesmo com uma adaga ainda cravada na perna — a minha —, ele prosseguiu, com a determinação estampada em cada linha do rosto enquanto nos movíamos para o sul, para longe de Eiran e dos homens do meu pai.

Ele estava aqui, e eu me senti em paz e em chamas ao mesmo tempo.

CAPÍTULO DOCRE

Meu aperto em torno de Verena aumentou, meus dedos cravando-se em sua pele enquanto eu lutava para controlar minha respiração. O calor do corpo de Verena se misturava ao meu, criando um brilho escorregadio entre nós, e seu coração batendo freneticamente contra meu peito espelhava o ritmo acelerado do meu.

Cada movimento que ela fazia era como uma tempestade rugindo dentro de mim, seu corpo tenso e resistente em meu aperto.

A raiva que crepitava entre nós era palpável, mas eu conseguia lidar com ela.

Foi o medo estampado em suas feições que me destruiu. Esse medo era um lembrete constante dos inimigos que ambos enfrentávamos, dos inimigos em que nos tornamos.

Eu podia ouvi-lo em sua respiração ofegante, senti-lo pulsar por seu corpo enquanto ela tremia contra mim. Eu queria afastá-lo, ignorar a névoa invisível e sufocante que ameaçava nos sufocar.

O som distante de galhos quebrando fez meus músculos ficarem tensos e meu coração disparar ainda mais rápido. Congelei e preendi a respiração, esperando de alguma forma que nossa quietude nos mantivesse escondidos.

Os olhos de Verena se arregalaram de medo quando finalmente deixei seus pés tocarem o chão. Ela abriu a boca para falar, provavelmente para gritar comigo, mas eu a silencieei pressionando seus lábios com um dedo e balançando a cabeça.

Nós dois ouvimos o som de passos se aproximando, nossos corações batendo em sincronia.

Por um momento, nossos olhares se encontraram, e o tempo pareceu parar. Eu queria me afogar nela, implorar por seu perdão, mas não tínhamos tempo para isso. Não agora.

Não quando suas pupilas dilataram enquanto elas se moviam para frente e para trás, buscando uma fuga que nós dois sabíamos que dificilmente seria encontrada.

Desviei o olhar dela e examinei a floresta.

"Fique perto de mim", sussurrei, minha voz quase inaudível por causa da nossa respiração ofegante.

Ela não respondeu, seus olhos fixos nos meus com determinação e medo que refletiam os meus.

O som de passos se aproximando ficou mais alto, fazendo meu coração disparar contra as costelas. Respirando fundo, peguei a mão de Verena e a guiei para dentro do bosque, cujos galhos retorcidos criavam um labirinto intrincado ao nosso redor.

A dor na minha coxa era brutal, mas me recusei a remover a adaga cravada nela. Se parássemos agora, eu corria o risco de sangrar até a morte antes de poder cuidar do ferimento. Tínhamos que continuar andando, por mais agonizante que cada passo se tornasse.

Conduzi Verena pela floresta escura, as árvores parecendo engolir tudo ao nosso redor, mas os passos continuaram a nos seguir. Era como se estivessem se aproximando, os ecos dos homens se aproximando cada vez mais.

Eu não sabia se eram os homens do pai dela ou os meus, mas não me importava. Recusei-me a permitir que qualquer um deles nos alcançasse.

"Aqui!" O grito cortou o ar, muito perto, e nos fez agir.

Agarrei a mão de Verena e a puxei para o chão, ambas caindo com um baque suave. Pressionei meu corpo contra o de Verena, protegendo-a enquanto espiava por entre os arbustos.

Os passos do soldado ecoavam pelo chão da floresta, as folhas e galhos estalando sob suas botas pesadas enquanto o observávamos passar. Nossas próprias respirações ecoavam alto em nossos ouvidos, o som de nossos batimentos cardíacos abafando qualquer outro ruído.

O corpo de Verena convulsionou contra o meu, seus sussurros aterrorizados preenchendo o ar ao nosso redor. Envolvi-a com força, pressionando meus lábios em seu ouvido enquanto tentava acalmá-la. "Estamos bem", sussurrei com urgência em seu ouvido. "Apenas respire. Não vou deixar que eles toquem em você."

Inclinei-me um pouco para trás e olhei em seus olhos, procurando por qualquer sinal de que ela acreditava em mim, de que ela confiava em mim.

Mas tudo o que eu conseguia ver era medo e dúvida refletidos neles.

Medo e dúvida que eu havia passado a ela.

Mas ela não desviou o olhar. Mantivemos o olhar fixo um no outro pelo que pareceu uma eternidade, ouvindo atentamente enquanto os passos dos soldados desapareciam na distância.

Com um suspiro pesado de alívio, lentamente soltei meu aperto sobre ela e afastei meu corpo do dela antes de ajudá-la a se levantar com as pernas trêmulas.

Suas mãos estavam entrelaçadas às minhas, o calor do seu toque enviava uma onda de poder percorrendo meu corpo.

Ao longe, um grito solitário ecoou do oeste, seguido pelo som de passos. Mas me recusei a soltar a mão dela enquanto começávamos a avançar, rumo ao sul.

Conforme o som dos passos deles desaparecia na distância, diminuí o passo, estremecendo quando olhei para trás e vi a dor no rosto de Verena enquanto ela lutava para me acompanhar.

"Preciso parar", ela ofegou, tirando a mão da minha antes de se curvar e se apoiar nas coxas.

"Deixe-me ver." Comecei a me agachar diante dela, tentando alcançar sua perna ferida, mas ela me empurrou com força.

"Eu disse para você não me tocar", ela rosnou, seu peito subindo e descendo rapidamente enquanto ela se afastava de mim.

Cerrei os dentes, minha frustração fervendo logo abaixo da superfície.

"Precisamos encontrar um lugar para descansar", eu disse, com a voz baixa e firme, tentando evitar que qualquer emoção transparecesse. "Precisamos encontrar um lugar para eu curar você."

Mas ela deu um passo para trás, o rosto contorcido de raiva e mágoa. "Não precisamos fazer nada", disparou, apontando agressivamente para a floresta atrás de nós. "Vocês precisam ir embora."

"Não vou a lugar nenhum", afirmei firmemente, com minha resolução inabalável.

Uma risada amarga escapou de seus lábios, carregada de dor. "Por que não? Não foi você quem me fodeu e depois me expulsou como a traidora que eu sou?"

Suas palavras eram como punhais, mas me recusei a desviar o olhar das emoções que queimavam em seus olhos. A dor que vi ali, a mágoa que causei, me fez recuar.

"Verena." Estendi a mão para ela, implorando para que me ouvisse.

Mas ela se encolheu, evitando meu toque como se eu fosse queimá-la. Seus olhos brilharam de raiva e ressentimento, como se a minha presença lhe causasse dor.

"Não me chame assim." Seu tom estava carregado de veneno e ressentimento.

"Seu nome?", zombei, sentindo uma onda de raiva borbulhar dentro de mim. Eu não queria ficar bravo com ela, mas era como tentar agarrar o fogo, volátil e imprevisível.

E eu não consegui evitar, mesmo sabendo que tinha sido muito mais cruel com ela do que ela jamais seria comigo.

"Aquele que você usou contra mim? Sim."

Lutei contra a vontade de explodir, de usar minha raiva e meu medo para machucá-la também, mas me sentia tão instável quando se tratava dela, tão fora de controle.

"Você está falando do nome sobre o qual mentiu para mim várias e várias vezes." Meu coração se apertou ao lembrar da traição dela.

"Eu não tive escolha", ela disse com os dentes cerrados, as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo.

"E você não me deixou escolha", retruquei, com a voz trêmula por tudo o que eu não estava dizendo. "O que você esperava que eu fizesse? Meu pai sabia quem você realmente era, ele exigiu..." Balancei a cabeça e tentei afastar os pensamentos sobre meu pai da minha mente.

"Eu não dou a mínima para você ou seu pai." O rosto de Verena estava contorcido de raiva, seus olhos semicerrados e cheios de ódio indisfarçável. "O que foi que ele exigiu de você, Dacre?"

Meu nome em seus lábios causou um arrepio em minha pele.

"Ele ordenou ao seu filho, seu sucessor, que transasse com a princesa perdida antes de expulsá-la do único lugar onde ela esteve segura durante anos?"

"Verena", chamei seu nome novamente, mas ela não estava ouvindo.

Ela olhou para trás, para o caminho que acabávamos de percorrer. "Quero voltar para Eiran."

Uma onda de fúria quente e vermelha percorreu meu corpo ao ouvir o nome dele nos lábios dela. Cerrei os punhos e meu maxilar se contraiu enquanto me obrigava a manter a calma.

Eu a trai, a machuquei, mas Eiran faria muito pior. "Só por cima do meu cadáver você voltará com ele."

"Isso não depende de você." Suas palavras eram como veneno, afiadas e mortais, e eu soltei um rosnado baixo antes de dar um passo para mais perto dela.

Mas ela não recuou. Em vez disso, encarou meu olhar com desafio, seus olhos brilhando com um fogo que espelhava o meu.

"Fique longe de mim", ela avisou, com a voz tão baixa e cheia de mágoa.

"Nós dois traímos um ao outro, lembra?" A briga estava nos abandonando.

Mas, à medida que sua vulnerabilidade transparecia em sua fachada, sua voz tremia de mágoa. Isso me fez querer me desfazer diante dela, apesar de tudo o que ela havia feito. Tudo o que nós dois tínhamos.

"Então por que você está aqui?" O fogo em seus olhos se apagou enquanto ela examinava meu rosto. "Por quê, Dacre? Você acha que eu não sei quais são seus planos, aparentemente quais eles têm sido o tempo todo? Se você quer tomar o reino, então tome. Você não precisa de mim para isso."

"É por isso que você acha que estou aqui?" Minha voz era quase inaudível, quase inexistente.

Ela olhou para mim, sua expressão inescrutável.

"Acho que Eiran me encontrou para me ajudar a fugir, mas e você?" Ela balançou a cabeça enquanto me avaliava, com o olhar firme. "Você é um peão para o seu pai tanto quanto eu sou para o meu. A diferença é que eu não quero ser."

Meu coração batia forte no peito, cada batida ecoando como um tambor em meus ouvidos. Era como se eu estivesse me afogando em suas palavras, sufocando sob o peso da verdade delas. Respirei fundo, tentando me acalmar, mas isso só pareceu me sufocar ainda mais. "Não estou aqui pelo meu pai."

"Eu não acredito em você." Não havia falsidade em suas palavras ou no jeito como ela me olhava. Se ela já havia confiado em mim antes, eu a destruí completamente.

"Meu pai planeja usar você para atrair o rei." Eu odiava o quão traidora me sentia ao dizer aquelas palavras. Eu estava traindo meu sangue, traindo toda a rebelião, e mesmo com a dor cortando meu peito, eu não me arrependia. "Eles vão usar você no díizimo, uma troca para encontrar as reservas de poder."

"O quê?" Havia tanto medo nos olhos de Verena agora. "Ele não vai abrir mão dessas reservas. Nem por mim, nem por ninguém."

"Ouvi meu pai e Reed conversando. Se ele não entregar, eles planejam te torturar para arrancar as informações, te despedaçar membro por membro e mandá-los de volta para o seu pai até que ele ceda."

"Não sei onde estão as reservas. Meu pai, ele..." Pânico. Eu sentia o gosto do pânico dela na minha língua, como se inundasse o próprio ar que respirávamos.

"Escute." Estendi a mão para agarrar seu braço, mas ela se esquivou violentamente do meu toque. Seus olhos se voltaram para trás, e não pude deixar de sentir uma onda de ciúmes. "Não vou deixar isso acontecer com você."

Ela olhou para trás novamente, e eu odiei o fato de que ela provavelmente estava procurando por ele.

"Ele enviou Eiran aqui para te encontrar." Cerrei os dentes, a voz carregada de amargura. "Eles estão planejando encontrá-lo no Mar do Sul para te levar de volta."

O olhar penetrante de Verena encontrou o meu, buscando qualquer vestígio de verdade em minhas palavras. "No entanto, é você quem eles planejam fazer rei?"

"Não é isso que eu quero." A admissão teve gosto de veneno na minha língua. Era o plano do meu pai o tempo todo, um plano que eu conhecia desde pequeno, e que eu desejava até ela. Mas tudo era diferente agora. Eu era diferente. "Não mais."

"Eu não acredito em você." Ela balançou a cabeça em descrença e deu mais um pequeno passo para longe de mim.

"Deixe-me curar você", implorei, apontando para o tornozelo dela. "Não preciso que confie em mim, mas pelo menos deixe-me curar você."

"Minha adaga está na sua perna", ela declarou o óbvio, e como se tivesse invocado isso, a dor imediatamente me atingiu.

"Cuidarei da minha perna depois que seu tornozelo estiver tratado", prometi, determinado a aliviar sua dor.

Sua expressão endureceu, seus olhos se estreitaram em meu rosto. "Há quanto tempo você está me observando?"

Engoli em seco, sentindo um nó se formar na garganta. "Tempo suficiente para saber que você precisa da minha ajuda."

Um breve vislumbre de esperança brilhou em seus olhos antes de rapidamente se dissipar em uma fria parede de desconfiança. "O que você quer de mim?", ela perguntou, com a voz rouca de emoção.

"Quero te curar, depois quero te tirar deste reino", respondi honestamente. Eu não conseguia entender nada além dessas verdades.

Ela deu um passo para trás, observando a floresta ao redor com cautela antes de me encarar novamente. "Nunca mais vou confiar em você."

"Ótimo." Assenti. "Não confie em ninguém, Verena."

CAPÍTULO 01 VERENO

NA noite já havia caído, envolvendo o mundo em um profundo tom índigo, e Dacre e eu mal havíamos trocado mais do que algumas palavras.

Ele caminhou na minha frente, com passos firmes e decididos, e eu queria gritar.

Cada passo que ele dava era repleto de uma força contida, seus músculos visivelmente tensos e relaxados sob a camisa. Apesar da raiva estampada em suas feições, a mesma raiva que fervilhava dentro de mim, eu não conseguia desviar o olhar da forma como sua camisa abraçava cada volume e curva de seus ombros largos e costas.

E isso só aumentou ainda mais minha frustração.

"Até onde falta a costa?", perguntei, com a voz tensa, tentando desviar a atenção de qualquer outra coisa.

Dacre se virou para mim, com a expressão momentaneamente surpresa diante da minha pergunta. "Pelo menos mais um dia", respondeu ele, com a voz firme, mas cheia de incerteza. "Talvez mais."

Seu olhar vagou por mim, demorando-se até cair no meu tornozelo. "Por quê? Seu tornozelo está doendo de novo?"

"Não. Está tudo bem." Balancei a cabeça, tentando afastar a sensação que crescia no meu estômago.

Eu deixei que ele me curasse, deixei que ele me tocasse, e agora meu tornozelo estava curado, mas meu estômago estava embrulhado.

Sua mão tinha sido gentil demais contra a parte de trás da minha panturrilha enquanto ele cutucava e massageava meu ferimento, exatamente como fizera antes, na primavera. O toque de seus dedos tinha sido uma carícia, uma promessa de algo mais que eu não deveria desejar.

Ele me rotulara como um pequeno traidor, mas era meu próprio corpo que se voltara contra mim. Minha pele traiu meus apelos aos deuses, respondendo ao seu toque como se estivesse enfeitiçada.

Minha carne não se lembrava da maneira venenosa com que ele pronunciou meu verdadeiro nome antes de me expulsar de seu quarto, me exilar de sua cidade. Em vez disso, ela se apegava ao fantasma de sua carícia, à maneira como ele fazia promessas com os dedos que jamais poderiam cruzar seus lábios.

Ignorando a dor da minha adaga cravada em sua coxa, ele dedicou sua magia à cura do meu corpo ferido. O suor escorria por sua testa enquanto ele concentrava cada gota de sua força em me curar.

E lembrei-me do que Eiran me disse.

"Mesmo os mais fortes usuários de magia só conseguem fazer muito antes que isso cause danos ao seu corpo e à sua mente."

Com um suspiro de alívio, observei meu ferimento sarar, deixando apenas leves hematomas em seu rastro.

Por fim, com a mão trêmula, ele removeu a adaga manchada de sangue e pressionou a palma da mão com firmeza contra o ferimento aberto na coxa. Seu rosto se contorceu em agonia enquanto ele canalizava seu poder para curar os músculos e tendões decepados.

Mas mesmo enquanto ele estremecia de dor, seu olhar vagou por mim novamente, como se estivesse verificando se ele não havia deixado nenhuma ferida sem cicatrizar.

E quando ele terminou, limpou o sangue da minha lâmina e devolveu minha arma sem medo ou hesitação, como se eu não representasse nenhuma ameaça a ele.

Meus dedos tremiam quando agarrei o peso familiar da minha adaga, sua lâmina afiada era um lembrete reconfortante do poder que eu tinha em mãos.

Sem ela, eu me sentia completamente vulnerável e impotente.

Mas mesmo que eu tivesse cravado a lâmina em sua carne, ele a devolveu.

"Precisaremos ter cuidado ao nos aproximarmos da costa. Meu pai e seus homens estarão procurando por você e Eiran lá, e tenho certeza de que a Guarda Real também." Ele fez uma pausa antes de falar novamente. "Ele deve saber que não há outro lugar para você fugir."

Por que ele estava aqui?

O pensamento inundou minha mente, abafando todos os outros e me deixando com dificuldade para entender tudo.

Ele me empurrou com tanta indiferença fria, ordenando que eu corresse. E agora nos guiava mais para o sul, para longe da fortaleza de seu pai.

Meus instintos gritavam que aquilo poderia ser uma armadilha, um plano astuto para me capturar e controlar. Talvez ele só tivesse me curado para ganhar minha confiança antes de me levar direto para suas garras.

Meu estômago se revirou de agitação, dividida entre a necessidade de respostas e a dor persistente no meu peito que me implorava para confiar nele.

Ele não fez nada para ganhar minha confiança, mas, tolamente, uma parte de mim ainda se apegava a ela.

Eu estava esperançosa quando Eiran me encontrou, desesperada por sua ajuda, mas isso era diferente. Não havia uma única parte de mim que quisesse confiar em Dacre.

Eu queria gritar e implorar ao meu coração teimoso para não ceder, mas ele parecia ter vontade própria. Ele tremia e doía, dividido entre a lógica e a emoção.

"Precisamos parar para passar a noite logo e descansar um pouco." Sua voz interrompeu meus pensamentos, me fazendo dar um leve pulo. "Teremos um dia inteiro de viagem amanhã novamente."

Mas antes que ele pudesse sugerir um local para acampar, eu me apressei em dizer: "Quero continuar."

Minhas palavras pairavam pesadas entre nós, carregadas de uma tensão silenciosa. Mas a ideia de ficar sozinha com ele naquela noite escura e silenciosa me deixava nervosa.

Eu o estava seguindo em uma missão para chegar a um lugar seguro, mas no momento em que paramos...

Ele me encarou por um instante antes de diminuir o passo. Mas eu não parei de andar, determinada a colocar a maior distância possível entre nós.

"Verena, precisamos descansar", ele gritou atrás de mim, com a voz cheia de preocupação.

Mas eu não parei, não estava disposta a ceder às suas exigências, e o som de seus passos se aproximando só alimentou minha determinação.

"Talvez sim, mas eu quero continuar."

"Você sempre age assim tão tolamente?" Suas palavras eram ásperas e carregadas de frustração, causando um arrepio na minha espinha.

Meu sangue fervia sob a pele quando parei, com o fogo me percorrendo, e me virei para encará-lo. "Você sempre insiste em se comportar como um babaca?", retruquei, lutando para disfarçar o tremor de fúria na voz.

Mas ele apenas sorriu, com um brilho malicioso dançando em seus olhos, um desafio zombeteiro misturado a algo mais profundo — uma emoção que se retorcia nas profundezas de seu olhar, sedutora, porém evasiva. "Precisamos descansar."

"Eu vou me ferrar se dormir aqui fora com você." Fiz um gesto descontrolado em direção às árvores imponentes que pareciam se fechar sobre nós como sombras famintas.

Seu maxilar se apertou como um torno, mas ele ignorou meus protestos. "Pode descansar. Eu fico de vigia."

Soltei um riso de escárnio, a descrença inundando minhas veias. "Isso não vai acontecer."

Ele se irritou com a minha provocação, seus olhos tempestuosos brilhando de indignação. "Você estava disposta a dormir com Eiran", ele apontou bruscamente.

"Eu estava disposto a fazer muitas coisas com Eiran que não estou disposto a fazer com você."

Observei o rosto de Dacre se contorcer em uma máscara de raiva, seu maxilar tão cerrado que parecia prestes a se estilhaçar. A escuridão acumulada em seus olhos se aprofundou, e a tensão irradiava dele como o calor de uma chama volátil — uma tempestade rugindo logo abaixo da superfície, pronta para explodir a qualquer momento.

Era evidente que havia um ódio profundo entre ele e Eiran. Cada vez que eu mencionava seu nome, isso parecia evocar uma mistura tumultuada de emoções em Dacre — ciúme e raiva.

Meu estômago se revirou de culpa ao pensar nisso.

"Você deixou ele te tocar?" Sua voz transbordava veneno, seus olhos ardendo de fúria. Meu coração disparou quando o encarei, com a respiração presa na garganta.

"Como ousa me fazer essa pergunta? Como ousa fingir que se importa?", engasguei, com a garganta apertada de emoção.

"Claro que me importo", ele respondeu rispidamente, mas havia um brilho de mágoa em seus olhos.

"Por quê? Você conseguiu exatamente o que queria de mim. Por que se importa com quem me toca agora?" Minhas bochechas queimavam de vergonha e irritação enquanto eu falava, meus punhos cerrados ao lado do corpo.

"Eu nunca vou conseguir o que quero de você." Sua voz era áspera, o que só me irritou ainda mais.

"Você conseguiu exatamente o que queria de mim." Havia tanto ressentimento na minha voz, mas eu não conseguia esconder. "Tornar-se exatamente como seu pai queria que você fosse. Exatamente como ele."

"Não diga essa merda de novo." O rosto de Dacre se contorceu em uma máscara de fúria, mas eu me recusei a recuar.

"Por que não?", retruquei, com palavras ásperas e cortantes. "Você sempre foi o soldadinho dele, não é?"

"Foi ideia dele você me fazer gozar antes de me dizer que sabia quem eu realmente era?", desafiei, cada palavra como uma adaga. "Ou você inventou tudo isso sozinha?"

Nossos olhares se encontraram, ambos fervendo de emoção.

"Confie em mim, Verena", ele disse com a voz rouca. "Quando eu te fodi, a única pessoa que teve alguma participação nisso fui eu."

"Então, não se preocupe." Cerrei o maxilar, tentando conter o tremor na voz. "Isso nunca mais vai acontecer."

Seu riso era cáustico e cruel, contorcendo seus lábios num sorriso irônico. "Como quiser, traidorzinho."

Minha raiva aumentou com suas palavras, e eu não queria nada mais do que machucá-lo, fazê-lo sentir ao menos uma fração da dor que ele havia me causado.

"A próxima vez que eu vier, será com o nome de Eiran nos meus lábios", eu disse ousadamente, tentando mascarar o medo na minha voz.

Mas antes que eu pudesse terminar de falar, ele já estava em cima de mim. Suas mãos me prenderam contra uma árvore próxima, seu rosto a poucos centímetros do meu. Seus olhos brilhavam de ciúmes e, por um momento, não consegui respirar.

"O que você está fazendo?", ofeguei, meu coração disparado enquanto a adrenalina percorria meu corpo.

"Nunca mais me diga essa merda", ele rosnou enquanto sua mão agarrava minha nuca.

Fiquei sem fôlego enquanto o encarava. Ele parecia prestes a incendiar o mundo, e tudo em que eu conseguia pensar naquele momento era em como eu queria me queimar.

"Eu nunca quero ouvir o nome dele sair da sua boca", ele ferveu. "Ele não vai tocar em você."

"Porque você disse isso?" Minha voz tremia de raiva e incerteza.

"Porque você é minha", ele declarou, suas palavras me cortando como uma faca.

Fiquei ali, sem palavras, perplexa com a possessividade em sua voz. Mas, por baixo de tudo, havia um toque de vulnerabilidade que eu nunca tinha visto antes.

"Me solta", sussurrei, as palavras ficando presas na minha garganta.

Ele hesitou por um instante, seus olhos tempestuosos ainda fixos nos meus, antes de finalmente me soltar. Ficamos ali, na escuridão, cercados pelo ar pesado da noite e por nossos próprios sentimentos não resolvidos.

"Vamos passar a noite aqui." Ele não deixou espaço para discussões.

Hesitei, mas pude sentir minha determinação enfraquecendo sob seu toque, a maneira como seus dedos se cravavam em minha carne, me tentando a ceder às suas exigências.

Com um suspiro, finalmente cedi e concordei, sentindo uma mistura de alívio e raiva. "Tudo bem", respondi entre dentes. "Mas precisamos encontrar um lugar melhor do que este."

Dacre assentiu em concordância, seu olhar percorrendo meu corpo com desejo. Parecia uma carícia preguiçosa, acendendo um fogo dentro de mim.

"Vamos", disse ele com uma voz baixa e rouca que me arrepiou. A floresta se espalhava à nossa frente, mas era a presença dele que me perturbava mais do que qualquer outra coisa.

CAPÍTULO II DOCRE

Os olhos de Erena finalmente se fecharam, sua respiração lenta e constante enquanto ela adormecia. Levamos mais de uma hora de discussão para encontrar um local adequado para acampar durante a noite, e mesmo que ela teimosamente insistisse que eu fosse a única a descansar, eu podia ver a exaustão estampada nas linhas de seu rosto.

A lua estava baixa no céu, lançando seu suave brilho prateado sobre nós. A luz filtrava-se através das folhas e galhos acima, criando uma dança hipnotizante de sombras no chão da floresta, e enquanto ela dormia, eu não conseguia deixar de observar a curva delicada de seu pescoço iluminada pelo toque suave da lua.

Apesar de suas exigências para ficar o mais longe possível de mim, eu não conseguia deixar de ansiar por sua presença. Isso me consumia, esse desejo de tê-la perto de mim, e embora eu soubesse que não era digno disso, não conseguia deixar de desejar o toque de sua pele contra a minha.

Meu olhar percorreu a densa fileira de árvores antes de se fixar novamente nela. O suave subir e descer do seu peito, o leve piscar das suas pálpebras; ela parecia tão à vontade, e percebi que era um contraste gritante com a energia inquieta que parecia emanar dela quando estava acordada. Mas naquele momento, banhada pelo luar, ela parecia serena e contente, como uma ninfa adormecida aninhada entre as raízes da floresta.

Endireitei meu corpo cansado e examinei a quietude da floresta ao redor. Não havia sinal de ninguém nos seguindo, mas eu não conseguia me livrar da sensação de inquietação que parecia me pesar como um manto pesado.

A imagem dela com aquele soldado mais cedo passou pela minha cabeça, acendendo uma fúria incandescente dentro de mim. Ele a tocara, a machucara. Ele a inalara como se ela lhe pertencesse. Isso me fez querer fazer mais do que simplesmente enfiar minha adaga na garganta dele. Se não fosse pela segurança dela, eu teria feito.

A simples ideia de alguém encostar a mão nela me dava vontade de massacrar todos os soldados do exército do rei. A própria ideia de que algo ruim lhe acontecesse me enchia de um desejo feroz de vingança, e eu não conseguia imaginar poupar aqueles na rebelião que ousassem encostar um dedo nela. A rebelião era meu lar, eles eram meu povo, mas minha raiva não tinha limites quando se tratava dela.

Com passos cautelosos, circulei o perímetro onde ela dormia, examinando todas as direções possíveis em busca de qualquer sinal de perigo. Só quando tive certeza de que estávamos seguros, me permiti aproximar-me. Ela estava encolhida, como uma bola, com a cabeça apoiada no braço. Fios de cabelo rebeldes haviam se soltado da trança e caído em cascata sobre seu rosto. Manchas de sujeira adornavam seu nariz e queixo, e ela era absolutamente cativante.

Acomodei-me ao lado dela, a poucos centímetros de nós. Estendi as pernas à minha frente e observei atentamente o que nos cercava antes de voltar meu olhar para ela. Será que eu estava tão consumido por observar cada movimento dela antes de ela ir embora? O jeito como ela dormia agora havia se tornado uma obsessão, cada subida e descida do

seu peito, as leves contrações do seu nariz enquanto sonhava. Era como se eu estivesse consumido por ela, cada respiração me provando que ela estava viva. O ar que ela respirava me sustentava.

Desviei o olhar e observei a floresta ao meu redor, as árvores imponentes me proporcionando uma sensação de isolamento e segurança. Minha mente disparava enquanto eu tentava desesperadamente bolar um plano. Eu sabia que precisava levá-la até a fronteira, até a costa sul, e embarcar em um navio. Apesar de ter moedas suficientes para garantir sua passagem duas vezes, eu tinha plena consciência do perigo que nos aguardava de ambos os lados.

Marinheiros não eram conhecidos por sua hospitalidade com garotas fugitivas em busca de passagem, e certamente não se sentiriam ansiosos para acolher uma herdeira que havia fugido de seu pai cruel, que havia fugido do rei. Mas mesmo que isso significasse empurrá-la para o porão de carga e mandá-la embora como uma bagagem, eu o faria sem hesitar.

Não havia a mínima chance de eu deixá-la voltar para o pai dela ou para o meu. Só de pensar nisso, me arrepiei. Ela acabaria morta ou, pior, à mercê deles novamente.

Este reino implacável não fora gentil com ela, e eu rezei aos deuses para que o próximo fosse. Tentei imaginar quem ela se tornaria lá, a vida que levaria em uma terra intocada por seu pai.

Será que ela se apaixonaria por um pescador que morava numa casa pitoresca na costa varrida pelo vento, com as mãos calejadas acariciando seu rosto como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo para ele? Um homem que não tinha a mínima ideia da gaiola dourada que ela havia deixado para trás? Será que ela teria filhos dele, com rostos salpicados de suaves sardas cor de canela e olhos tão ternos quanto os dela?

Odiei a ideia com uma paixão lancinante e visceral que ameaçava me consumir. A própria ideia de ela encontrar consolo nos braços de outro, de seu riso ecoando para ele ouvir, de suas mãos embalando crianças que não eram minhas – dilacerava meu coração com garras de ciúme e arrependimento.

Nunca me permiti refletir sobre tais pensamentos com mais ninguém, nunca ousei sonhar além dos limites da minha realidade. Mas com ela, tudo parecia diferente. Ela deixaria este reino em um navio, cujas velas estavam destinadas a pegar o vento. e carregá-la para longe de mim, e eu ficaria ali, parado no lugar, observando sua silhueta desaparecer no horizonte.

Naquele momento, deixei minha mente vagar pelas possibilidades do que poderia acontecer se eu embarcasse naquele navio com ela.

Estendi a mão e delicadamente afastei uma mecha de cabelo do seu rosto sereno. Ela se mexeu em seu sono, e eu congelei, meus dedos se demorando na pele macia de sua bochecha, logo abaixo de uma daquelas sardas que eu havia imaginado. Um suspiro suave escapou de seus lábios enquanto ela inconscientemente se inclinava ao meu toque.

Ela dormia, completamente alheia ao fato de que era minha mão acariciando sua pele. Mesmo assim, meu estômago se revirou enquanto eu a observava.

"Dacre", ela sussurrou meu nome tão suavemente que me perguntei se eu tinha simplesmente imaginado. Será que eu estava tão exausto e delirante por falta de sono que ouvir meu nome sair de seus lábios foi o suficiente para me levar à beira da loucura?

"Estou aqui", murmurei, passando os nós dos dedos pela sua bochecha e pela curva do seu maxilar.

Meu olhar desceu até seus lábios, cheios e suaves, e cada fibra do meu ser ansiava por acordá-la e beijá-la até que ambos nos perdêssemos um no outro.

Eu queria passar um tempo com ela, saborear cada momento, algo que eu havia negligenciado tolamente da primeira vez. Eu estava tão imerso na minha própria raiva e na traição que não conseguia enxergar além disso. Mas agora, sentado ali, observando-a dormir, era difícil enxergar qualquer coisa além dela.

Eu era um completo idiota, e ela... ela era algo completamente diferente. Boa demais para mim, boa demais para este reino, para este mundo.

"Estou com frio." Sua voz estava carregada de sono enquanto ela murmurava essas palavras sem abrir os olhos. Seu corpo mal se movia enquanto ela se aproximava de mim.

Sem hesitar, estendi a mão e a puxei para perto de mim. Ela se aninhou ao meu lado, apoiando a cabeça no meu colo enquanto suas pernas se entrelaçavam às minhas, em busca de calor.

E cada ponto onde nossos corpos se tocavam parecia queimar, como se pequenas faíscas estivessem se acendendo na minha pele. Eu ansiava pelo toque dela, consumida por pensamentos sobre o jogo que Eiran estava jogando com ela, sobre como ele a estava convencendo a confiar nele quando não estava fazendo nada além de traí-la.

Mas agora, enquanto ela buscava conforto na minha presença, a paz me invadiu. Sua proximidade agiu como um bálsamo, acalmando meu coração inquieto e acalmando a tempestade de emoções que se alastrava dentro de mim.

Recostei a cabeça na casca áspera da árvore, cujas raízes retorcidas se cravavam no chão. Meus olhos percorreram as constelações brilhantes acima, cada uma cintilando como uma promessa ou um aviso. O céu era uma vasta extensão de escuridão, pontilhada de estrelas brilhantes que pareciam não ter fim. Não pude deixar de imaginar como seria da perspectiva dela quando chegasse ao próximo reino.

As mesmas estrelas continuarão a brilhar para ela depois que ela se for? Elas zombarão de mim com seu brilho imutável, me provocando com o fato de que ela não é mais minha?

"Verena." Seu nome foi sussurrado, seu eco suave ecoando pela mata densa. Meu coração batia forte no peito enquanto eu vasculhava freneticamente a área em busca da fonte, com todos os nervos à flor da pele de medo.

"Verena." O nome reverberou pelo ar, urgente e cada vez mais próximo. Meu coração disparou, um nó frio se formou no meu estômago quando me dei conta. Era a voz de Eiran — profunda e familiar, mas carregada de uma urgência inconfundível que me arrepiou a espinha.

Porra.

Sacudi delicadamente o ombro de Verena, tentando não assustá-la enquanto a acordava. Seus olhos se abriram e seu olhar encontrou o meu, turvo e desfocado pelo sono.

Com uma sensação de urgência, sussurrei: "Levante-se. Tem alguém aqui."

O medo imediatamente brilhou em seu rosto como um relâmpago na escuridão.

Ela olhou para o local onde estava dormindo, enrolada em mim, e com um sobressalto de compreensão, levantou-se rapidamente.

O ar frio atingiu minha pele onde ela estava quando eu a segui, instintivamente desembainhando minha adaga, sua lâmina brilhando sob o suave luar.

"Verena. É Eiran", a voz de Eiran chamou novamente.

Percebi a expressão assustada de Verena — uma mistura de surpresa e incerteza — e senti uma onda de ansiedade me invadir. Será que ela o escolheria em vez de mim?

"Precisamos nos esconder", eu disse, com a voz baixa e urgente, enquanto segurava a mão dela. Seus dedos eram macios e flexíveis, sem resistir nem retribuir ao meu toque.

"Verena", ele gritou mais uma vez, dessa vez parecendo perigosamente próximo.

"Verena, precisamos nos esconder agora", repeti, com o coração batendo forte no peito.

Minha frustração aumentou ao pensar em me esconder dele, com o gosto amargo de medo e raiva se misturando na minha boca. Mas, acima de tudo, eu precisava manter Verena segura.

Mas ela hesitou, com os olhos arregalados de incerteza, e quando ele chamou seu nome novamente, estava a apenas alguns metros de distância, e o barulho das folhas sob seus passos pesados ficou mais alto.

"Porra", xinguei baixinho, a palavra sibilando por entre os dentes cerrados enquanto a puxava para trás de mim. "Você precisa correr. Vá para o sul o mais rápido que puder. Não pare por causa de ninguém. Não volte, não importa o que ouça.

Tirei as moedas do bolso e as coloquei na palma da mão dela. Ela olhou para elas, com a confusão estampada no rosto, até que fechei sua mão com firmeza.

"Isso deve te dar uma passagem para qualquer navio", eu disse com os dentes cerrados, tentando desesperadamente controlar minhas emoções. Eu não tinha tempo para pensar no pior, para pensar na possibilidade de nunca mais vê-la. "Você não para até chegar ao cais. Encontre o primeiro capitão que encontrar e ofereça tudo."

Dei uma olhada rápida para trás, certificando-me de que ainda estávamos sozinhos antes de me virar para ela. "Tentarei te encontrar lá, mas não me espere."

Ela não respondeu, mas eu podia ver medo e determinação estampados em cada linha do seu rosto. Soltando sua mão, me escondi nas sombras.

"Dacre", ela sussurrou meu nome e o desespero naquela única palavra foi o suficiente para me destruir.

"Corra, Verena." Desapareci de vista antes que fizesse alguma tolice, algo que meu coração ansiava, mas que não a protegeria do jeito que eu precisava.

Em vez disso, atravessei a floresta o mais rápido que pude, deixando-a para trás até Eiran finalmente aparecer.

Saí da sombra das árvores, e seus olhos se arregalaram de surpresa ao me ver. "Procurando alguém?" Enfie as mãos nos bolsos, encostando-me despreocupadamente a uma árvore enquanto o observava.

"Dacre." Ele soltou um suspiro agudo, o tom carregado de descrença e um toque de amargura. Ele não fazia ideia de que Verena estava comigo. Ele não sabia que eu era quem tinha matado um soldado para salvá-la, quem a tinha tirado dele.

Observei sua aparência, notando a selvageria em seu olhar e o estado desganhado de suas roupas. Estavam esfarrapadas e manchadas de sujeira, mas ele não parecia ferido. Seus olhos se fixaram nos meus, tomados por uma sensação de desespero.

"Estou procurando por Verena", ele declarou, com a voz ligeiramente trêmula.

"Assim como o resto do reino", respondi casualmente. "Alguma sorte?"

"Não seja babaca", ele retrucou rispidamente. "Ela está com você?"

Minha mente disparou enquanto eu pensava no que dizer a ele e, depois de um momento de hesitação, respondi honestamente: "Não, ela não está comigo. Você a viu?"

Eiran fez uma pausa, com uma expressão de dor, como se estivesse considerando se deveria ou não me contar a verdade, e para minha surpresa, ele o fez. "Ela ficou comigo por alguns dias. Fomos emboscados pelos homens do rei... Não sei se eles a levaram."

Havia um pânico trêmulo em sua voz que me surpreendeu. Será que ele estava realmente com medo do que poderia acontecer com Verena ou estava com medo da ira do meu pai quando percebesse que não conseguira mantê-la sob seu controle?

"Mesmo assim, você continua indo para o sul, em vez de para o norte, para onde a teriam levado", comentei, com a voz carregada de frustração e as palavras ásperas e cortantes.

Eiran deixou o rosto assumir uma expressão de indiferença, mas um lampejo de incerteza dançava em seus olhos. "Como eu disse, não sei se a levaram ou se ela conseguiu fugir. Nosso plano era que ela fugisse."

"Você e ela estão fazendo planos agora?", perguntei, com a voz carregada de sarcasmo. Cruzei um tornozelo sobre o outro, o couro das minhas botas rangendo suavemente enquanto eu me mexia. Ainda sentia dor na coxa, proveniente da adaga dela. Eu não conseguira me curar completamente, não depois de usar tanta magia para curar seu corpo ferido. A magia tinha um custo, e eu estava pagando por ele agora.

Com deliberada lentidão, retirei minha adaga da bainha de couro desgastada, cujo metal brilhava opaco sob a luz fraca. Passei a lâmina afiada sob a unha, raspando metodicamente a sujeira acumulada. O suave som de raspagem preencheu o silêncio tenso entre nós, uma ameaça sutil, porém inconfundível, pairando no ar.

"Estou fazendo o que você deveria ter feito. Estou cuidando do nosso povo", rosnou ele, com a voz baixa e carregada de uma raiva latente.

"E como exatamente Verena se encaixa nisso?" Estreitei os olhos, desafiando-o.

"Se você tivesse ouvido seu pai e a trazido até ele quando ele pediu, em vez de fazer só os deuses sabem o quê, não estaríamos nessa confusão", ele me repreendeu, com os olhos brilhando de acusação.

"Você quer dizer transar com ela." Não pude deixar de olhar para ele, meu coração disparado ao ver a raiva tomar conta de seu rosto. Uma tempestade se formava em seus

olhos, e eu sabia que estava forçando a barra. Verena ficaria furiosa quando descobrisse o que eu tinha dito, mas naquele momento, eu não me importava. "O que Verena e eu estávamos fazendo enquanto meu pai queria usá-la como peão era transar." Inclinei-me para frente, encontrando seu olhar furioso. "Eu transei com ela até ela gritar meu nome com um gemido baixinho."

"Eu sei exatamente o som que você está falando." O sorriso de Eiran o fez parecer quase perturbado enquanto inclinava a cabeça levemente, me observando atentamente. "Mas não era o seu nome nos lábios dela quando eu ouvi."

"Seu filho da puta..." Eu corri em direção a ele, mas congelei no lugar quando uma voz estrondosa ecoou pelo ar.

"Meninos." O som de folhas e galhos estalando sob botas pesadas perfurou o ar tranquilo da floresta, anunciando a chegada do meu pai. Emergindo de entre as árvores, ele estava ladeado por Reed e Adler. Meus músculos ficaram tensos e meu maxilar se apertou enquanto eu... observou-os se aproximarem. "Acho que já chega, não acha?", disse ele, com a voz cheia de autoridade.

Meu pai estava imponente diante de mim. Seu rosto era severo e autoritário, seus olhos penetrantes e inflexíveis. Mas eu não recuei, mantendo-me firme e encarando-o de frente.

"Filho, que bom te ver de novo", disse ele com falsa cordialidade. "Achamos que você tinha se perdido."

"Não", balancei a cabeça em desafio. "Estou fazendo exatamente o que você queria que eu fizesse. Estou tentando encontrar o herdeiro."

Os olhos do meu pai brilharam de irritação antes de se fixarem em Eiran, que estava por perto. "Era isso que ele estava fazendo", disse meu pai, apontando o dedo para Eiran. "Ele tinha a herdeira em suas mãos e deveria nos encontrar na fronteira sul com ela, mas de alguma forma isso deu errado."

Meu pai me observou atentamente, com muita atenção. Eu sabia que ele conseguia enxergar através da minha fachada.

"Eiran me disse que não conseguiria segurar os homens do rei por tempo suficiente para escapar com o herdeiro", disse eu casualmente, minha voz não revelando a fúria que fervia dentro de mim, embora cada fibra do meu ser ansiasse por socar o queixo presunçoso de Eiran. O desejo de violência pulsava em minhas veias, mal contido sob uma fina camada de civilidade. Ele havia cultivado meticulosamente a confiança dela, tecendo uma intrincada teia de mentiras e falsas promessas, e mesmo que eu já estivesse dolorosamente ciente de sua traição, essa lembrança gritante acendeu uma fúria assassina dentro de mim.

"É estranho, não é?" Meu pai inclinou a cabeça, observando-me atentamente. "Eiran foi capaz de matar todos os soldados que encontrou, mas não conseguiu manter nenhuma garota sob seu controle."

"Você acha que ela foi por vontade própria?", perguntei, com a voz um pouco trêmula enquanto tentava soar convincente.

"Com alguém, sim", respondeu meu pai friamente. "Só não tenho certeza se era um dos homens do rei."

A cada passo medido que ele dava em minha direção, seus olhos ficavam mais frios e penetrantes. O nó no meu estômago se apertava dolorosamente, contorcendo-se como uma serpente enrolada, enquanto eu sentia as acusações silenciosas queimando através de mim como marcas incandescentes. Minhas palmas começaram a suar, ficando úmidas e escorregadias, enquanto meu coração disparava descontroladamente no peito, batendo contra as costelas como se me implorasse para fugir.

Porra.

"Você a pegou, Dacre?", perguntou meu pai, com a voz grave e rouca, que me arrepiou. O peso do olhar do meu pai me atingiu como um manto pesado, e cada palavra que ele dizia ecoava pelos meus ossos. Seus olhos eram como cacos de gelo, frios e calculistas, enquanto avaliavam cada movimento meu.

Tentei manter uma fachada de compostura, mas minhas mãos me traíram com o tremor. "Eu já disse ao Eiran que não."

Mas os olhos do meu pai se estreitaram ainda mais, a suspeita estampada em cada linha do seu rosto. "Então por que você saiu do acampamento no meio da noite?"

"Estou procurando o herdeiro." Cruzei os braços sobre o peito enquanto observava meu pai, me preparando para uma luta, se fosse o caso.

"Você me disse que ela fugiu de volta em Enveilorian, mas parece que essa não é toda a verdade, é?" Ele fez uma pausa, me observando atentamente. Eu podia ver as engrenagens girando em sua mente enquanto ele tentava decifrar cada movimento meu, tentando ver se eu estava escondendo algo dele. "Você alegou que ela fugiu, mas decidi deixar o acampamento sozinho porque tinha certeza de que a garota iria te procurar se você estivesse sozinho."

"Eu não..." Balancei a cabeça, mas meu pai me interrompeu.

"Ela compartilhou algum segredo com você enquanto você se esquecia de suas lealdades, enterradas dentro dela?" Sua voz era fria e ríspida.

"Não sei nenhum dos segredos dela", respondi honestamente. "Ela não tinha motivo para me confiar esses segredos."

Ele não acreditou em mim. Estava estampado em seu rosto enquanto me observava, e seu olhar penetrante se voltou para Eiran enquanto ordenava: "Encontre-a".

Eiran deu um passo à frente como se fosse me ultrapassar, mas eu me coloquei firmemente em seu caminho.

"Isso não vai funcionar para mim." Minhas palavras saíram como um rosnado baixo, minha raiva fervendo logo abaixo da superfície.

O olhar do meu pai encontrou o meu, faíscas de fúria se acendendo em seus olhos. "Como?"

"Não vou permitir que você a machuque."

"Você acha que eu me importo com o que você vai permitir? Isso é sobre o reino, garoto. E você nos colocou em uma posição de fraqueza ao perdê-la, para começo de conversa." Sua voz transbordava de desdém. "Saia da frente."

Os olhos do meu pai se estreitaram, mas não consegui me afastar.

"Eu ouvi você e Reed." Acenei para o homem atrás dele, para o pai de Eiran. "Você realmente acredita que o rei será atraído por ela? Você realmente acha que ele vai abrir mão das reservas depois de ter esgotado o poder deste reino para construí-lo?"

"O que eu acredito é que a herdeira dele não tinha nada a ver com a nossa rebelião, para começo de conversa, mas foi você quem a trouxe para lá." Sua expressão endureceu, suas pupilas dilataram-se. "Por que ela estava lá, Dacre?"

"Encontrei-a debaixo do palácio. Jogada nas masmorras, assim como sua filha." Deixei minha mente voltar àquele dia. Ela parecia tão pequena, tão destruída.

Mas ela nunca foi frágil.

"Me ensinaram a proteger o nosso povo, lembra? E ela tinha a marca da rebelião na pele."

"Estranho, não é?" Ele cruzou os braços, e eu praticamente conseguia ver as engrenagens girando enquanto ele me examinava nos olhos. "Por que a herdeira do rei estaria naquelas masmorras? Por que ela possuiria a nossa marca?"

Meu peito doía com o peso das minhas palavras, como se eu estivesse traindo Verena a cada sílaba. Mas ela não era nossa inimiga; ela não era seu pai. "Você já considerou que Verena não é a traidora que você pensa que ela é?"

Sua resposta foi ríspida e cheia de raiva: "O que eu acho é que meu filho é um tolo."

"Você não vai machucá-la."

Meu pai zombou, ignorando minhas palavras. "O que eu vou ou não fazer com o herdeiro não é da sua conta."

"Você quer que eu seja o futuro rei se você conquistar este reino, mas não é da minha conta o que você faz com ela?" Balancei a cabeça e lancei um olhar de soslaio para Eiran. Ele ficou imóvel, o corpo tenso e alerta, como uma estátua aguardando ansiosamente as ordens do meu pai.

O rosto do meu pai se contorceu de raiva, suas feições endureceram em uma máscara de fúria. Ele caminhou em minha direção, cada passo ecoando pela densa floresta ao nosso redor. "Você terá sorte se sobreviver a isso", rosnou ele. "Não ouse desobedecer às minhas ordens, para não enfrentar todo o peso das consequências."

"Não vou te ajudar a encontrá-la." Meu coração batia forte no peito, cada batida um lembrete das graves consequências que me aguardavam. Parecia que o mundo tinha desacelerado, cada gota de suor escorrendo pela minha testa, um testemunho da ansiedade que serpenteava em torno do meu próprio ser.

Mas eu estava preparado para aceitar quaisquer consequências que me aguardassem, contanto que ela escapasse.

"Então não me deixa escolher", rosnou meu pai, com a voz carregada de perigo. "Prendam-no."

Seus homens avançaram em minha direção. Eiran também, e eu me preparei para o ataque. Se meu pai achava que eles me aceitariam de bom grado, ele estava enganado.

Meu coração batia descontroladamente, a adrenalina corria em minhas veias enquanto eu me preparava para lutar.

Eles estavam diante de mim, esses homens que deveriam ser meu povo, e estavam preparados para me levar como prisioneiro.

Eu era filho dele, mas ele se importava mais por eu não ter lhe dado a filha do rei. Permaneci firme, meus olhos fixos nos do meu pai, e cerrei os punhos.

"Você é um covarde, pai." Minha voz tremia de emoção. "Você está disposto a sacrificar tudo, inclusive seu próprio filho, para manter seu poder. Você não é melhor que o rei que despreza."

O rosto do meu pai se contorceu de raiva, e ele se moveu para me atacar, mas um de seus homens o conteve. Eiran aproveitou minha distração e investiu contra mim, seu ombro batendo em meu estômago e me tirando o fôlego.

Assim que cheguei ao chão, ofegante, Eiran caiu em cima de mim. Ele não se atreveu a me dar a chance de recuperar o fôlego. Em vez disso, desferiu um soco, conseguindo acertar meu queixo.

O som ecoou pela quietude da floresta, e uma onda de dor percorreu meu rosto. Com um grunhido, rolei para o lado, tentando me libertar de suas mãos.

"Você é um idiota", disse Eiran perto do meu rosto. "Você está jogando fora tudo o que conquistamos por uma garota."

Mal deixei que ele dissesse a última palavra antes de levantar o cotovelo e acertá-lo na têmpora dele.

Ele cambaleou para o lado, esfregando a cabeça, e eu vi minha chance. Eu o empurrei para longe de mim e me levantei o mais rápido que pude.

Eiran ainda parecia atordoado pelo meu golpe, mas seu pai não. Ele me acertou com um golpe que me pegou de surpresa, e Adler segurou uma das minhas mãos antes que eu pudesse me defender.

Eu me debatia e me contorcia, meu corpo lutando contra seu punho de ferro. A força do golpe fez minha cabeça girar e turvou minha visão. Enquanto eu ofegava por ar, pude ouvir o ritmo de nossas respirações, uma sinfonia de luta na floresta, que de outra forma seria serena.

Cada músculo do meu corpo ficou tenso enquanto eu me preparava para outro golpe, mas foram as palavras do meu pai que me atingiram em seguida. "Você me decepcionou, Dacre."

Encontrei seu olhar, meus próprios olhos cheios de desafio.

O pai de Eiran conseguiu agarrar meu outro braço, seus dedos cravando-se em minha carne. Lutei contra a força combinada deles, meus músculos se esforçando inutilmente.

Com uma força brutal, eles me empurraram para trás, prendendo-me contra uma árvore retorcida.

A casca áspera raspou minhas costas enquanto eles me jogavam contra a madeira inflexível, tirando o ar dos meus pulmões.

O rosto do meu pai surgiu de repente diante de mim, com os olhos escuros de raiva e as narinas dilatadas. Por uma fração de segundo, vi as veias saltando em seu pescoço e os tendões saltando em seu antebraço. Então, seu punho atingiu meu estômago como um aríete, penetrando fundo em meu abdômen. A dor explodiu em meu âago enquanto o ar escapava de mim em um suspiro estrangulado.

Curvei-me e lutei para recuperar o fôlego. Minha visão ficou turva enquanto as lágrimas ardiam nos cantos dos meus olhos. Eu podia sentir as mãos de Reed nos meus ombros enquanto ele me puxava de volta para a posição vertical até que eu encarasse meu pai novamente.

"Acha que pode me desafiar, garoto?", rosnou meu pai. "Você se esqueceu do seu lugar."

Não respondi. Talvez ele tivesse razão, talvez eu tivesse esquecido meu lugar, mas não consegui me arrepender.

Seu punho atingiu meu estômago novamente, o impacto me sacudindo com uma força que, de alguma forma, foi mais forte que a anterior. Vasculhei fundo dentro de mim, buscando qualquer reserva de poder ou força, mas só encontrei exaustão.

A cada golpe, meu corpo convulsionava e tremia de dor. A força do seu punho contra minha pele era como uma manifestação física da ganância que o consumia.

"Leve-o embora." A voz do meu pai trovejou, quebrando o silêncio tenso.

Eles apertaram meus braços com mais força, enviando rajadas agudas de dor através de mim enquanto começavam a me puxar para frente com força.

Uma onda de choque de poder pulsava do meu âmago, fazendo vibrar o ar ao meu redor. Meu poder. Não. O poder *dela*.

A expressão do meu pai mudou de triunfo presunçoso para surpresa atordoada quando uma força o atingiu no peito. Ele cambaleou para trás, seu corpo caindo no chão.

Enquanto os olhos de Eiran se arregalavam em descrença, Verena emergiu das sombras das árvores, seu corpo banhado pelo luar que se filtrava pelas folhas. A tensão marcava suas feições, seu maxilar cerrado como se ela estivesse contendo uma torrente de poder.

"Deixe-o ir", ela ordenou, o som de sua voz enviando um arrepio pela minha espinha, me fazendo tremer involuntariamente.

"Ora, ora, se não é a princesa", meu pai zombou enquanto limpava o sangue do lábio cortado com as costas da mão. "E, no entanto, meu filho estava tão inflexível que não tinha visto você."

O olhar penetrante de Verena não vacilou; seus olhos se fixaram nos dele com uma intensidade capaz de incendiar o mundo. Sua raiva era palpável, irradiando-se em ondas que ameaçavam engolir tudo e todos ao seu redor.

"Parece que ele pode ter puxado ao pai." Ela estendeu as mãos ao lado do corpo, dedos abertos e prontos para liberar sua magia. O ar vibrava de energia, carregado pela força absoluta de sua fúria. "Você não passa de uma mentirosa, afinal."

Meu pai sorriu presunçosamente, seus olhos se alternando entre Verena e eu, como se estivesse apreciando o caos que havia causado. "Parece que você puxou aos seus pais também. Encontrei sua mãe algumas vezes. Ela era uma prostituta tão boa para o rei. É bom ver que você está mantendo a tradição da família."

Os olhos de Verena flamejaram com uma fúria feroz, e uma descarga de energia bruta me percorreu como um incêndio. Queimou minhas veias, incendiando cada nervo do meu corpo e incendiando meus sentidos. Os dois homens soltaram gritos

agonizantes enquanto a força parecia queimá-los, suas mãos recuando de mim como se eu fosse uma chama ardente. Meu olhar se moveu rapidamente entre eles e vi Reed encarar suas mãos trêmulas, o choque e o medo estampados em suas feições enquanto ele cambaleava para trás.

Meu pai estava se levantando, com a mão no peito como se estivesse tentando conter o inferno que ardia dentro dele.

Mas era tarde demais. O poder dentro de mim irrompeu, uma tempestade de energia bruta implorando para ser liberada. Senti a presença de Verena ao meu lado, sua própria magia zumbindo e crepitando em harmonia com a minha.

O que é que foi isso?

"Você não é melhor que meu pai." Ela ainda me encarava diretamente, os olhos flamejantes com uma fúria que rivalizava com o próprio sol. "Você quer abolir um rei, só para substituí-lo por outro igualmente implacável." Sua voz carregava um peso que parecia fazer tremer o próprio chão sob nossos pés.

Meu pai riu, com um som frio e raivoso. "Mesmo assim, você estava se escondendo dele na minha cidade." Meu pai apontou para o próprio peito. "Você buscou refúgio em nós, mas agora nos condena?" Meu pai a encarou, e a mim ao seu lado, com ódio queimando nos olhos. "Você condena meu filho?"

Os olhos de Verena se estreitaram, brilhando com uma intensidade feroz enquanto ela avançava, sua magia girando ao seu redor como ventos caóticos. Tentáculos escuros de energia dançavam no ar, cintilando com uma beleza perturbadora.

Meus pés seguiram os dela instintivamente, cada passo ecoando o ritmo tumultuado de sua determinação enquanto eu me movia em fila logo atrás. Enquanto meus dedos roçavam suavemente suas costas — um gesto suave e silencioso de solidariedade —, senti a tensão irradiar dela. Ela se endireitou, exalando um ar de desafio que a fazia parecer maior que a vida.

"O que você vai fazer comigo?", ela perguntou, sua voz reverberando entre as árvores. "Você enviou Eiran atrás de mim, você o enviou para trair a minha confiança. Não há como dizer quantos homens você enviou para esta floresta escura, e para quê?"

Os olhos de Eiran desviaram-se rapidamente, e seu maxilar se apertou ao ouvir as palavras dela.

"Para o bem do reino", zombou meu pai, sua voz ecoando perigosamente no silêncio. "Você será usado para o bem do reino."

"Ela não será usada de jeito nenhum." Não consegui evitar que as palavras saíssem dos meus lábios.

"E quem você acha que vai me impedir?" O olhar do meu pai encontrou o meu, um espelho de quem eu me tornaria. Suas palavras pairavam no ar, carregadas de acusação e veneno.

As mãos de Verena se ergueram com um ar de desafio, como se ela fosse provar exatamente quem as deteria. Eu podia sentir seu poder emanando de dentro de mim, entrelaçado ao meu. Ele fluía pelas minhas veias, preenchendo-me com uma força que eu não tinha por conta própria.

Meus braços se estenderam instintivamente, imitando seus movimentos. Deixei o poder se libertar das pontas dos meus dedos, sua fumaça negra jorrando de mim de uma forma que a magia nunca havia feito antes, e ela atingiu os quatro, fazendo-os voar para trás.

As costas de Adler bateram em uma das árvores próximas com um baque de estilhaçar a terra. Seu corpo jazia esparramado no chão, seus membros antes poderosos agora flácidos e sem vida. Seus olhos agora estavam opacos e vazios.

Eu o matei.

Olhei para meu pai enquanto envolvia a mão de Verena na minha. Se ele me considerava um traidor antes, agora eu era muito pior.

Eu era inimigo deles.

O filho da rebelião, mas eu a estava escolhendo.

Eu matei um deles por ela.

"Precisamos ir", sussurrei com urgência para ela, minha mão apertando a dela enquanto nos virávamos. Ela assentiu uma vez, sua mão apertando a minha com força enquanto partíamos antes que qualquer um deles pudesse se levantar.

COOÍ TULO OO VERENO

C e não parou até que o sol nasceu e se pôs novamente, o céu noturno agora dando lugar aos tons ardentes de laranja e rosa no céu enquanto o sol nascia mais uma vez.

O som rítmico das ondas enchia o ar, seu aroma salgado imediatamente evocava memórias e lugares que eu desejava esquecer.

Desde criança, meus olhos eram atraídos para o horizonte do lado de fora da janela, ansiando pela imensidão infinita do Mar do Norte. Mas, à medida que emergíamos da cobertura da floresta e o Mar do Sul surgia, emoções conflitantes me invadiram. As águas azuis infinitas, antes um símbolo de esperança, agora pareciam zombar de mim com suas promessas impossíveis.

A vasta extensão do oceano estendia-se à minha frente, suas ondas quebrando contra a costa rochosa com uma força indomável. O mar parecia fundir-se perfeitamente com a pequena cidade costeira, como se fosse um ser vivo que respirasse com a maré.

"Precisamos ser rápidos." Dacre quebrou o silêncio entre nós, seus olhos vasculhando a floresta que acabávamos de deixar. Ele estava cansado, seu corpo se movia mais devagar do que eu jamais vira. "Meu pai não vai demorar muito."

O pai dele, a quem ele traiu. O pai a quem ele virou as costas por mim.

Ele *matou* um deles para mim.

Nossas palavras se esgotaram, perdidas na urgência da fuga. Corremos o mais rápido que nossas pernas conseguiam, nossos pés batendo no chão implacável enquanto nossos pulmões lutavam por ar. Os únicos sons eram nossas respirações apressadas e o ritmo forte dos nossos passos, uma batida desesperada nos impulsionando para a frente.

Mas mesmo enquanto fugíamos, minha mente estava em caos. Pensamentos giravam como um redemoinho, cada um exigindo respostas que eu não podia dar. Os resquícios do meu poder ainda pairavam em minhas veias, *o nosso poder* ... Eu não conseguia entender, não conseguia compreender a força que me percorria.

Mas eu sabia que isso nos salvou.

Ele me salvou.

Ele me salvou, me curou e depois desistiu de tudo o que sabia.

Eu me senti tola por confiar nele, ingênua por baixar a guarda com alguém, mas cada vez que eu olhava para ele, minhas dúvidas escapavam ainda mais do meu controle.

Meu coração batia forte no peito enquanto eu concordava, seguindo Dacre pela suave encosta da colina.

A cidade costeira se estendia diante de mim, maior e mais vibrante do que eu jamais imaginara. As ruas fervilhavam com um fluxo constante de pessoas, cada uma absorta em suas próprias tarefas e recados.

O sabor salgado do mar se misturava ao aroma de dar água na boca de frutos do mar frescos, criando uma mistura inebriante que enchia o ar.

Nossos passos ecoaram nas ruas de paralelepípedos enquanto passávamos por um carrinho colorido transbordando com uma variedade de produtos frescos. doces assados. O aroma doce e amanteigado chegou até nós, fazendo meu estômago revirar de fome.

Ao lado, uma carroça exibia uma variedade de especiarias vibrantes, cujos aromas perfumados dançavam no ar. Apesar das semelhanças com a capital, este movimentado mercado estava repleto de paisagens e aromas únicos.

Enquanto avançávamos pela multidão, não pude deixar de me maravilhar com esse mundo além do que eu conhecia.

Era um canto desconhecido do meu próprio reino, escondido atrás do véu da familiaridade e da rotina, e eu não conseguia deixar de me perguntar que outros segredos e maravilhas estavam além do meu alcance.

Quando imaginei a costa sul, minha mente evocou imagens de casas pitorescas e uma vila charmosa aninhada à beira-mar.

Mas o que vi ao nosso redor estava longe dessa expectativa. Era uma cidade movimentada, cheia de casas, lojas e ruas sinuosas.

Isso é algo que meu pai nunca me contou.

O aperto firme de Dacre envolveu minha mão, seus dedos calejados entrelaçando-se aos meus enquanto ele me puxava atrás de si. Seu olhar de aço permanecia fixo à frente, determinado e inabalável, como se temesse perder de vista nosso destino por um instante sequer.

Cada músculo do seu corpo parecia tenso e pronto para a ação, seus passos firmes e rápidos enquanto avançávamos. Eu podia sentir o peso da sua energia concentrada irradiando dele, nos impelindo a cada passo.

"Precisamos chegar às docas", insistiu Dacre, seu abraço firme me puxando para mais perto dele. Eu podia sentir o calor do seu corpo e me deixei levar por seu calor e força.

Ele estava certo.

As docas eram minha única esperança, a porta de entrada para uma nova vida e uma chance de liberdade. A ansiedade corria em minhas veias enquanto nos apressávamos. em direção ao porto lotado, nosso destino dependendo do sucesso de embarcar em um desses navios.

Eu não tinha nada além do metal frio das moedas que Dacre havia colocado em minha mão, nenhuma conexão para oferecer e nenhuma razão válida para que qualquer capitão me permitisse passagem a bordo de seu navio.

Mas rezei aos deuses para que um deles o fizesse.

Os braços fortes de Dacre me puxaram para mais perto, envolvendo-me em um abraço protetor enquanto fazíamos uma curva fechada para a direita. Meu coração disparou enquanto eu me esforçava para vislumbrar o que me esperava, mas Dacre me protegia com seu corpo largo.

Através de uma pequena abertura entre seus braços, avistei três Guardas do Rei fortemente armados marchando pela rua em nossa direção.

Dacre acelerou o passo enquanto descíamos rapidamente por uma rua lateral estreita, com o cheiro pungente de cerveja pairando no ar.

A rua estava lotada de pessoas, principalmente marinheiros e mercadores, cujas vozes ecoavam nos muros de pedra. Mas eles não nos deram atenção enquanto passávamos apressados.

Os dedos de Dacre apertaram os meus enquanto ele nos conduzia em direção a uma pousada pitoresca no final da rua. O aroma de cerveja ficou mais intenso à medida que passávamos por uma taverna, onde gargalhadas estridentes se espalhavam pela rua de paralelepípedos.

Dacre empurrou a porta da estalagem, a moldura de madeira rangendo ruidosamente. O interior era escuro e apertado, cheio de bugigangas e livros.

Sem dizer uma palavra, Dacre me guiou até uma pequena escrivaninha escondida no canto da sala. A porta atrás de nós se fechou com um baque estrondoso, nos prendendo lá dentro.

O calor estagnado no quarto era sufocante. O silêncio só era quebrado pelo pequeno ventilador segurado pela mulher mais velha sentada atrás da escrivaninha.

A mão enrugada da mulher agarrou-se ao ventilador como se fosse uma tábua de salvação, os seus olhos cansados refletiam o cansaço de um longo dia, embora o sol tivesse acabado de nascer. Gotas de suor brilhavam em sua testa enquanto seu olhar alternava entre Dacre e eu.

"Vocês têm alguma vaga?", perguntou Dacre, pressionando a mão contra a mesa de madeira.

A estalajadeira assentiu, pegando uma chave com dedos delicados. Ela enfiou a mão no fundo de uma gaveta, desaparecendo por alguns instantes antes de emergir com a chave. "Uma."

"Nós vamos levar."

Dacre enfiou a mão no meu bolso, tirou cinco moedas brilhantes e jogou-as sobre a escrivaninha, fazendo os olhos da estalajadeira brilharem de entusiasmo. Ela pegou as moedas ansiosamente, com a mão tremendo levemente enquanto as contava. "Só preciso trocar a roupa de cama. Está vazia há algum tempo."

"Não nos importamos", respondeu Dacre com urgência, a voz revelando uma sensação de pânico. "Precisamos do quarto agora, e eu te dou mais três dessas moedas se pudermos trazer comida também."

O estalajadeiro concordou prontamente, assentindo e entregando a chave do nosso quarto. "Suba as escadas, primeiro quarto à direita."

"Obrigado."

Os olhos da mulher se fixaram nos meus, seu olhar inquisitivo. Mexi-me desconfortavelmente, meu corpo instintivamente querendo se encolher diante de seu olhar cúmplice. Meu cabelo caiu como uma cortina sobre meu rosto, protegendo-me de seus olhos perspicazes enquanto nos afastávamos dela.

Enquanto subíamos a escada estreita em direção ao nosso quarto, eu não conseguia me livrar da sensação de desconforto que me atormentava. O olhar penetrante da

mulher parecia ter me visto através, e não pude deixar de me perguntar se ela sabia quem eu era.

Se ela soubesse quem os homens do rei estavam procurando.

Com um rangido, Dacre deslizou a chave antes de abrir a porta do nosso quarto, revelando um espaço pequeno, mas arrumado. A luz fraca de uma janela solitária projetava sombras nas paredes, destacando o papel de parede desgastado e desbotado.

No centro do quarto, havia uma cama de solteiro, com lençóis finos e amassados. Cruzei os braços, sentindo o peso da incerteza se instalar no meu estômago enquanto Dacre fechava a porta atrás de nós.

"Precisamos chegar aos navios", insisti.

"Preciso ir para os navios. Você vai ficar aqui", respondeu Dacre, com um tom firme enquanto passava os dedos pelos cabelos. Mas eu podia ver o medo em seus olhos, traindo suas palavras confiantes.

Ele estava em pânico.

Isso não fazia parte do plano. Minha mente fervilhava de perguntas e dúvidas, sem saber o que fazer a seguir.

"Você deve permanecer aqui, escondido e seguro. Coma quando a comida lhe for trazida, mas não abra a porta para mais ninguém." Seus dedos percorreram a porta distraidamente enquanto falava. "Tentarei garantir sua passagem em um navio e retornarei o mais rápido possível." Ele guardou a chave no bolso. "Lembre-se, não deixe ninguém entrar por esta porta. Há muita gente atrás de você aqui."

"Quero ir com você", implorei, minha voz traindo a hesitação e o medo em minha mente.

Dacre estava me deixando ali sozinha, e eu sentia o mesmo medo e pânico irradiando dele. Mas, em meio a tudo isso, ainda havia um resquício de dúvida persistente: e se tudo isso fosse apenas mais uma traição?

"Escute-me, Verena." As mãos de Dacre eram quentes e firmes enquanto agarravam meus ombros. Sua voz era urgente e carregada de medo. "Se aqueles homens do rei nos encontrarem, encontrarem você, eles vão te levar. E eu não serei capaz de lutar contra eles sozinho. Não tenho poder nesta cidade. Meu pai não estará muito atrás." Ele balançou a cabeça, os olhos cheios de preocupação. "Preciso que você fique escondida até que possamos te colocar em um navio. É a nossa única opção, a sua única escolha."

O peso de suas palavras pesou sobre meu peito.

Confiar nele era minha única escolha.

Era isso que ele queria dizer.

Isso é algo que ele não diria em voz alta, mas era a verdade.

Ou eu confiava nele, ou estava por minha conta.

"Tudo bem." Cruzei os braços e olhei para ele. "Mas se você não voltar em duas horas, vou embora desta pousada."

Os olhos de Dacre se fixaram nos meus, uma mistura de alívio e desespero em seu olhar. Ele assentiu. "Duas horas", murmurou antes de se afastar de mim. "Se eu não voltar, vá embora, Verena. Encontre outro jeito. Confie nos seus instintos, mas não deixe que eles te capturem. Prometa-me isso."

Assenti, sabendo que não tinha muita escolha. "Eu prometo."

O rosto de Dacre relaxou um pouco, como se tivesse acabado de tirar um fardo pesado dos ombros. Ele se inclinou e pressionou os lábios suavemente contra minha bochecha.

Eu me inclinei em direção ao seu toque, permitindo-me deleitar-me com a sensação dele antes que ele se virasse e saísse do quarto, a porta rangendo ao se fechar atrás dele.

Girei a fechadura rapidamente, ouvindo o trinco ecoar pelo quarto como um presságio.

Eu estava sozinho naquele pequeno quarto, com nada além do som constante do mar no horizonte. Uma sensação de pavor me invadiu o peito, mas eu sabia que não tinha outra escolha a não ser esperar.

CAPÍTULO 06

DOCRE

Com um olhar rápido e ansioso por cima do ombro, subi as escadas correndo, com os braços transbordando de uma variedade de itens. Meu coração disparou enquanto eu tateava o bolso em busca da chave, sentindo o peso dela frio e firme contra meus dedos.

Encostei o ouvido na porta, atento a qualquer som enquanto segurava o metal frio da chave. Não conseguia ouvir nada e me perguntei se Verena estaria dormindo.

Respirei fundo e inseri a chave na fechadura, girando-a lentamente. A porta se abriu silenciosamente, revelando o cômodo mal iluminado lá dentro. Entrei com cautela, fechando a porta atrás de mim com um clique suave.

Verena não estava em lugar nenhum, mas o quarto estava carregado de um vapor quente e pegajoso que me envolvia como uma névoa densa. Agucei os ouvidos e mal consegui distinguir seu suave cantarolar vindo do banheiro, serpenteando pelo vapor como uma melodia.

Soltei um suspiro de alívio e fui até a cama, largando os itens em meus braços. Afundei na cama, agradecida, o tecido desgastado suavizando a dor nos meus músculos, a dor que ainda atormentava minha maldita coxa. Meus olhos estavam pesados de fadiga enquanto eu deixava a exaustão penetrar nos meus ossos.

Meu pai estava preparado para me aceitar de volta como prisioneiro. Eu era seu filho, a pessoa em quem ele alegava ter confiado mais no mundo, e eu havia destruído essa confiança.

Eu matei um dos seus homens mais confiáveis.

Para ela.

Meu olhar se voltou para o banheiro, onde a porta estava entreaberta. Finas nuvens de vapor escapavam para o ambiente, trazendo sutis notas de lavanda.

Ela ainda estava cantarolando, uma melodia estranha aos meus ouvidos, mas de alguma forma reconfortante.

Do meu assento, eu mal conseguia distinguir o espelho embaçado através da porta. Apesar da névoa, era impossível não notar sua figura enquanto ela se levantava do banho fumegante e pegava uma toalha.

Meus olhos deveriam ter se desviado respeitosamente, dando a ela a privacidade que ela merecia, mas eu não conseguia desviar o olhar.

A umidade da água quente brilhava em sua pele macia, realçando cada curva e contorno de seu corpo. Seus cabelos caíam em cascata pelas costas em mechas escuras e úmidas, como uma sereia me chamando para mais perto.

Cada centímetro dela era como uma droga inebriante, e eu estava irremediavelmente viciado. Por mais que eu tentasse resistir, não conseguia parar de devorar cada detalhe que conseguia distinguir naquele momento tentador.

Ela pressionou a toalha contra o peito, absorvendo a água antes que seus olhos encontrassem os meus no espelho.

Uma súbita onda de calor se espalhou pelo meu corpo, e meu coração batia forte no peito.

Meus olhos foram atraídos para ela, impotentes, e eu não conseguia desviar o olhar. Mas, para minha surpresa, ela também não se esquivou do meu olhar. Em vez disso, ela me encarou de frente, seus olhos ardendo com uma intensidade que me cativou.

Ela moveu a toalha sobre o corpo em movimentos dolorosamente lentos. Meus olhos acompanharam o suave deslizar do tecido contra sua pele, quase como se eu estivesse em transe.

Ela se inclinou para a frente, sem tirar os olhos dos meus uma única vez, o corpo brilhando com gotas d'água enquanto segurava a ponta da toalha contra o peito e passava a outra ponta pelas pernas. A luz fraca do banheiro lançava sombras sobre suas curvas, realçando cada curva e declive de sua silhueta.

Minhas mãos se fecharam com força ao lado do corpo, lutando contra a vontade de invadir seu espaço e reivindicar o que eu não tinha direito.

Meus olhos percorreram seu corpo, percorrendo cada centímetro com olhos famintos. Meu coração se apertou ao pensar em qualquer ferimento que pudesse danificar seu corpo. Eu ansiava por passar as mãos sobre sua pele, sentir sua maciez e procurar por qualquer sinal de dano.

E, deuses, eu queria prová-la.

Minha respiração ficou presa enquanto eu lutava para manter a compostura. Seu olhar tempestuoso fixou o meu, inabalável, enquanto ela enrolava a toalha habilmente em volta do corpo, cada movimento calculado e torturante.

Ao sair do banheiro cheio de vapor, gotas d'água ainda grudavam em sua pele como joias. Seus cabelos caíam em ondas molhadas pelas costas, e o tempo pareceu passar mais devagar enquanto eu percorria com o olhar o delicado arco de sua cintura.

O ar estava carregado de desculpas não ditas e desejos não realizados. Minhas mãos tremiam ao lado do corpo, ansiando por estender a mão e implorar por perdão, por implorar a ela.

Mas eu sabia que ela tinha todos os motivos para não confiar em mim, para não confiar em ninguém. Então, nos encaramos, nossas emoções girando como uma tempestade tempestuosa ao nosso redor, esperando que um de nós quebrasse o pesado silêncio que pairava entre nós.

Ela hesitou, seus olhos cheios de dúvida enquanto diminuía a distância entre nós. Ela desviou o olhar de mim, seu olhar caindo ao meu lado. "O que é tudo isso?" Ela gesticulou em direção aos itens que eu havia trazido comigo.

"Para você", eu disse, com a voz presa na garganta enquanto me remexia desconfortavelmente e me ajustava nas calças. "Achei que você gostaria de uma troca de roupa. E essas roupas de couro da rebelião meio que te denunciavam tão ao sul."

Seu olhar voltou-se para mim, para as minhas próprias roupas de couro surradas. "E as suas não vão te entregar?"

"Eu também tenho coisas para mim." Engoli em seco, preocupada com a reação dela às próximas palavras que saíssem dos meus lábios. "Esses couros seriam brutais no navio."

Sua espinha enrijeceu, seu corpo inteiro ficou tenso enquanto ela agarrava a toalha com força. "Você vem comigo?"

Eu tive dificuldade em convencer o capitão a levar apenas um passageiro, quanto mais dois.

Eu lhe ofereci todas as moedas que tinha, e ele aceitou metade. Mas era a adaga da minha mãe, pendurada na minha cintura, que ele realmente queria.

Então, com a última coisa que me restava da minha mãe, garanti uma passagem para nós dois.

"Você realmente achou que eu te colocaria num navio sozinho e te veria navegar para longe de mim?", questioneei, me arrependendo instantaneamente da minha admissão.

Ela mordeu o lábio, seus olhos voltando rapidamente para as coisas ao meu lado. "Mas seu povo está aqui. Sua rebelião está aqui", disse ela, com a voz embargada de emoção.

"E, no entanto, você não estará." Uma dor aguda percorreu meu peito, lembrando-me do sacrifício que nos aguardava.

Ela soltou um suspiro profundo e trêmulo, os lábios tremendo ao dar um pequeno passo para trás. Parecia uma extensão infinita, um quilômetro e meio repleto de desconfiança. "Quando partimos?" Sua voz tremia de medo e expectativa.

"Dois dias." Forcei as palavras, meu próprio desgosto por elas evidente no meu tom. Era o mais rápido que eu conseguia organizar para escapar do reino, mas significava que, por dois dias, estaríamos vulneráveis e em perigo.

"Vamos ficar aqui por dois dias?" O medo nos olhos dela refletia a mesma sensação torturante no meu estômago.

"É o mais rápido que consigo tirar a gente daqui", eu disse baixinho.

Ela assentiu, com os olhos cheios de perguntas. "Tem comida para você na mesa."

"Obrigada." Assenti e cravei os dedos no cobertor fino sob mim. "Acho que vou tomar um banho primeiro, lavar os dias de viagem." *E tentar abafar os pensamentos perversos sobre você.*

Deixei meu olhar percorrer seu corpo, suas coxas nuas. Um calor me percorreu, um desejo ardente que ameaçava me consumir.

Ela estava bem na minha frente, tão perto que eu poderia estender a mão e tocá-la, mas não consegui.

Eu queria agarrar seu pulso e puxá-la para mais perto, implorar seu perdão com minha língua contra sua pele.

Tudo o que fazíamos era um risco. Deixar este reino, rezar aos deuses para que aquele para onde viajávamos fosse melhor, rezar para que nem o pai dela nem o meu nos salvassem antes que o mar nos levasse.

Ela era um risco.

Uma que eu não deveria estar disposto a aceitar, mas tentar lutar contra ela foi inútil.

Meu desejo por ela era obsessivo, incessante. *Enlouquecedor.*

Ela me traiu, mentiu para mim e, ainda assim, eu não conseguia ficar sentado ali olhando para aquelas feridas para sempre, quando olhar para ela me dava vontade de escondê-las sob um curativo, como se nunca tivessem existido.

As feridas que causamos um ao outro eram cruas e pulsantes, doendo com a dor de nossas traições, mas enquanto eu estava sentado na frente dela, fui consumido pela paz e pelo fogo.

Pulei da cama como se estivesse em chamas, com o coração batendo forte no peito. Os olhos azuis penetrantes de Verena se fixaram nos meus, sua expressão era uma mistura de surpresa e algo mais. O quarto pareceu encolher ao nosso redor enquanto a tensão entre nós aumentava, crepitando como fogo no ar.

"Com licença." Dei um passo à frente, um passo em direção a ela, mas ela não se moveu.

Ela estava bloqueando meu caminho até o banheiro, me prendendo até que eu não tivesse mais para onde olhar além dela.

Nossos corpos estavam tão próximos que eu podia sentir o calor irradiando de sua pele. Cada fibra do meu ser ansiava por alcançá-la e puxá-la para mais perto. Minha garganta parecia estar em chamas, queimando com o desejo de compartilhar cada pensamento que me atormentava.

Mas quando ela olhou para mim, com os olhos arregalados e vulneráveis, o lábio inferior tremendo levemente, não consegui encontrar palavras para expressar a tempestade dentro de mim.

"Por favor." Ela quebrou o silêncio com um suspiro baixo e deu um pequeno passo para o lado, abrindo espaço suficiente para eu passar por ela. O ar parecia denso e pesado, como melaço, enquanto eu me movia cuidadosamente ao seu redor, nossos corpos se tocando com o mais leve toque.

"Dacre." Meu nome era uma súplica gentil, um sussurro que eu mal conseguia ouvir por causa das batidas aceleradas do meu coração.

Hesitei, sentindo o calor do corpo dela roçar levemente no meu. Seu olhar se voltou para os meus lábios, e os nós dos dedos dela ficaram brancos com a força da pressão na toalha.

Sua respiração ficou ofegante, e havia tanta saudade em seu rosto. Era fácil ver seu desejo, mas também era impossível não notar seu medo.

"Obrigada." Ela acenou com a cabeça em direção à cama. "Por isso e por me ajudar."

Seu peito arfava, seus seios subiam e desciam contra o meu, e eu me inclinei, incapaz de resistir por mais tempo. "Não me agradeça." Balancei a cabeça. "Eu não mereço seu agradecimento."

A expressão de Verena se suavizou enquanto ela me olhava de volta. "Você pode não merecer, mas é seu."

Engoli em seco, tentando não interpretar muito as palavras dela.

Ela era minha.

"Sinto muito, Verena." Estendi a mão para ela, mas ela deu um pequeno passo para trás, como se tivesse se assustado com minhas palavras.

"Não precisamos fazer isso." Ela balançou a cabeça.

"Sim. Temos", insisti, com a voz baixa e suplicante. "Eu estava com tanta raiva, tão magoada, e eu nunca deveria ter..."

"Tome um banho." Ela me interrompeu e acenou com a cabeça em direção ao banheiro, e eu pude ver a pulsação rápida dela no pescoço. "Nós duas precisamos dormir."

Cerrei o maxilar e mordi a língua enquanto passava por ela, o roçar sutil dos nossos corpos parecendo uma marca enquanto eu caminhava em direção ao pequeno banheiro.

Minhas mãos tremiam de vontade de alcançá-la, de fazê-la olhar para mim enquanto eu lhe dizia as coisas que precisava, implorava por seu perdão.

Fechei a porta delicadamente atrás de mim com as mesmas mãos trêmulas, deixando-me sozinha no quarto apertado. O ar estava impregnado com o aroma de lavanda, e uma pequena vela tremulava perto da pia, projetando sombras que dançavam pelas paredes.

Despi-me rapidamente, forçando-me a não correr de volta para o quarto.

Os ladrilhos desgastados sob meus pés eram frios contra minha pele cansada quando girei a torneira e deixei a água cair em cascata sobre mim. Inclinei-me para a frente, com o antebraço apoiado na parede, enquanto me encostava nela e tentava relaxar.

Fechei os olhos com força, mas tudo que consegui ver foi ela.

Ela estava do lado de fora daquela porta enrolada em uma toalha, e eu me deixei imaginar o que ela estava fazendo, o que ela estava pensando.

Deixei-me imaginar que ela estava comigo. Imaginei meus dedos traçando a curva de sua cintura, a água escorrendo pelo seu corpo, sua pele macia e quente ao toque.

Sonhei que ela não me afastava, que não havia sinal de dúvida em seus olhos quando ela olhava para mim.

Lentamente, a água começou a aliviar meus músculos doloridos, e eu quase conseguia sentir o calor da pele dela contra a minha, a maciez do cabelo dela roçando no meu rosto e o cheiro dela pairando no ar.

Meus pensamentos dispararam, e imaginei cada ângulo do corpo dela. Meus dedos traçaram linhas na minha pele, ansiando por sentir seu toque, por tê-la envolvendo aqueles dedos em mim.

Meus dedos pressionaram firmemente os azulejos frios e lisos da parede, buscando desesperadamente um equilíbrio enquanto minha mente vagava em direção ao seu toque. Com a outra mão, tracei a curva do meu quadril, desejando que fosse a mão dela. A água caía em cascata pelo meu corpo em um ritmo reconfortante, e seu toque suave só aumentava meu anseio.

Enquanto eu estava ali, o desejo por ela aumentou, e me vi buscando meu próprio corpo, precisando sentir seu toque, embora fosse apenas uma ilusão. Envolvi meu corpo com a mão, e eu estava tão duro.

Minha imaginação correu solta com pensamentos sobre seu toque, seus lábios, sua pele, e eu bombeei meu pau na mão enquanto minha respiração ficava mais pesada.

Lembrei-me dos pequenos sons que ela fazia quando eu a tocava, quando eu a saboreava. Fiquei assombrada pela lembrança do seu gemido quando ela gritava meu nome, como se eu fosse a única coisa no mundo que ela sempre quis.

Meus pensamentos estavam tomados por ela, e eu ansiava por seu toque. Eu precisava senti-la, estar perto dela, estar dentro dela. Eu praticamente conseguia sentir a firmeza de suas paredes, a umidade de seu desejo e a intensidade de sua paixão enquanto eu a penetrava.

Ouvi um som do lado de fora da porta, me arrancando da minha fantasia, mas não parei e virei a cabeça para olhar. Eu conseguia ver as sombras dos seus pés onde ela estava, perto da porta, e me permiti imaginar que ela se recostava nela enquanto me ouvia tentar me distrair com pensamentos sobre ela.

Gemi enquanto me apertava com mais força. A água espirrou pelo meu rosto, escorrendo pelos meus lábios e pelo meu pescoço.

Ela ainda estava na toalha ou a deixou cair no chão?

Imaginei-a deslizando lentamente as pontas dos dedos pela curva do seio antes de se acomodar entre as coxas. Com um movimento sutil, ela abriu as pernas levemente e seus dedos deslizaram sem esforço, encontrando seu desejo por mim.

Apertei o punho em volta do meu pau enquanto o penetrava, querendo cada vez mais dela. Cada toque, cada estocada me levava mais perto do clímax.

Eu sentia meu alívio crescendo dentro de mim, e quase conseguia ouvir seus gemidos como se ela também estivesse perto. A imagem de nós dois juntos me consumia; nossos corpos se entrelaçavam enquanto atingíamos o ápice do prazer juntos.

Acelerei o passo, imaginando que ela estava fazendo o mesmo, nossas mãos se movendo em sincronia enquanto atingíamos nossos orgasmos.

"Porra." Apertei com mais força e bombeei mais rápido enquanto pensava nela me observando.

Verena era minha. Ela era minha. Eu não me importava se ela sabia disso ou não.

Foi meu único pensamento enquanto gozava, meu corpo convulsionando de prazer. "Verena." Seu nome escapou dos meus lábios, mais alto do que eu deveria ter permitido, mas não consegui evitar.

O som da água batendo nos azulejos era o único ruído enquanto eu tentava recuperar o fôlego. Encostei-me na parede e meus olhos se fecharam enquanto a imaginava fazendo o mesmo.

Depois de alguns instantes, endireitei-me e desliguei a torneira. Peguei a toalha no corredor, minhas mãos tremendo levemente enquanto eu enxugava a água do rosto. Eu não conseguia parar de pensar nela, na sensação da pele dela sob a minha.

Sobre como eu queria dar o mundo a ela quando eu não podia nem lhe oferecer segurança.

Rapidamente me enxuguei e tentei me recompor, embora ainda estivesse dolorido por seu toque, e olhei para a base da porta no momento em que vi sua sombra desaparecer.

CAPÍTULO 00 VERENO

A suave luz da manhã filtrava-se pela janela, lançando um brilho acolhedor sobre o cômodo. As partículas de poeira flutuavam nos raios, criando uma dança delicada enquanto giravam e rodopiavam no ar.

Passei os dedos pelos cabelos emaranhados, sentindo a umidade do suor na pele. O lençol grudava em mim desconfortavelmente no calor do quarto, e tentei chutá-lo.

Mas não se mexeu.

Um gemido baixo escapou dos meus lábios enquanto eu tentava mudar de posição, mas fui recebido com um aperto firme na minha cintura.

Dacre.

Seu hálito quente fazia cócegas na minha nuca enquanto ele se aproximava. Eu conseguia sentir o subir e descer constante do seu peito contra as minhas costas, um ritmo reconfortante que combinava com as batidas do meu coração.

A cada inspiração e expiração, ele parecia me puxar para mais perto, o calor que emanava de seu corpo me envolvia, me envolvendo em calor e desejo.

Ontem à noite, fingi estar dormindo quando ele finalmente saiu do banheiro e cambaleou de volta para o banheiro. Quarto apertado. Com apenas uma cama no quarto, não havia escapatória para nenhum de nós. E depois de ouvi-lo gemer meu nome através da porta fechada enquanto tomava banho, não consegui me obrigar a encará-lo.

Se eu tivesse feito isso, teria implorado para que ele me mostrasse o que estava fazendo, implorado para que ele me tocasse até que essa dor que parecia tomar conta do meu corpo desaparecesse.

Meu coração disparou quando me virei para a janela. Eu não queria me mexer. Não queria acordá-lo.

Mas um calor percorreu minha pele, um desespero por ele que eu não conseguia controlar.

Pressionei minhas costas contra o peito dele e pude sentir sua ereção pressionada contra a minha bunda. Eu não deveria ter ficado ali. Deveria ter corrido para o mais longe possível dele.

Mas eu não queria.

Ele tinha conseguido me garantir passagem em um daqueles navios que vi no porto. Ele *nos conseguiu* passagem, e por mais que eu quisesse fingir que isso não importava, importava.

Ele estava planejando deixar este reino comigo, deixar a rebelião e Wren.

Meu peito doeu quando pensei nela, pensei em quanto ela me odiaria se eu tirasse seu irmão dela, o quanto ela provavelmente já odiava.

Minha mente não conseguia imaginar as consequências que ele enfrentaria se retornasse à cidade oculta. Ele me escolhera em vez da rebelião. Ele lhes deu as costas no momento em que se recusou a me entregar, e eu ainda sentia o medo me percorrendo enquanto observava seu pai tentar arrancar a verdade de seus lábios.

Ele se moveu para trás de mim, seu braço apertando meu estômago enquanto seu nariz roçava minha nuca.

Levante-se, Verena.

Deixe-o.

Mas eu hesitei.

Hesitei, presa entre a vontade de me desvencilhar do seu abraço e o desejo avassalador de ficar ali para sempre. Meu corpo se mexeu inquieto, os músculos tensos pela indecisão, mas ele me segurou com uma firmeza que me arrepiou a espinha.

"Me solte", sussurrei, minha voz ainda pesada de sono.

"Ainda não." Seu hálito era quente na minha pele enquanto ele inalava profundamente, saboreando o aroma. Então, com uma leve pressão, ele pressionou os lábios contra a minha nuca. Uma carícia lenta e terna. Cada movimento dos seus lábios parecia traçar cada curva e contorno do meu pescoço, como se ele quisesse gravá-los na memória a cada toque.

Sua mão se moveu suavemente sobre minha barriga, seus dedos traçando padrões delicados na minha pele. Meu corpo reagiu instintivamente, tensionando-se sob seu toque. Tentei controlar minha respiração, mas ela se acelerou em resposta à eletricidade que me percorria.

Minhas pernas se pressionaram em uma tentativa inútil de suprimir a dor crescente entre elas, mas ela só parecia se intensificar a cada momento.

Meu corpo estava me traindo, respondendo ao seu toque, apesar de saber que não deveria.

"E-eu preciso ir", gaguejei, minha voz tremendo de emoção.

Ele não disse nada por um momento, e meu coração disparou de expectativa.

Mas então ele falou, com a voz suave, porém autoritária: "Ir para onde, Verena?"

Engoli em seco e não ousei olhar para ele. Se o fizesse, temia o que faria.

Seus dedos ainda estavam sobre minha barriga, seu toque era como o fantasma de um abraço, e isso me deixou selvagem.

Recostei-me nele, meu corpo se fundindo ao dele com um movimento quase imperceptível. Sua presença atrás de mim era palpável, o calor da sua pele queimando através das minhas roupas. Meu coração disparou quando me aproximei dele e senti a dura extensão da sua ereção contra a minha bunda.

Um arrepio percorreu minha espinha, e não consegui resistir à vontade de me mover, ainda que levemente, em busca daquela fricção deliciosa. E ele respondeu com um gemido profundo e primitivo que me fez sentir uma onda de calor.

Seus dentes roçaram meu ombro e me deram o combustível necessário para pressioná-lo com mais força.

"Porra." A palavra se perdeu na minha pele enquanto seus dedos se moviam para a borda da minha calcinha.

Ele passou um dedo por baixo, provocando o tecido, me provocando, e eu me arqueei em sua direção.

Meus olhos se fecharam enquanto ele continuava com seu toque torturante, e meu corpo respondeu sem hesitar. Eu não conseguia negar o desejo que me percorria, a necessidade do seu toque sobrepujando qualquer pensamento racional.

Seus lábios percorreram meu pescoço, seu hálito quente contra minha pele, e soltei um gemido suave. Ele interpretou isso como um incentivo, e outro dedo deslizou por baixo da borda do tecido, roçando minha pele quente.

Meu corpo tremeu em resposta, cada nervo em chamas.

Deixei meus dedos percorrerem os dele, empurrando-os para baixo com mais firmeza, implorando com meu corpo pelo que eu queria, em vez de minhas palavras.

Mas ele se manteve firme onde estava.

O toque dele era lento e suave, e era uma tortura.

Eu choraminguei enquanto tentava guiar sua mão para baixo novamente, mas ele não permitiu.

"O que você quer?" Desta vez, não havia suavidade em sua voz. A pergunta era uma exigência.

Uma pergunta que eu não tinha intenção de responder.

Empurrei-me contra ele, meu corpo ainda faminto por seu toque, e soltei um gemido frustrado quando ele não cedeu. Mas então sua mão se afastou completamente, deixando-me fria e vazia.

"Use suas palavras."

Virei-me para encará-lo, com os olhos brilhando de raiva e desejo. "Você sabe o que eu quero, Dacre."

"Então me diga." Sua mão voltou para minha barriga, e eu fiquei tensa quando ele deslizou os dedos de volta para dentro da minha calcinha. Mais abaixo do que antes, mas ainda tão longe de onde eu precisava deles.

Eu gemi e empurrei meu corpo com mais força contra ele, esfregando-me contra sua excitação em busca de alívio.

O calor reconfortante do seu corpo pressionado contra o meu foi subitamente substituído pela sensação fresca e revigorante dos lençóis sob mim. Virei a cabeça e o vi se mexendo atrás de mim, os ângulos e curvas de sua silhueta realçados pelos suaves raios de sol que entravam pela janela. Com um suspiro profundo, ele se levantou lentamente da cama.

"O que você está fazendo?", perguntei, com a voz trêmula, como se tivesse medo de quebrar o feitiço que nos envolvia momentos antes.

Observei os músculos das suas costas se tensionarem enquanto ele agarrava a camisa e a colocava sobre os ombros. Ele se virou para mim enquanto começava a abotoá-la, e ainda estava incrivelmente duro. "Preciso voltar para o cais e confirmar se está tudo certo para amanhã."

"Depois disso?" Eu ri, o som amargo e desesperado.

"Depois de quê, exatamente?" Ele levou a mão às calças enquanto me observava, esperando que eu falasse.

"Você é um babaca." Peguei o lençol enquanto me sentava na pequena cama, enrolando-o em volta do meu peito como se ele fosse me proteger.

Ele se inclinou para frente, pressionando as mãos na cama até que seu rosto estivesse a poucos centímetros do meu. "Você pode me chamar do que quiser quero, mas na próxima vez que eu te tocar, você vai implorar por isso."

Meu corpo traidor reagiu às suas palavras, mas ele estava errado.

"Isso nunca vai acontecer."

Ele sorriu, e a vontade de me inclinar para frente e pressionar minha boca na dele foi irresistível.

"Você já implorou por isso antes." Ele levantou uma das mãos e colocou meu cabelo atrás da orelha antes que eu o afastasse com um tapa. "Você estava tão molhada quando implorou por isso naquela vez. O que você acha que eu encontraria agora se tivesse abaixado a mão como você queria?"

Apertei as coxas, mas não respondi. Nós dois sabíamos a resposta sem que eu precisasse dizer uma palavra, e isso só me irritou mais.

"Você não confia em mim." Ele me olhou nos olhos. "Só vou te tocar quando você tiver certeza de que quer, quando tiver certeza de que me quer."

Ele se levantou, me deixando sozinha na cama, uma mistura de tesão e raiva ainda me percorrendo. Ele me virou de costas antes de se sentar na cama e puxar as calças para cima. Ele estava me deixando de novo, me deixando sozinha e tão frustrada, e eu me recusei a deixar isso acontecer. Mesmo sendo irracional, eu recusei.

Levantei-me da cama, jogando o lençol no chão, enquanto me movia pelo quarto. Peguei as roupas novas da escrivaninha onde as havia deixado na noite anterior. Agarrei a barra da minha fina camisola antes de puxá-la pela cabeça e pegar a camisa nova que ele havia me dado.

O suave farfalhar dos lençóis preencheu o quarto enquanto Dacre se mexia na cama atrás de mim. Eu podia sentir seu olhar intenso queimando minhas costas enquanto me vestia rapidamente, tentando ignorar o calor escaldante que percorria meu corpo.

"O que você está fazendo?"

"Aparentemente, indo para o cais." Vesti as calças, muito mais macias do que as de couro que eu estava usando.

"Não. Você não vai", rosnou Dacre, e eu o ouvi se levantar enquanto eu enfiava minha camisa para dentro.

"Se você está, eu também estou." Eu estava sendo irracional, mas ele me forçou a ser assim. Eu estava com raiva e me sentindo tão carente.

E ele se recusou a atender a essas necessidades.

"Não é seguro você sair desta sala, Verena."

"Também não é seguro para mim ficar no quarto." Virei-me para ele e cruzei os braços. Deuses, ele era tão bonito assim antes?

"Você não vai sair desta sala." Sua voz não deixou espaço para discussão, mas mesmo assim eu argumentei.

"Não faça isso. Não me prenda como ele." Minhas palavras foram duras e amargas, e me arrependi delas no momento em que saíram dos meus lábios.

Seus olhos se estreitaram antes de ele dar um passo à frente e pegar um cobertor fino do encosto da cadeira. Ele o ergueu nas mãos, dobrando-o cuidadosamente antes de

colocá-lo sobre minha cabeça como uma mortalha, o tecido macio cobrindo meu cabelo e pescoço.

"Para te proteger do sol forte." Ele enrolou a ponta do cobertor sobre a parte inferior do meu rosto, escondendo minhas feições. "Como muitos marinheiros usam."

Assenti mesmo com as mãos tremendo.

"Verena." Ele disse meu nome tão suavemente que eu olhei para ele, desesperada por qualquer coisa que ele me dissesse. "Eu nunca vou te perdoar se você for pega."

Você . Nós não.

Era a minha segurança que estava em jogo.

Minha segurança pesava muito em sua mente quando ele abriu a porta e me levou para fora do quarto.

CAPÍTULO 08

DOCRE

UM Assim que nossos pés pisaram na rua de paralelepípedos, meus sentidos ficaram em alerta máximo. Cada som era amplificado, cada aroma, avassalador.

Repreendi-me mentalmente por não ter recusado o pedido de Verena para ir embora. Eu deveria tê-la mantido segura dentro dos limites da estalagem, deveria ter amarrado sua bunda à cadeira até que ela não tivesse escolha a não ser ficar.

Mas o jeito como ela me olhou cortou meu peito como uma navalha. Suas palavras, comparando-me ao controle sufocante de seu pai, reviraram minha mente.

Era sufocante, me afogando em uma culpa avassaladora por deixá-la gozar enquanto caminhávamos lado a lado em direção às docas.

Ao entrarmos na rua principal, fomos cercados por uma cacofonia de pessoas e energia. Instintivamente, puxei Verena para mais perto de mim, sentindo seu corpo tenso contra o meu. A tensão em seu corpo era palpável, um resultado pelo qual ambos éramos culpados.

Mesmo sabendo que ela provavelmente só me culpava.

Mas eu não estava mentindo quando disse a ela que não ia me entregar até que ela implorasse. Recusei-me a ser uma mera fuga para ela, um momento fugaz de prazer que ela poderia encontrar com qualquer outra pessoa.

Eu queria que ela me desejasse porque era o meu toque, a minha presença, que ela ansiava com cada fibra do seu ser. Assim como eu ansiava por ela em troca.

Eu queria que não houvesse medo em seus olhos quando ela olhasse para mim, nenhuma desconfiança.

Eu não vira nenhum sinal do meu pai ou de seus homens desde que cheguei à costa sul, mas meus olhos vasculhavam o horizonte em busca de qualquer sinal deles. Apesar da ausência de evidências físicas de que estivessem ali, a constante expectativa e a profunda desconfiança em relação à minha própria carne e sangue pesavam sobre mim.

Eu não sabia a extensão dos ferimentos que havia causado a eles enquanto fugíamos, os danos que havia causado e o quanto os havia deixado para trás. O conflito interno me consumia, esperando que minhas ações fossem suficientes para impedi-los de nos alcançar. Mas, independentemente do que acontecesse entre nós, ele ainda era meu pai.

Ele tinha grandes planos para o nosso reino antigamente, mas agora esses planos custavam caro a Verena. Ele falava dela como se ela não passasse de um pedaço de carne a ser usado como isca para atrair o pai à submissão.

Ela era um preço que ele estava mais do que disposto a pagar, um sacrifício que não lhe custou nada.

E eu nunca o perdoaria por isso.

Só de pensar em deixar nosso reino, meu estômago embrulhou, mas eu faria o que fosse preciso para protegê-la.

No entanto, apesar da minha determinação, pensamentos sobre Wren e Kai ainda persistiam no fundo da minha mente. Forcei-me a afastá-los, a bani-los para tão longe

que não pudessem mais obscurecer meu julgamento. A presença deles só serviu para semear dúvidas e hesitações dentro de mim.

E eu não tinha dinheiro para nenhuma das duas coisas. Nenhum de nós tinha.

À medida que nos aproximávamos do porto caótico, Verena se virou para mim e perguntou, com a voz inquieta: "Para onde estamos indo?"

Levantei a mão para apontar para a direita, onde um grande navio de madeira estava atracado. Seu mastro imponente erguia-se em direção ao céu sem nuvens, e a agitação dos homens carregando carga em seu enorme convés enchia o ar com gritos e metal tilintando.

O cheiro de água salgada e peixe flutuava na brisa salgada, misturado ao cheiro subjacente de suor.

Verena parecia absorver tudo enquanto o vento implacável chicoteava seu cachecol improvisado. Ele puxava as pontas, tentando se soltar e expô-la aos olhares curiosos ao nosso redor.

"Fique ao meu lado", insisti, tentando manter o tom baixo e calmo. "E não fale, a menos que seja absolutamente necessário. Não precisamos chamar atenção para nós."

Verena assentiu silenciosamente, embora seu maxilar cerrado e olhos semicerrados revelassem sua frustração por ser relegada a uma mera espectadora naquele jogo perigoso.

Mas eu não podia me dar ao luxo de deixá-la ser imprudente ou de alguém questionar quem ela era naquele momento; a segurança dela era minha principal preocupação. Não importava se o ego dela fosse ferido no processo. Tudo o que importava era tirá-la dali inteira.

O cheiro pungente de peixe nos inundou assim que pisamos no cais. Marinheiros estripavam e limpavam diversas criaturas marinhas, com suas ferramentas e restos descartados espalhados aleatoriamente ao redor.

Em meio à multidão, abrimos caminho pela multidão em direção ao navio em que eu havia garantido passagem para Verena e eu. Meu coração disparou enquanto subíamos a bordo, e meu aperto em sua mão se intensificava a cada passo.

Procurei o rosto familiar do capitão com quem falei ontem, meus olhos percorrendo o convés movimentado, e o som das ondas quebrando contra o casco enchia meus ouvidos à medida que avançávamos no navio.

Minutos se passaram antes que o capitão finalmente emergisse do convés inferior, sua voz rouca gritando ordens para a tripulação. Ele parou na nossa frente, olhando-me com cautela antes de voltar sua atenção para Verena.

"Ah, deve ser ela, aquela com quem você está tentando escapar." Apesar do caos ao nosso redor, sua voz cortou o barulho como uma faca afiada, carregando seu tom áspero e autoritário com facilidade.

Fuga. A palavra pairava pesadamente no ar, ecoando em minha mente enquanto ele a observava com um olhar de aço.

Nunca usei essa palavra com ele, mas imaginei que um homem desesperado o suficiente para pagar todas as suas moedas e a adaga de sua mãe fosse fácil de identificar.

Estávamos fugindo.

O olhar atento do capitão me fez me mexer desconfortavelmente, minha mão apertando a de Verena enquanto eu tentava permanecer calmo e composto.

"Só estamos dando uma olhada", confirmei, mantendo o tom firme apesar do nervosismo martelando no meu estômago. "Queríamos ter certeza de que tudo estaria resolvido para amanhã para nós dois."

O capitão ergueu uma sobrancelha antes de grunhir em reconhecimento. "Tudo está como planejado." Sua mão áspera acariciou minha adaga em seu flanco, e observei os olhos de Verena acompanharem o movimento. Ela encarava a arma atentamente, e meu desconforto aumentava a cada momento.

"Partiremos ao amanhecer", disse ele, lançando um olhar severo entre nós. "Partiremos sem vocês se não estiverem aqui."

"Estaremos aqui", assegurei-o, apertando com mais força a mão esguia de Verena. Eu podia sentir seu pulso acelerar sob meu toque e sabia que ela compartilhava meu desconforto com o escrutínio do capitão.

Eu odiava o jeito como ele a encarava, como se tentasse decifrar todos os seus segredos. Seu olhar era tão penetrante que me fez querer me colocar na frente de Verena e protegê-la do que quer que ele estivesse pensando.

Mas eu sabia que precisávamos dele para que nosso plano desse certo. Então, engoli meu desconforto, mesmo com o medo se instalando em meu estômago como uma pedra pesada.

Dei um passo para trás, puxando-a comigo, e acenei para o capitão. Descemos do navio, a embarcação que nos levaria para longe de tudo, e o ar salgado do mar encheu meus pulmões enquanto eu nos guiava de volta à pousada familiar.

Apesar do nó constante de incerteza que me pesava no estômago, eu tinha moedas suficientes para pagar ao estalajadeiro por mais uma refeição quente. A ideia de retornar ao conforto acolhedor e à segurança familiar do nosso quarto trouxe uma onda de alívio e esperança em meio ao caos que nos cercava.

Esta noite estaríamos seguros e amanhã, olhei para trás, para o navio, mais uma vez, navegaríamos para longe deste reino sem olhar para trás.

Enquanto caminhávamos, Verena de repente agarrou minha mão com uma força que me fez parar no mesmo instante. Virei-me para encará-la, com a testa franzida de preocupação.

"O que houve?", perguntei, observando a tensão em seu corpo e o jeito como ela mordia o lábio inferior ansiosamente.

"Nada." Ela balançou a cabeça antes de lançar um olhar furtivo para trás, para a vasta extensão do mar. "Podemos..." Ela hesitou antes de respirar fundo e perguntar: "Podemos ir até o oceano?"

"Estaremos no oceano amanhã." Não havia como dizer quantos dias passaríamos no mar antes de chegarmos ao próximo reino.

"Não é isso que eu quero dizer." Ela olhou para mim. "Quero sentir o sal na minha pele e as ondas quebrando nas minhas pernas", continuou, com os olhos suplicantes.

A vasta extensão do oceano se estendia diante de nós, com suas ondas quebrando contra a costa rochosa abaixo.

"Não é seguro ficarmos aqui fora", murmurei, olhando por cima do ombro para ter certeza de que ninguém estava nos observando.

Os olhos de Verena estavam fixos no horizonte infinito, sua voz cheia de saudade e desespero. "Sempre consegui ver o oceano pela minha janela, mas nunca estive nele."

"Você sentiu a água salgada em sua pele na cidade escondida", respondi, tentando argumentar com ela.

"Isso é diferente e você sabe disso."

"Verena", suspirei e balancei a cabeça, antes de examinar os arredores mais uma vez. Não estávamos seguros.

"Por favor", ela implorou, envolvendo meu antebraço com força.

Meu coração doeu ao pensar em tudo que ela havia perdido na vida, em como ela havia sido enjaulada.

"Não podemos ficar muito tempo."

Seu rosto se iluminou e pude ver o alívio tomar conta dela.

Nós descemos pela costa rochosa e eu a ajudei a passar por algumas das pedras grandes.

Eu nos levei para longe o suficiente para que ninguém nos notasse, para longe o suficiente para que ninguém *a notasse*.

Sentei-me em uma das pedras e observei enquanto ela tirava as botas e arregaçava as calças antes de ficar na beira da água. Ela hesitou por um instante, olhando para a água fria e azul antes de respirar fundo e entrar nas ondas.

Ela deu mais um passo, deixando as ondas baterem em suas panturrilhas, e riu enquanto a água batia em suas pernas.

Ela se virou para mim, com os olhos brilhando de gratidão. "Obrigada."

Retribuí o sorriso e assenti, hipnotizado por ver toda a costa à minha frente, mas tudo o que eu conseguia ver era ela. "De nada."

Ela se moveu um pouco mais para frente até que as ondas atingiram seus joelhos, encharcando suas calças.

Enquanto ela inclinava o rosto em direção ao sol, não pude deixar de notar a maneira como a luz dançava em sua pele, criando um brilho suave em suas feições. Uma brisa suave dançava alegremente contra o tecido delicado de seu cachecol, fazendo-o esvoaçar e balançar atrás dela como uma fita graciosa ao vento.

Recostei-me nas mãos enquanto a observava. "Está frio?", perguntei, minha voz quase um sussurro.

"Venha descobrir", ela respondeu com um sorriso travesso nos lábios. Ela se virou para mim, e mais uma vez fiquei impressionada com o quão deslumbrante ela era.

"Estou bem", eu disse, balançando a cabeça, mais do que satisfeito em apenas observá-la, cativado por cada movimento seu.

Ela brincava jogando água na minha direção, e seu riso era levado pelo vento.

"Verena!" Não consegui evitar rir junto com ela quando a água me pegou de surpresa.

"Entre", ela insistiu, chutando a água com um brilho travesso nos olhos.

Fiquei observando-a e uma sensação de calor tomou conta do meu peito ao vê-la.

Não consegui resistir mais a ela e tirei minhas botas com um sorriso enquanto me levantava e caminhava em sua direção.

A água fria contra minha pele, me provocando arrepios enquanto eu me aproximava dela. Cada onda batia nas minhas pernas, a espuma salgada se misturando com o frescor da água. Eu sentia a areia se movendo sob meus pés, criando um ritmo suave a cada passo.

Ela gritou quando a peguei no colo e a carreguei em direção às águas mais profundas.

"Ei!" ela protestou, jogando água em mim enquanto andávamos.

Chegamos a um ponto onde a água estava um pouco acima da nossa cintura, e eu afundei na água, levando-a comigo.

Verena riu enquanto as ondas quebravam contra nós, a água salgada ardia em meus olhos enquanto me espirrava no rosto.

Eu ri junto com ela, mas não a soltei. Ela estava com os braços em volta dos meus ombros enquanto chutava a água, e fiquei impressionado com a liberdade que ela demonstrava naquele momento.

"Eu queria ser uma sereia." Ela chutou novamente antes de fechar os olhos e inclinar a cabeça para trás até que os raios de sol beijassem seu rosto.

"Por que uma sereia?", ri baixinho, meus olhos percorrendo cada curva e ângulo de suas feições delicadas. Sua pele brilhava sob a luz suave, realçando as sardas sutis salpicadas em suas bochechas. Seus lábios se curvaram em um sorriso brincalhão, revelando uma covinha em um dos lados.

"Você consegue imaginar como eles devem ser livres?" Ela deixou os braços caírem do meu pescoço, mantendo-os estendidos ao lado do corpo na água, e eu segurei seu peso nos meus braços.

"Você estará livre em breve." Olhei para ela, observando sua expressão enquanto o sorriso desaparecia de seus lábios.

"Eu nunca serei livre." Com um movimento lento e deliberado, ela abriu os olhos e olhou para mim. Seu olhar continha uma emoção profunda que fez meu peito doer.

"Sim, você vai." Assenti. "Não vou parar até que você esteja."

Ela se desvencilhou graciosamente do meu abraço e enxugou a água do rosto. Virou-se em direção ao horizonte, o vento soprando suavemente ao nosso redor enquanto ela contemplava a vasta vista à nossa frente.

"Era a sua adaga que o capitão tinha na cintura?" Sua pergunta cortou o ar como uma lâmina, me pegando desprevenido.

"Tecnicamente, era da minha mãe."

Ela se virou, seu olhar fixo no meu. "Você deu a ele a adaga da sua mãe?"

Hesitei, sem saber como responder. "Eu não tinha muita escolha."

Verena respirou fundo e soltou o ar lentamente, com os olhos fixos nos meus. "Você não devia."

"Eu lhe daria qualquer coisa que ele pedisse."

Ficamos ali, com o peso do nosso passado e a incerteza do nosso futuro nos atingindo com cada onda.

"Você vai se arrepender de ter ido embora", disse Verena de repente, quebrando o momento de silêncio entre nós.

Suas palavras pairavam no ar, carregadas de um aviso que eu não daria ouvidos.

"Lamento tantas coisas, Verena, mas deixar este mundo por você não será uma delas."

Ela se virou, com uma emoção que não queria que eu visse no rosto. "Deveríamos voltar."

"Deveríamos." Estendi a mão para ela e peguei sua mão na minha debaixo d'água.

Ela olhou para mim, seus olhos se chocando com os meus, e naquele momento, eu soube que cada palavra que eu havia dito era verdade. Nada me faria me arrepender dela.

CAPÍTULO 09

VERENA

C Ainda estávamos encharcados quando voltamos para a pousada.

Dacre aproximou-se da escrivaninha de madeira, enfiando a mão no bolso para pegar algumas moedas brilhantes. Ele as deslizou pela superfície desgastada até o estalajadeiro, pedindo que trouxessem comida para o nosso quarto. Meu estômago roncava de fome, mas era insignificante em comparação com o desejo insaciável que crescia dentro de mim por ele.

Coloquei os braços em volta do peito, tentando afastar o ar frio que passava pelas minhas roupas molhadas enquanto esperava ansiosamente que Dacre abrisse a porta.

Assim que ele fez isso, nós dois tiramos as botas ansiosamente, e o som de suas batidas ecoou pelo quarto vazio.

Dacre atravessou o quarto com determinação, seus passos molhados deixando um rastro de água no chão. Ele desapareceu no banheiro e, depois de um momento, emergiu com uma toalha na mão enquanto pressionava a outra contra a nuca.

A água escorria por seus cabelos despenteados enquanto eu pegava a toalha que ele me oferecia. O tecido era macio quando o pressionei contra mim.

"Você pode ir ao banheiro para se trocar", ele disse, com os olhos fixos na minha boca enquanto falava.

O calor fervilhava sob minha pele, explodindo até se espalhar por todo meu corpo.

"Obrigada", consegui dizer enquanto assentia, mas não me mexi. Fiquei ali parada, encarando-o do mesmo jeito que ele me encarava.

Ele deu um passo à frente e estendeu a mão para afastar delicadamente uma mecha de cabelo do meu rosto. Estremeci com o toque de seus dedos frios na minha pele em chamas.

Naquele momento, todas as dúvidas e medos que atormentavam minha mente pareceram desaparecer, como uma névoa espessa se dissipando sob os raios quentes do sol.

A traição que me consumia desde o momento em que ele me mandou fugir agora parecia se desfazer em fragmentos fracos e insignificantes.

Eu o queria. Deuses, eu precisava dele.

"Vai, Verena." Sua voz era baixa e áspera, causando arrepios na minha espinha. Ele acenou com a cabeça em direção ao banheiro enquanto deslizava a mão pela lateral do meu pescoço, seu toque eletrizante.

Assenti lentamente, meus olhos fixos nos dele em um apelo silencioso, mas ainda assim não me mexi.

Os dedos de Dacre se enredaram no meu cabelo molhado, puxando-me ainda mais para perto dele. Nossos rostos estavam a centímetros de distância, o ritmo das nossas respirações se misturando no espaço entre nós.

"Verena", ele praticamente rosnou meu nome, seu olhar se movendo dos meus lábios para os meus olhos. "Você precisa ir antes que eu faça algo que você não quer."

Uma inspiração profunda escapou dos meus lábios, e eu podia sentir a pulsação acelerada sob seus dedos, como se estivesse tentando sair da minha pele. "E se for o que eu quero?"

Cada nervo do meu corpo parecia formigar de antecipação enquanto eu esperava seu próximo movimento.

Sua mão deslizou pela minha nuca, seu aperto firme, mas gentil. O calor de sua palma penetrou em minha pele, enviando Faíscas de eletricidade percorreram meu corpo. Senti um fogo suave acender dentro de mim, aquecendo-me de dentro para fora.

Meu corpo instintivamente se inclinou em direção a ele, meus músculos relaxando sob a pressão suave do seu toque.

"Então você precisa me contar, Verena." Seus olhos pareciam penetrar os meus, e eu podia sentir o peso de suas emoções conflitantes, mas seus dedos nunca hesitaram em me segurar. "Eu não estava mentindo para você antes. Não vou te tocar a menos que você queira."

Meu coração batia forte no peito, uma fera selvagem e indisciplinada arranhando os limites da minha caixa torácica, ansiando por seu toque.

"Eu preciso...eu preciso de você."

As palavras eram como um apelo. Elas arranhavam minha garganta, implorando para serem ouvidas.

Os olhos de Dacre brilharam e borraram o mundo ao meu redor enquanto sua respiração se tornava pesada e irregular contra minha pele. Ele se inclinou para mais perto de mim até seus lábios roçarem a concha da minha orelha.

Suas palavras foram como uma carícia enquanto passavam pela minha pele. "Mas você me quer?", ele sussurrou, seus lábios se movendo contra minha pele.

Assenti, incapaz de formular as palavras que ele precisava ouvir.

Ele se afastou um pouco, apertando minha nuca com mais força. "Preciso das suas palavras, Verena." Sua voz estava cheia de desejo. "Preciso saber que é isso que você quer."

Sem hesitar, disse a única verdade que tinha: "Eu quero você."

Com essas três palavras simples, tudo mudou.

Os lábios de Dacre se chocaram contra os meus com uma urgência e um desespero que eu nunca havia sentido antes. Seus dentes roçaram meu lábio inferior, causando arrepios na minha espinha. Um gemido baixo e gutural escapou de sua garganta enquanto eu, ansiosa, abria meus lábios para saboreá-lo ainda mais.

Seus dedos traçaram um caminho do meu pescoço até meus quadris, explorando cada curva e declive do meu corpo. Com um toque forte, porém Com um toque suave, ele me levantou e eu instintivamente passei meus braços em volta de seus ombros largos.

Nossos corpos se moldaram enquanto ele nos carregava em direção à cama, sem nunca interromper o beijo.

Ele me deitou na cama macia, e eu soltei uma risadinha enquanto saltava levemente no colchão. Mas meu riso foi interrompido quando olhei para Dacre e vi o brilho intenso, quase predatório, em seus olhos.

Meus dedos roçaram seu peito, sentindo os músculos tensos sob a camisa úmida. Ele pegou minha mão e a levou aos lábios, depositando um beijo suave em minha pele.

"Deuses, você é linda." Ele se inclinou para frente, levantando minha blusa úmida até que ela ficasse abaixo dos meus seios. Com um toque leve como uma pena, ele passou o nariz pela minha barriga antes de pressionar os lábios na pele sensível logo abaixo do meu umbigo.

Um suspiro agudo escapou dos meus lábios enquanto seu hálito quente fazia cócegas na minha pele. Um arrepio de prazer percorreu meu corpo enquanto seus lábios se aprofundavam cada vez mais, criando um rastro de fogo por onde passavam.

Minhas mãos se enredaram em seus cabelos enquanto eu gemia seu nome, meu corpo arqueando-se em sua direção, necessitado.

Suas mãos fortes e calejadas percorreram cada centímetro do meu corpo, provocando arrepios e suspiros. Enquanto ele voltava para os meus lábios, nossos corpos se pressionaram fortemente, criando um calor e uma eletricidade entre nós que eram quase palpáveis.

O beijo crescia em intensidade a cada segundo, nossos lábios se movendo juntos enquanto o desejo corria por nossas veias. Empurrei meus quadris contra os dele, nossos corpos se esfregando enquanto ambos ansiávamos por mais.

Ele se inclinou para trás, posicionando-se entre minhas coxas separadas e passando a mão pelo meu corpo em uma carícia lenta.

"Tenho sido torturado com sonhos de te tocar novamente", murmurou ele, com a voz baixa e rouca de desejo. "Tenho sido torturado pelas lembranças da primeira vez." Quando nossos olhares se encontraram, seu Um olhar intenso me perfurou como uma chama abrasadora, o calor quase sufocante, mas eu não conseguia desviar o olhar. "Assombrada por pensamentos sobre o que eu deveria ter feito, sobre como eu deveria ter te adorado."

Um fogo selvagem se espalhou pela minha pele enquanto ele traçava padrões delicados ao longo das minhas curvas até chegar ao topo das minhas calças.

"Eu deveria ter caído de joelhos por você, como farei agora."

Eu podia sentir a intensidade do seu desejo na maneira como seus dedos tremiam contra minha carne, um fogo dentro de mim que ameaçava nos consumir.

Minha respiração ficou presa na garganta quando senti seus dedos quentes desabotoando habilmente minhas calças, liberando uma onda de nervos que estava acumulada bem fundo em mim.

"Dacre", sussurrei, minha voz quase um sussurro enquanto seus dedos habilidosos dançavam pela minha pele, causando arrepios por todo o meu corpo.

"Como o sal do mar, você se enraizou em cada parte de mim, e eu tenho me afogado em meus arrependimentos."

Balancei a cabeça porque não queria ouvir suas palavras. Meu peito parecia que estava afundando enquanto ele as falava, mas ele não parava.

"Você deveria me mandar embora, Verena. Me banir de tocar em você novamente. Eu não mereço você depois de tudo que fiz."

"Pare." Minha voz tremeu com o comando desesperado.

"Toda a sua existência foi dedicada à preparação para o seu lugar como governante do nosso reino, mas você nunca foi reverenciado. É um privilégio do qual não sou digno, mas eu entregaria cada respiração para adorá-lo se você me concedesse a honra."

Suas palavras me cortaram, me atingindo em ondas sucessivas, até que senti que não conseguia respirar. Estendi a mão e toquei seu rosto, meus dedos roçando a barba por fazer em seu maxilar.

"Dacre, por favor."

Seus olhos escuros brilharam quando ele agarrou minha mão e pressionou seus lábios na minha palma.

"Sou devoto a você." Seu olhar intenso se fixou no meu. "Por favor, deixe-me cair de joelhos diante de você e provar minha devoção com minha língua contra sua pele."

Fiquei sem fôlego com suas palavras e assenti ansiosamente, o desespero por ele pulsando em cada centímetro de mim.

"Estou desesperado para te provar." Com um movimento rápido, ele puxou minha calça para baixo dos quadris, o toque antes delicado agora substituído por um toque de urgência.

Ele abaixou a cabeça, roçando minha pele com os dentes enquanto espalhava beijos quentes pela carne sensível das minhas coxas nuas. Meu corpo se arqueou, meus quadris instintivamente se contraindo em sua direção, ansiando por mais.

Com um rápido movimento de pulso, ele tirou minhas calças completamente antes de jogá-las no chão e me deixar nua na frente dele.

A vontade de esconder meu corpo era avassaladora. Mas Dacre já tinha visto a pior das minhas cicatrizes e, quando enganchou as mãos sob meus joelhos, essa sensação desapareceu. Ele abriu minhas pernas e as prendeu de cada lado do colchão.

Ele se abaixou, seu hálito quente acariciando a parte interna da minha coxa enquanto sua língua traçava a delicada junção entre minha coxa e minha boceta. Uma onda de prazer me percorreu, fazendo meus quadris se erguerem da cama e perseguirem avidamente sua boca.

Ele deslizou os dois braços por baixo das minhas pernas enquanto se acomodava sob minhas coxas, sobre os joelhos, e o calor de suas mãos queimou minha pele enquanto ele me abria diante dele.

Com um movimento lento e deliberado, ele passou a língua por mim, fazendo meu corpo convulsionar e me fazendo gritar seu nome.

Seu rosnado profundo contra mim só colocou mais lenha na fogueira, e eu não consegui evitar cravar meus dedos em seus cabelos enquanto ele me explorava com a boca.

"Tão molhada", ele sussurrou, suas palavras vibrando contra mim. "Isso é tudo para mim?"

"Você sabe que sim." Pressionei minha cabeça contra o colchão enquanto tentava fechar minhas pernas em volta dele.

"Mostre-me, Verena", ordenou ele, com um toque de desespero na voz. "Foda minha boca e me mostre o quanto você quer que eu seja o único a te adorar."

Um gemido escapou dos meus lábios quando fiz o que ele disse. Movi meus quadris contra sua boca, perseguindo as ondas de prazer que me inundavam.

Suas mãos encontraram o caminho até minha bunda, me levantando e me ancorando contra sua boca enquanto ele chupava meu clitóris entre seus lábios.

"Porra", gemi e puxei seus cabelos, tentando aproximá-lo impossivelmente de mim.

Dacre agarrou minha bunda, me puxando para a beira da cama, ainda me exercitando com sua boca.

"Dacre, estou tão perto", eu disse ofegante.

Ele aumentou a pressão, seus lábios sugando e puxando minha carne sensível enquanto ele deslizava um dedo dentro de mim.

Eu me senti imprudente com ele entre minhas coxas, completamente fora de controle.

"Olhe para mim."

Eu podia sentir meu orgasmo se aproximando e enterrei minha cabeça no colchão.

"Agora, Verena."

Meus olhos se abriram de repente e meu olhar encontrou o dele, incapaz de negar seu comando. "Quero provar seu gozo. Não posso passar mais um momento sem sentir seu prazer e saber que ele não pertence a ninguém além de mim."

Gritei seu nome, arqueando meu corpo para fora da cama enquanto fazia exatamente o que ele dizia e gozei contra sua boca.

Dacre me abraçou forte, não parando até eu estar exausto, beijando-me suavemente ao longo do meu quadril.

Afundi no colchão macio enquanto ele se levantava. Sem hesitar, ele me virou até que meu peito estivesse firmemente pressionado contra o tecido macio. Sua força e controle eram evidentes em cada movimento, quando eu sentia que não tinha nenhum.

Seus dedos traçaram um caminho tentador pela minha espinha, enviando arrepios de prazer por cada nervo do meu corpo. Em seguida, moveram-se sobre minha bunda, acariciando e explorando suavemente até finalmente alcançarem a umidade quente e escorregadia entre minhas coxas. Não consegui evitar gemer ao seu toque, meu corpo arqueando-se em sua direção, de alguma forma ainda desesperado por mais.

Com um rosnado possessivo, Dacre enfiou dois dedos dentro de mim, alargando-me de um jeito que me fez ofegar e implorar. Sua outra mão me envolveu, seu polegar roçando habilmente meu clitóris sensível.

"Dacre, por favor", implorei, me contorcendo embaixo dele enquanto ele me torturava com seu toque.

Ele fez uma pausa, com os dedos ainda cravados profundamente em mim, e seu hálito quente acariciou minha nuca. "Me diz o que você quer."

"Foda-me", eu choraminguei.

"Você é minha, Verena", ele rosnou. "Você me pertence." Suas palavras enviaram uma onda de umidade entre minhas pernas, e eu não pude deixar de arquear as costas, me oferecendo completamente a ele.

"Diga que você é minha." Suas palavras eram um rosnado baixo e suplicante que reverberava pelo ar.

Eu podia ouvi-lo atrás de mim, o farfalhar do tecido enquanto ele tirava as roupas.

Ele se posicionou entre as minhas pernas, seu membro duro pressionando contra mim. Ele se esfregou para frente e para trás na minha umidade, e eu estremeci quando ele tocou meu clitóris.

"Diga-me, Verena", ele exigiu novamente, com a voz rouca de desejo. Sua respiração fez cócegas no meu pescoço enquanto ele se inclinava sobre mim, e eu cravei os dedos nos lençóis enquanto seu coração batia forte nas minhas costas.

"Eu sou seu."

Dacre gemeu, seus quadris se projetando para a frente, roçando em mim. Seus dedos deslizaram da minha umidade, e eu o senti posicionar a cabeça do seu pau contra a minha entrada.

Eu me apoiei nele. "Por favor, Dacre."

Meu corpo tremeu quando ele começou a deslizar para dentro, preenchendo-me com cada centímetro. Engoli em seco, apertando os lençóis com mais força enquanto ele se enterrava lentamente dentro de mim.

Seus quadris se moviam em um ritmo lento, puxando para trás e depois empurrando para frente, cada movimento enviando ondas de prazer através de mim.

Ele se inclinou para frente, seus lábios roçando minha nuca, seu hálito quente contra minha pele. "Você é tão gostosa."

O peso do seu corpo deixou o meu quando ele se recostou, sua mão percorrendo minha bunda antes de seus dedos se enroscarem na bainha da minha blusa ainda úmida. Ele a empurrou para cima, expondo minha pele nua, e eu congelei quando o senti vacilar.

Minhas cicatrizes.

Eu queria detê-lo, puxar minha camisa para baixo e me esconder dele, mas seus dedos já estavam roçando nas cicatrizes irregulares que cobriam minhas costas.

"Dacre." Minha voz tremeu, e eu queria implorar para ele parar. Era demais.

"Nunca mais deixarei que ninguém te machuque." Ele prometeu algo que nunca seria capaz de honrar, mas seu juramento queimou dentro de mim como se ele a tivesse marcado em minhas veias. "O rei nunca mais tocará em você."

Seus lábios traçaram minhas cicatrizes com precisão gentil, como se tentassem apagar a dor persistente que ainda me assombrava, embora elas tivessem se tornado nada mais do que marcas na minha pele.

"Meu", ele sussurrou roucamente, aquela única palavra simples era uma promessa.

Ele deslizou uma mão por baixo do meu corpo, pressionando suavemente meu peito antes de me levantar. Minhas costas arquearam contra seu peito firme enquanto ele me puxava para perto. Seus joelhos se acomodaram entre os meus, nos ancorando juntos, enquanto ele me envolvia com os braços e me segurava contra si.

Ele parecia impossivelmente profundo dentro de mim enquanto suas estocadas se tornavam mais fortes e urgentes. Soltei um gemido baixo quando ele envolveu meu pescoço possessivamente, me segurando firme enquanto seu corpo se movia contra o meu.

"Olhe para mim, Verena", ele sussurrou, e fiquei surpreso com a gentileza de suas palavras.

Virei-me e olhei para ele por cima do ombro, seus lábios encontraram os meus com avidez. A intensidade do seu toque fez meu corpo tremer e tremer enquanto ele deslizava lentamente para dentro e para fora de mim.

Eu estava completamente consumida por ele, e meus dedos se cravaram nos dele, tentando puxá-lo para mais perto.

"Desculpa, Verena." Seu pedido de desculpas foi um mero murmúrio contra meus lábios, quase inaudível em meio às batidas do meu coração. Lentamente, ele me puxou para longe, seu olhar intenso se fixando no meu. Em seus olhos, vi uma mistura tumultuada de culpa, arrependimento e saudade. "Desculpa mesmo, porra."

"Por favor, Dacre", implorei enquanto uma onda de emoções me invadia, ameaçando me afundar. "Preciso de você."

Um gemido profundo escapou de seus lábios enquanto ele me penetrava com mais força e mais fundo. Seus dedos apertaram meu pescoço, me puxando mais perto dele enquanto ele me beijava com uma intensidade que roubou meu fôlego.

Sua outra mão desceu pelo meu corpo, traçando cada curva e declive antes de pressionar os dedos contra meu clitóris sensível. Eu me joguei para frente no momento em que suas próximas palavras me atingiram.

"Sou seu, Verena", rosnou ele contra minha boca. "Neste reino e no próximo, onde quer que as marés te levem, sou seu."

Engoli em seco, meu coração disparado no peito enquanto me sentia completamente vulnerável e exposta a ele.

Deixei que ele me reivindicasse, deixei que ele pegasse de mim o que quer que precisasse, enquanto fazia o mesmo com ele, e quando gozei novamente, foi com o nome dele nos meus lábios.

Ele acelerou o ritmo, suas estocadas se tornando mais desesperadas, mais implacáveis. Meus gritos ecoavam pelo quarto enquanto ele me penetrava, me possuindo completamente.

Com um gemido alto, Dacre se rendeu ao prazer, enterrando-se profundamente dentro de mim uma última vez. Senti o calor do seu orgasmo enquanto tentava recuperar o fôlego.

Ficamos assim, meu corpo relaxado enquanto ele me segurava contra ele, e ele pressionava seus lábios contra meu pescoço e ombro repetidamente, como se não tivesse se saciado.

Lentamente, ele saiu de mim, e senti uma pequena pontada de perda pelo vazio dentro de mim.

Dacre me virou até que eu estivesse de frente para ele novamente, então ele levantou minha mão e pressionou seus lábios em meus dedos.

CAPÍTULO DOCRE

O vapor do interior encheu o banheiro quando Verena entrou. O ar quente e úmido grudava na minha pele quando estendi a mão para ela, e ela a apertou sem hesitar.

Eu a segurei enquanto ela entrava na banheira, e ela gemeu enquanto afundava no calor da água.

Seus olhos encontraram os meus quando ela olhou para cima, seu foco estava somente em mim, e a vulnerabilidade em sua expressão fez meu peito doer.

Delicadamente, ela estendeu a mão, seus dedos roçando os meus. "Entra aqui comigo."

Hesitei por apenas um segundo, pois queria cuidar dela. "Tem certeza?"

Ela assentiu, e eu respirei fundo e entrei na banheira. A água quente me envolveu enquanto eu afundava atrás dela, seu corpo perfeitamente acomodado entre minhas coxas, meu braço em volta de seus ombros enquanto ela se inclinava para mim.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo, apenas o suave som da água enchendo o ar enquanto eu segurava um pouco da água em minhas mãos e a deixava cair sobre seus ombros.

"Eu adorava tomar banho quando era pequena", ela murmurou enquanto encostava a cabeça no meu ombro, parecendo saborear o jeito como a água percorria seu corpo.

"Eu os odiava." Eu ri e um sorriso suave e melancólico surgiu nos cantos dos seus lábios enquanto ela olhava para mim.

"Aposto que você era um sujeito difícil quando menino", ela provocou.

"Eu era pior que um punhado. Minha mãe quase tinha um ataque cardíaco todos os dias por causa das minhas travessuras, e Wren era tão bem-comportado em comparação." Pensar na minha irmã me deu uma pontada no peito, mas eu a forcei a afastá-la.

"Eu percebi isso." Ela assentiu, com os olhos cheios de diversão. "Wren sempre pareceu muito mais sensata do que você."

"Houve uma vez em que me aventurei mais fundo na cidade oculta do que nunca, apesar de ser estritamente proibido de fazê-lo. Acabei perdido por horas, e quando minha mãe finalmente me encontrou, ela estava fora de si de preocupação enquanto Wren apenas sorria para mim." Eu ri, passando o dedo suavemente pela curva do seu pescoço. "Ela, claro, estava comigo quando minha exploração começou, mas me deixou no momento em que me disse que deveríamos voltar e eu recusei."

Verena piscou para mim, com uma expressão suave. "Você devia aprender a ouvi-la."

"Sim." Assenti com sinceridade. "Melhorei muito desde então."

Uma pequena ruga surgiu entre suas sobrancelhas enquanto ela desviava o olhar de mim. "O que Wren disse sobre mim?"

"Era difícil lembrar exatamente", admiti. "Ela estava ocupada demais batendo as mãos no meu peito." Esfreguei o local distraidamente enquanto Verena voltava a

atenção para mim. "Mas acho que era algo como se ela ia me matar se eu não te encontrasse, me assassinar se eu deixasse meu pai te encontrar primeiro."

Verena estremeceu contra mim. "Gostaria de não ter mentido para ela." Ela balançou a cabeça. "Ela foi a primeira amiga de verdade que eu tive."

Meu peito doeu com as palavras dela. Ela não as dizia por pena. Eram simplesmente a verdade, e eu odiava isso ainda mais.

"Você não tinha amigos no palácio?"

Ela suspirou, seus olhos perdendo o brilho. "Eu tinha pessoas, servos, mas meu pai me mantinha longe de qualquer um que percebesse que eu era impotente."

Franzi a testa, tentando entender sua dor.

"Eu tinha uma dama de companhia que me dava banho, me vestia e me trazia comida. Ela ficou comigo a maior parte do tempo depois que minha mãe morreu e nunca saiu do palácio." Ela suspirou, apoiando a cabeça no meu ombro mais uma vez.

"Nosso reino já estava em crise. Nosso povo teria rejeitado seu direito ao trono ainda mais se soubesse que você não possuía magia", falei em voz alta, tentando entender o que seu pai havia feito.

Verena assentiu, e eu a apertei com força, sentindo seu corpo tremer contra o meu.

"Falar da rebelião crescente só piorava as coisas." Ela engoliu em seco e olhou para a frente. "Seus conselheiros o alertariam sobre a agitação, e ele descontaria tudo nas minhas costas com um chicote. Ele achou que conseguiria arrancar a magia de mim, arrancar a magia da minha pele com cada gota do meu sangue."

Uma tempestade de raiva e ódio me consumiu. Meus músculos se contraíram e minha visão ficou turva enquanto eu imaginava cada ato cruel que seu pai lhe infligiu, e o desejo de vingança ardia dentro de mim. Eu ansiava por fazê-lo sofrer de uma forma que refletisse a dor que ele lhe causara. Eu queria vê-lo rastejar aos seus pés, implorando por uma misericórdia que nunca viria. Mas eu sabia, no fundo, que nada disso lhe traria o que ela queria, o que ela precisava.

Liberdade.

Segurei seu rosto delicadamente, tentando manter a voz firme. "Desculpe, Verena."

Seus olhos encontraram os meus, cheios de uma mistura de medo e esperança. "Você parou de me chamar de traidorazinha."

Suas palavras me chocaram, fazendo-me rir sem graça. "Eu nunca deveria ter te chamado assim, para começo de conversa."

Seus olhos se fecharam suavemente, e eu passei meus dedos molhados por seu queixo. "A menos que você queira. Vou te chamar do que você quiser." Olhei para baixo no momento em que ela apertava as coxas, quase imperceptivelmente.

Aproximei-me dela até minha boca roçar em sua orelha. "Você gosta de ser minha pequena traidora?"

Sua pele ficou vermelha como um carmesim profundo, a cor se espalhando do peito para as bochechas, mas ela permaneceu em silêncio.

"Diga-me, Verena. Você gosta de ser uma coisinha malvada?" As palavras transbordavam desejo.

Ela permaneceu em silêncio, com os olhos bem fechados e o corpo tremendo enquanto tentava recuperar o fôlego. Seu peito subia e descia a cada respiração profunda, enquanto a água batia suavemente em seus seios.

Ela abriu as pernas levemente, pressionando as coxas contra as minhas em um convite silencioso, e a fome dentro de mim aumentou ao vê-la, um desejo desesperado que me fez sentir como se eu nunca pudesse saciar meu desejo por ela.

Estendi a mão e agarrei suas coxas, afastando-as ainda mais e levantando-as até que seus joelhos se encaixassem nos meus. Seu corpo se arqueou em resposta ao movimento repentino, revelando as curvas suaves e o volume do seu corpo, e meu pau pressionou sua bunda.

Meus dedos se flexionaram possessivamente, apertando suas coxas enquanto eu sussurrava em seu ouvido: "Você está molhada para mim de novo, minha pequena traidora?"

Ela tremeu contra mim enquanto um gemido escapava de seus lábios, e ela assentiu levemente com a cabeça, quase roçando na minha.

"Que coisinha safada." Deixei minha mão percorrer sua coxa, meus dedos roçando levemente a pele sensível. Ela arqueou o corpo em minha direção, os joelhos pressionando os meus numa tentativa desesperada de se aproximar.

Mas eu apenas abri as pernas, forçando as dela a se afastarem ainda mais. Sua respiração acelerou quando ela sentiu meu toque se aproximando de onde ela mais desejava, seu corpo tremendo de antecipação.

"Por favor", ela implorou, e eu passei a outra mão pelo seu peito e segurei seu seio na minha mão.

Passei o polegar sobre o mamilo dela enquanto deixava os dedos da outra mão percorrerem a abertura da sua boceta.

Deslizei lentamente meus dedos entre suas pernas, sentindo o calor e a maciez que a envolviam. Ela ofegou, seu corpo ficou tenso, e eu saboreei a sensação dela enquanto deslizava meu dedo médio para dentro.

"Me conta como é", murmurei, roçando os dentes em seu ombro enquanto beliscava seu mamilo com mais força e pressionava o polegar contra seu clitóris sensível. A sensação a fez arquear as costas e gemer. "Você gosta quando eu te fodo com os meus dedos?", deslizei um segundo dedo dentro dela. "Ou eles fazem você desejar que fosse meu pau?", rosnei, meu pau pulsando só de pensar.

"Eu quero você inteira", ela ofegou, seus quadris se contraindo contra minha mão. "Por favor, não pare."

Deslizei meus dedos para dentro e para fora dela, deleitando-me com a tensão e o calor que os envolviam. A cada impulso, eu os enroscava dentro dela enquanto, simultaneamente, esfregava pequenos círculos em seu clitóris inchado.

Ela arqueou as costas e gemeu de prazer, seus quadris se contraindo contra minha mão antes de estender a mão para trás até encontrar meu pau latejante. Assim que seus dedos o envolveram, senti que ia explodir.

"Levante-se", exigi, com a voz pesada devido à tensão que pulsava em mim.

Ela hesitou, mas fez exatamente o que eu disse, e eu me ajoelhei atrás dela.

Passei meus dedos sobre sua bunda, massageando e explorando antes de deslizar minha mão para baixo, entre suas coxas, por trás.

"Abaixe-se", instruí, "e envolva a borda da banheira com as mãos." Meu Deus, ela estava tão molhada. "Você solta e eu paro."

Ela obedeceu, com o corpo tremendo enquanto se curvava e se segurava na borda da banheira. Sua bunda foi apresentada a mim, sua boceta exposta.

"Espalhe para mim."

Ela fez isso rapidamente, pressionando ambos os tornozelos contra os lados da banheira.

"Você é tão perfeita", murmurei enquanto deslizava meus polegares pela abertura da sua boceta antes de abri-la. "Uma boceta tão perfeita que não pertence a ninguém além de mim."

Inclinei-me para frente e passei minha língua por ela.

Seu corpo estremeceu ao meu toque, um gemido baixo escapou de seus lábios. Eu podia sentir o gosto de sua excitação na minha língua, e isso só serviu para alimentar meu desejo.

"Oh, deuses", ela sussurrou, balançando os quadris suavemente.

Continuei a comê-la, minha língua entrando e saindo, saboreando cada centímetro dela. Ela gemeu novamente enquanto empurrava os quadris contra meu rosto.

"Tão carente", rosnei antes de girar minha língua em volta do clitóris dela.

Seu corpo tremia e seus quadris se arqueavam levemente.

Levantei-me, limpando o queixo com as costas da mão enquanto me posicionava atrás dela. Dei uma olhada no espelho embaçado acima da pia. Meu cabelo estava desgrenhado e minha pele, corada pela água quente.

Eu parecia um homem possuído, e realmente estava.

Saí da banheira para o pequeno tapete no chão e peguei a mão dela. Verena se endireitou com as pernas trêmulas antes de seguir o exemplo e sair comigo. Seus pés mal haviam tocado o chão quando a peguei nos braços, suas pernas se enrolando firmemente em minha cintura.

Nós nos movemos juntos até que ela estivesse encostada na porta de madeira, nossos corpos brilhando com gotas de água.

"Observe a gente", gemi enquanto me inclinava para trás e pressionava a cabeça do meu pau contra sua entrada. "Não tire os olhos desse espelho." Mordi seu pescoço, sentindo seu calor escorregadio me envolver enquanto eu afundava lentamente dentro dela. "Quero que você se veja gozar enquanto eu me perco em você."

Ela gemeu baixinho, arregalando os olhos enquanto eu a esticava. Suas unhas cravaram nas minhas costas enquanto ela soltava um gemido baixinho quando me enterrei dentro dela.

Ela envolveu as pernas com mais força em volta de mim, suas unhas deixando luas crescentes na minha pele enquanto eu a penetrava.

"Chega", gemi enquanto ela movia os quadris contra os meus. "Me fode."

Beijei o lado do seu queixo, seus olhos ainda grudados em nós dois no espelho, e ela tremeu contra mim enquanto movia os quadris.

Ela era pecado, cada parte dela me condenava.

Estendi a mão para trás, puxei uma das pernas dela do meu quadril e pressionei a palma da mão em seu joelho enquanto a abria mais.

"Sim", ela respirou enquanto eu a penetrava impossivelmente mais fundo.

Aquela única palavra me provocou ondas de prazer, e comecei a fodê-la com mais força, cada estocada mais profunda que a anterior. Eu podia sentir sua umidade ao meu redor, escorregadia e quente, e isso me deixava louco.

Agarrei a bunda dela com a outra mão, puxando-a para mais perto, suas paredes me apertando com força. Sua cabeça caiu para trás, os olhos fechados, enquanto ela soltava um gemido baixo.

Ela era de tirar o fôlego.

"Você está me aceitando tão bem", eu disse antes de pressionar minha testa no espaço entre sua clavícula e seu maxilar. "Os deuses fizeram você para mim. Esculpiram você nas próprias estrelas até que eu não conseguisse mais olhar para o céu sem sentir sua falta."

Seus olhos, arregalados e desprotegidos, se voltaram para os meus. A vulnerabilidade crua que emanava de suas profundezas me pegou de surpresa, roubando meu fôlego. "Aconteça o que acontecer."

Eu não sabia se era uma afirmação ou uma pergunta, mas de qualquer forma eu sabia a minha resposta. "Aconteça o que acontecer, você é minha."

Eu precisava que ela sentisse isso, que soubesse que ela realmente pertencia a mim.

Agarrei seus pulsos, prendendo-os acima da cabeça, e a penetrei com mais força, girando os quadris ao mesmo tempo. Seus gemidos preencheram o quarto, seu corpo arqueando-se contra o meu, suas unhas cravando-se em minha mão enquanto ela tentava se segurar.

Ela era tão selvagem e indomável quanto eu.

Inclinei-me para frente, meus lábios roçando sua orelha enquanto sussurrava: "Goze para mim, amor."

Ela arqueou as costas e gritou, seu corpo se apertando em volta de mim enquanto ondas de prazer a inundavam. Eu podia sentir seus músculos se contraindo em volta de mim enquanto ela atingia o auge do prazer e, com uma estocada final, soltei um rosnado profundo enquanto gozava dentro dela.

Fiquei ali, encostado nela e segurando seu corpo contra a porta enquanto nós dois ofegávamos pesadamente até que ela lentamente deslizou para baixo do meu corpo.

Estendi a mão para trás, procurando uma toalha, agarrando o tecido macio antes de começar a limpá-la com cuidado. Ela estremeceu, e imediatamente enrolei outra toalha em volta do seu corpo, protegendo-a do ar frio que entrava agora que não estávamos mais entrelaçados.

"Precisamos dormir um pouco. Amanhã vai chegar antes que qualquer um de nós esteja pronto." Observei-a atentamente enquanto enrolava outra toalha na cintura, atento a qualquer sinal de arrependimento.

Mas não havia nenhuma.

Ela apenas assentiu antes de nós dois sairmos do banheiro e voltarmos para o pequeno quarto. Ela subiu na cama, sem se preocupar com roupas, e eu fiz o mesmo.

Rapidamente coloquei uma adaga debaixo do travesseiro e me deitei ao lado dela.

O quarto estava escuro, iluminado por uma única vela, e ela estava deitada de frente para mim, com o braço dobrado sob a cabeça.

Ela desviou o olhar de mim, seu olhar caindo sobre o cobertor entre nós, e eu temi o que estava se passando em sua mente.

Fiquei aterrorizada que ela se arrependesse do que fizemos, que ela se arrependesse de mim.

"O que está passando pela sua cabeça?" Estendi a mão e tirei um pouco de cabelo do rosto dela.

"O quê?" Ela piscou para mim.

"Você parece perdida em pensamentos." Engoli em seco e a encarei. "Você está bem?"

"Sim." Ela assentiu. "Desculpe. Eu só estava pensando."

"Sobre?" Eu não queria pressioná-la, mas, deuses, eu estava desesperado para saber cada pensamento que passava pela mente dela.

"Minha mãe." Ela deu uma risadinha. "Estranho, né?"

"Não é nada estranho", tranquilizei-a. "Eu adoraria saber mais sobre ela."

Seus olhos percorreram meu rosto antes de se fixarem no meu peito. "Ela costumava me contar uma história todas as noites antes de eu dormir."

Ela sorriu suavemente e eu prendi a respiração.

"E teve uma noite em que ela me levou pelos túneis enquanto me contava uma história. Eu pensei que estávamos "Tendo uma aventura." Ela riu, mas o som era triste. "Eu nunca tinha estado nos túneis antes, nunca me permitiram me aventurar tão longe pelo palácio, mas acho que ela sabia que eu precisaria de uma saída um dia."

Meu pai passou a vida inteira procurando uma maneira de entrar no palácio, procurando por aqueles túneis.

Ela puxou o cobertor, colocando-o sobre os ombros como se isso a protegesse das memórias que a assombravam.

"Os túneis saíam bem perto da base da cachoeira." Ela afastou o cabelo do rosto. "Há duas árvores ali, com as raízes entrelaçadas e entrelaçadas." Ela balançou a cabeça como se estivesse frustrada com a falta de lembranças, mas eu sabia exatamente de quais árvores ela falava. "Não me lembro bem como era a história, mas falava de magia entre duas pessoas. Uma magia compartilhada e moldada como aquelas árvores."

"Como a nossa magia?", perguntei, com as palavras presas na garganta. Era um assunto que havíamos evitado, e me perguntei se nós dois tínhamos medo de descobrir a verdade por trás do porquê minha magia parecia surgir quando ela estava por perto, por que ela finalmente conseguia usar a dela quando estava ao meu lado.

"Eu não estava mentindo para você sobre a minha magia." Ela me olhou nos olhos. "Eu nunca tinha sentido um único sinal de poder até você." Ela hesitou. "E eu não conseguia senti-lo na floresta, não até você me encontrar."

Meu peito apertou com sua admissão.

"Nunca senti magia como quando você confrontou meu pai." Lambi os lábios e tentei encontrar as palavras certas. "Esse é um tipo de poder pelo qual reis matam, Verena. Um tipo de poder que eles manteriam enjaulado para garantir que nunca o perderiam."

Ela piscou, a apreensão se infiltrando em seus olhos.

"Verena, esse é o tipo de poder de uma rainha."

Seus olhos se dilataram, e havia tanto medo me encarando. "Eu não quero ser rainha."

"Então não vai", respondi simplesmente. "Mas você nunca pode deixar seu pai saber do seu poder." Cerrei a mão em punho, tentando controlar o medo repentino que me percorreu com o pensamento. "Não dá para prever o que ele faria com isso."

"Ele destruiria o mundo." Sua resposta foi rápida, como se ela estivesse considerando as opções há dias. "Ele já era capaz de destruir tanta coisa com um herdeiro impotente ao seu lado." Seu olhar se desviou como se tivesse vergonha de quem era. "Não quero imaginar o que ele faria com isso."

Ela levantou a mão, olhando para sua carne como se fosse uma arma.

Envolvi minha mão na dela rapidamente, levando-a à boca.

"Ele não terá essa chance", tranquilizei-a. "O que mais você lembra daquela história que sua mãe lhe contou? O que aconteceu com as duas pessoas cuja magia se fundiu em uma só?"

"Um reino dilacerado em sangue, um mundo transformado em cinzas." Sua testa se franziu como se ela não conseguisse se lembrar do resto.

"Mas com a minha alma, eu a adoro", terminei a fala para ela.

O canto dos lábios dela se ergueu num sorriso enquanto seus olhos se iluminavam. "Mas com a minha alma, eu a adoro." Ela estalou os dedos. "É isso."

E de repente, senti como se uma lâmina afiada tivesse me atravessado. As palavras me cortaram profundamente, deixando uma dor lancinante no peito e dificultando a respiração. Eu podia ver a mesma expressão de choque no rosto de Verena, suas feições refletindo o mesmo sentimento intenso que a percorria.

"Onde você aprendeu isso?" ela perguntou, suas palavras soando baixas no escuro do quarto.

"Em Enveilorian", respondi, com o olhar fixo em seu rosto. "É um voto." As palavras pairaram no ar. "Um laço entre duas almas em casamento."

Ela balançou a cabeça como se tentasse entender minhas palavras. "Já vi casamentos no palácio. Nunca tinha ouvido falar disso antes."

Engoli em seco antes de dar outro beijo em seus dedos. "É reservado para amigos."

CAPÍTULO I DOCRE

A mão de Erena tremia na minha enquanto caminhávamos em direção às docas.

O sol começava a se pôr sobre o vasto oceano, lançando suaves tons de rosa e laranja sobre as águas calmas. Ao contrário da cena caótica que presenciamos no dia anterior, o cais agora parecia muito mais calmo.

Fiquei muito mais calmo.

Eu havia passado a noite com Verena nos braços. Mas, à medida que a luz da manhã penetrava em nosso quarto, pude sentir seu corpo tenso contra o meu. Sua energia nervosa irradiava pelo ar, carregada de expectativa e medo.

Estávamos deixando tudo para trás — nosso reino, nossas famílias, nossas vidas — e, embora eu não me arrependesse da minha decisão, uma pontada de apreensão apertou meu peito.

Nossa fuga daquele reino estava próxima, nossa liberdade quase tangível. O domínio opressivo do pai dela e do meu estava quase no fim, mas ainda assim, um pânico frenético percorria minhas veias. Eu sentia meu coração disparar à medida que nos aproximávamos do porto, e sabia que, assim que entrássemos no navio, finalmente poderia respirar fundo.

Caminhamos de mãos dadas pelas ruas tranquilas, com o mesmo lenço improvisado de ontem escondendo parcialmente o rosto de Verena, e estávamos prestes a deixar a cidade em direção ao cais quando o vi.

Um pôster estava pendurado em um prédio próximo, com as bordas desfiadas pelo vento. Pregos o perfuraram e o prenderam à madeira.

O rosto de Verena era retratado com uma precisão perturbadora, como se ela estivesse me encarando diretamente. Parei de andar, com a respiração presa na garganta enquanto contemplava a cena. Um suspiro escapou dos lábios de Verena ao meu lado.

Em letras garrafais, no topo do cartaz, lia-se: "Recompensa pelo Retorno da Princesa Perdida". Meus olhos se arregalaram ao olhar para baixo, onde um número brilhava na luz. Dez mil moedas de ouro estavam sendo oferecidas por seu retorno.

Olhei para ela, estudando-a enquanto apertava o lenço em volta do seu rosto.

"Esse é o meu rosto", ela sussurrou, com a voz falhando.

"Eu sei." Examinei a rua. "Fique perto de mim", avisei. "Precisamos embarcar no navio o mais rápido possível."

A pressão no meu peito era insuportável enquanto caminhávamos. Antes daquele dia, a maioria das pessoas nunca tinha visto o rosto dela. Ela era a princesa que o rei escondia, a princesa que a maioria das pessoas pensava estar mantendo a salvo. Mas agora ela estava exposta.

Tentei não pensar em quantas pessoas tinham visto aquele cartaz. Tentei não considerar quantos cartazes estavam espalhados pelo nosso reino.

Os sons dos homens preparando o navio para o lançamento ecoaram no cais de madeira conforme nos aproximávamos, e eu pulei quando ouvi um estrondo alto que ninguém mais pareceu notar.

Nossos passos ressoaram alto contra as tábuas gastas, e tentei ignorar tudo quando avistei o navio.

Não muito mais longe.

Em meio à tripulação, avistei o capitão parado no cais, conversando com outro marinheiro. Sua expressão severa mudou ao nos ver nos aproximando.

Ele trocou algumas palavras com seu companheiro antes de vir em nossa direção, com passos largos, confiantes e determinados.

Nós o encontramos no meio do caminho. Apenas alguns passos nos separavam do mar.

"Você conseguiu." A voz do capitão era grave e áspera. Ele passou a mão pela barba desgrenhada, uma mistura de fios grisalhos projetando-se do rosto envelhecido.

"Eu disse que estaríamos aqui." Assenti, puxando Verena para mais perto de mim até que ela se aconchegasse ao meu lado. Seu calor me invadiu, e tentei me lembrar de que ela estava segura.

Mesmo que eu não conseguisse evitar aquela sensação incômoda no estômago.

"Temos algumas coisas para discutir antes de zarpar." As palavras do capitão rasgaram o ar, fazendo minha coluna se endireitar instintivamente.

"Certo. O que foi?", perguntei, tentando esconder o desconforto que transparecia na minha voz.

"Entre homens." O olhar do capitão se voltou para Verena antes de se fixar novamente em mim, e sua mão apertou a minha.

"Tudo o que você precisar dizer pode ser dito na frente dela." Olhei ao redor, mas ninguém nos olhava. Todos pareciam à vontade com as tarefas que realizavam, uma rotina que conheciam bem.

"Prefiro não discutir finanças na frente de uma mulher." Ele disse as palavras calmamente, mas odiei o jeito como seu olhar se estreitou sobre ela.

"Claro", Verena disse com a voz firme, soltando a mão da minha e dando um passo para trás.

Desesperadamente, estendi a mão para ela, meus dedos se esforçando para segurar a dela antes que ela escapasse. Mas, em vez disso, ela simplesmente acenou com a cabeça para o capitão, silenciosamente me incentivando a ir embora.

"Está tudo bem." Ela cruzou os braços e voltou o olhar para a imensidão infinita do mar. Suas águas azuis-celeste se agitavam e batiam contra as laterais do navio como se desafiassem o céu sem nuvens acima.

Meus pés vacilaram enquanto eu caminhava em direção a onde ele estava, a poucos metros de distância do alcance dos ouvidos de Verena, e uma inquietação se instalou pesadamente em meu peito.

Eu estava preparado para prometer a ele tudo o que fosse necessário para garantir nossa passagem naquele navio.

Eu temia que ele ficasse mais ganancioso antes do amanhecer, e parecia que eu estava certo.

Apertei as mãos com força nos bolsos enquanto me aproximava dele, o som das ondas quebrando contra o casco preenchendo o silêncio entre nós.

"O que foi?", perguntei bruscamente, com a voz cheia de impaciência e um toque de irritação.

"Você nunca me disse quem ela era", respondeu ele friamente, com os olhos ainda fixos no horizonte. "Eu teria cobrado muito mais se soubesse."

Aquela sensação de aperto no estômago se transformou em chumbo, e eu mal conseguia respirar quando me virei para Verena, desesperado para impedir o que quer que estivesse acontecendo.

Mas já era tarde demais.

Uma onda de pavor percorreu meu corpo quando avistei os Guardas do Rei, com suas armaduras brilhando à luz do sol, avançando pelas docas em nossa direção, em direção a ela.

O som rítmico de seus passos pesados reverberava nas tábuas de madeira do cais, criando uma trilha sonora sinistra para o caos que se desenrolava ao nosso redor. Todos os outros sons pareciam desaparecer enquanto o pânico me consumia, e eu procurava freneticamente uma maneira de escapar.

Os olhos de Verena se arregalaram de terror ao vê-los se aproximando. Meu coração apertou ao vê-los se aproximar, minha mente correndo atrás de uma maneira de protegê-la, mas era tarde demais.

"Seu desgraçado", cuspi para o capitão, minha raiva e medo fervendo.

Corri em direção a ela, desesperado para fazer alguma coisa, mas o capitão agarrou a parte de trás da minha camisa e me puxou para trás, fazendo-me colidir contra seu peito com um solavanco.

"Dacre!", gritou Verena assim que o primeiro guarda a alcançou. Ele envolveu seu bíceps com força enquanto a puxava para trás, e seus olhos me procuravam.

Quando me encontraram, tudo o que eu conseguia ver era medo, puro medo cru em seus olhos, e não havia nada que eu pudesse fazer.

"Solte-a!", exigi, enquanto dava uma cotovelada na barriga do capitão, mas ele não me soltou. Em vez disso, senti uma adaga pressionar meu pescoço, a adaga da minha mãe.

Um dos guardas zombou de mim enquanto se colocava na frente de Verena, bloqueando minha visão dela.

Sua espada brilhava sob a luz do sol nascente.

"Quem é você para comandar a guarda de um rei?", zombou ele, dando mais um passo em minha direção com um sorriso maroto no rosto. "Quem é você para desafiar as ordens do rei e tomar o herdeiro?"

"Ele não estava..." Verena começou a explicar, mas eu a interrompi.

"Sou filho do líder da rebelião", declarei entre dentes. Eles estavam cerrados com tanta força que temi que pudessem se estilhaçar. "A ordem do rei não significa nada para mim."

Meu coração batia forte contra a caixa torácica, uma batida forte me incitando a fazer alguma coisa, a fazer qualquer coisa.

Levantei a mão levemente, mas o capitão percebeu o movimento e pressionou com mais força sua adaga em minha garganta.

"Se um traço de magia te abandonar, cortarei sua garganta antes que você possa fazer qualquer coisa para salvá-la."

A simples ideia de ela suportar a crueldade do pai mais uma vez era insuportável. As lembranças das cicatrizes, gravadas em sua pele pelas mãos brutas dele, nublavam minha mente.

Ela me confidenciou sobre os horrores que ele havia infligido a ela, e eu sabia que se ela fosse trazida de volta para ele, sua ira seria ainda maior.

Ela fugiu dele, e ele a faria pagar por isso.

Ele passou a vida inteira tentando arrancar a magia dela, e eu temia o que ele faria quando a encontrasse. E se a encontrasse, não mediria esforços para drenar cada gota dela.

"Me solte!" O apelo desesperado de Verena ecoou pelo ar, mas caiu em ouvidos moucos quando o guarda pressionou uma espada em seu pescoço.

"O capitão aqui disse que tinha um rapaz com moedas demais no bolso e uma adaga que parecia pertencer a alguém bem acima da sua posição", disse o guarda parado diante dela. "Então você foi tola o suficiente para deixá-lo vê-la. Você trouxe o maldito herdeiro para as docas e achou que não descobriríamos."

Meu olhar se voltou para Verena, e pude ver o arrependimento e a culpa em seus olhos.

"Eu nunca imaginei que os homens do rei fossem tão perspicazes", disse eu com os dentes cerrados, tentando disfarçar meu medo com sarcasmo. "Vocês não costumam destruir famílias e tirar o pouco que nosso povo tem para sobreviver?"

"Seu insolente..." Ele avançou em minha direção, brandindo a espada no momento em que o capitão me forçou a me ajoelhar no cais de madeira. Não tive tempo de reagir antes que a lâmina fria se afundasse ainda mais na minha garganta, e um fio de sangue escorreu pelo meu pescoço.

"Não!", gritou Verena, com a voz carregada de medo e desespero enquanto os guardas a apertavam com mais força. "Não toquem nele."

Suas palavras soaram como uma ordem, mas o guarda à sua frente zombou da resposta. "Você não dá ordens aqui, Princesa." Ele cuspiu. "Temos ordens do rei para levá-lo de volta ao palácio, e é isso que faremos."

"Não toque nele!" Os olhos de Verena ardiam com um fogo como eu nunca tinha visto antes. Seu olhar encontrou o meu, e eu vi uma miríade de emoções enquanto examinava seu rosto, memorizando cada curva, cada plano e cada sarda enquanto ainda podia.

Eu podia sentir o poder dela surgir dentro de mim à medida que o medo dela aumentava. Eu podia senti-lo tremendo em meu próprio corpo como se pertencesse a mim tanto quanto a ela.

E eu não conseguia parar de pensar na noite anterior, nas coisas que ela tinha dito, na história que ela tinha contado.

Eu não tinha certeza antes, mas agora isso ecoava em mim, garantindo que eu não fosse tolo o suficiente para errar novamente.

Verena era minha companheira.

E eu não pude protegê-la.

Ela se inclinou para a frente, inclinando o corpo ligeiramente enquanto estendia a mão para tocar o cais de madeira áspera. O navio ao nosso lado balançava vigorosamente contra as ondas, refletindo a raiva tumultuada em seus olhos. Senti a mesma fúria crescer dentro de mim, permitindo que a raiva preenchesse meus sentidos no momento em que suas pálpebras se fechavam.

O som das ondas quebrando e da madeira rangendo nos envolveu em uma sinfonia tempestuosa, fazendo parecer que o próprio mar compartilhava de sua ira.

Então eu provei, a água salgada na minha língua.

Abri a boca para chamá-la pelo nome, para dizer para ela parar, mas quando seus olhos se abriram novamente, eu sabia que não adiantaria nada.

"Não, Verena", sussurrei, minha voz quase inaudível. Se o pai dela não soubesse do seu poder, ela poderia ter tido uma chance. Mas no momento em que ela o revelou...

As tábuas de madeira do cais tremeram sob nossos pés enquanto uma onda imponente irrompia no mar. Os gritos frenéticos da tripulação ecoavam em meus ouvidos, incitando todos a fugir do cais.

Meus olhos estavam fixos na água agitada, sua superfície azul-escura espumando de fúria e perigo. O poder absoluto do oceano ameaçava nos submergir, e eu sentia meu coração batendo forte de medo e admiração.

O olhar de Verena também estava fixo nas águas agitadas, sua expressão era uma mistura de determinação.

Era ela.

"Verena", gritei seu nome novamente, mas era tarde demais.

A onda enorme se chocou contra o cais, engolfando a todos nós em sua força destrutiva. A madeira lascada, os gritos, o mar — tudo se misturou em um turbilhão caótico.

Senti a força gélida do oceano me agarrar, me puxar para as suas profundezas. Lutei contra ela, gritando o nome de Verena sem parar, mas foi inútil.

Minhas costas bateram no cais, o peso esmagador da água ainda me pressionando, e tossi quando tudo ao meu redor entrou em foco.

Verena não estava mais mantida em cativeiro por um guarda; em vez disso, ela permaneceu em posição desafiadora, com as mãos firmemente fechadas em punhos ao lado do corpo.

Ainda havia tanta raiva queimando em seus olhos, mas ela parecia pálida. Seu poder havia liberado uma torrente de magia que praticamente destruiu o cais em que estávamos, deixando para trás apenas destroços retorcidos e gritos de moribundos.

Os resquícios de seu poder permaneciam em meu corpo, um peso enorme que me drenava por dentro. Eu praticamente podia sentir as brasas de sua força se extinguindo,

deixando para trás apenas uma casca de quem ela era. Sua exaustão irradiava por todos os poros, como um fogo que havia consumido todo o seu combustível e agora tremulava fracamente antes de se extinguir completamente.

Esse cansaço se instalou profundamente em mim, tornando difícil ficar de pé.

"Verena!" Gritei seu nome, mas o aço frio da faca pressionou minha garganta antes que eu pudesse me mover.

"O que você fez?" O guarda atrás de mim ofegou enquanto lutava para recuperar o fôlego.

"Deixe-o ir!" ela exigiu, ignorando completamente a pergunta.

"Vou cortar a garganta dele", cuspiu o guarda enquanto alguns outros se levantavam.

"Se você fizer outro movimento, eu vou matá-lo."

Verena deixou as mãos caírem frouxamente ao lado do corpo enquanto me olhava, e eu podia ver em seus olhos. Ela estava desistindo.

Ela estava disposta a desistir de tudo por mim.

"Verena, corra", gritei, mas ela não estava mais olhando para mim.

"Deixe-o ir", exigiu Verena, embora sua voz estivesse cheia de desespero. "Deixe-o ir, e eu farei o que você quiser. Farei o que meu pai quiser."

Olhei para ela. Seus olhos estavam arregalados de pânico, e eu podia ver lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

"Verena, não."

A bota do guarda atingiu minha espinha, me jogando no chão. O impacto foi tão forte que senti sangue encher minha boca e minha visão ficou turva enquanto eu lutava para me levantar.

"Verena." Era um apelo, mas eu não sabia se ela conseguia ouvir.

"Levem-no para o navio", ouvi um deles ordenar antes de sentir suas mãos em mim, me levantando do chão enquanto eu tentava lutar contra eles.

Minha voz tremeu de raiva quando rosnei: "Eu vou te matar, porra."

Mas o guarda apenas riu em resposta antes de me jogar bruscamente no convés do navio.

Meu corpo atingiu as tábuas duras de madeira com um baque, uma dor percorrendo meus membros. Com os olhos embaçados, observei o guarda cortar sem esforço as cordas que me prendiam ao píer, fazendo o navio balançar e balançar. Lutei para me levantar, sentindo-me desorientado enquanto a procurava.

"Você recebeu sua recompensa!", gritou o guarda quando o capitão entrou no navio. "Lide com esse maldito traidor e garanta que ele não nos siga, ou o rei vai arrancar sua cabeça."

"Sim, senhor." O capitão riu como se não tivesse medo do rei.

Mas eu consegui, e quando finalmente avistei Verena, ela não estava se debatendo enquanto os guardas a cercavam e a puxavam à força. Seus olhos encontraram os meus, e uma lágrima rolou por sua bochecha.

"Espere!", gritei, tentando rastejar até ela. "Por favor."

As ondas batiam contra a lateral do navio, sua fúria ensurdecedora enquanto zombavam da minha impotência. Lutei para me levantar, os estalos e gemidos do navio ecoando minha própria angústia.

Minha voz ficou presa na garganta quando o navio começou a se afastar do cais, e os olhos suplicantes de Verena foram a última coisa que vi antes que ela desaparecesse de vista.

CAPÍTULO VERENO

A dor excruciante nos meus músculos era quase insuportável quando finalmente chegamos ao palácio. Dias se passaram desde que deixamos Dacre para trás naquele navio amaldiçoado, e minha mente estava consumida pela preocupação com sua segurança.

O medo e a culpa me consumiam a cada momento, criando uma turbulência na boca do meu estômago.

Dacre nunca me perdoaria pelo que eu tinha feito.

Meus pulsos estavam firmemente amarrados atrás das costas enquanto mãos ásperas me empurravam escada acima, subindo as grandes escadas de mármore do palácio. A corda havia esfolado minha pele e cada passo parecia uma faca cravando-se mais fundo em minhas feridas.

Meu coração disparou, ameaçando saltar do peito. Eu estava de volta à capital, contemplando o imponente palácio que um dia fora meu lar.

Mas agora, uma onda de medo me consumia como uma fera voraz. Ela arranhava minha garganta, prendendo minha respiração. O ar estava carregado de presságios, dificultando até mesmo dar um único passo à frente.

Esta já foi minha casa, mas não é mais. O castelo opulento que antes me enchia de orgulho agora me pairava ameaçadoramente sobre mim, lançando sombras escuras que pareciam sussurrar perigo.

Enquanto eu era arrastado pelos corredores, as lembranças de tudo o que acontecera dentro daquelas paredes me inundavam, cada uma mais dolorosa e aterrorizante que a anterior. Eu já havia sido prisioneiro ali antes, o herdeiro trancado para ninguém ver, e parecia que eu estava sufocando enquanto era arrastado de volta para aquele lugar.

Fui conduzido pelos corredores ornamentados, passando por estátuas de antigos reis e retratos da minha família. Havia um dos meus pais e eu, de quando eu era mais jovem.

Eu tinha sido tolo naquela época e não conseguia mais olhar para ele e ver como ele zombava de mim agora.

Minha mente girava em um turbilhão de pensamentos e emoções, todos centrados em Dacre. Meu coração disparava com um milhão de medos, cada um ameaçando me dominar.

Mas eu me forcei a reprimi-los, a enterrá-los bem fundo dentro de mim, enquanto me concentrava na única coisa que importava: ele estava vivo.

Dacre era meu companheiro. Eu soube disso no momento em que ele me disse aquelas palavras naquele quarto.

Eu lhe contei uma história, fiz um voto que minha mãe me disse uma vez e, no momento em que o fiz, pude sentir a própria fibra do meu ser mudar, como se estivesse me fundindo a ele.

Ele desistiu de tudo por mim, estava disposto a deixar este mundo para trás por mim, e agora ele se foi.

Ele se foi, eu estava de volta ao palácio e não conseguia mais senti-lo.

Ele escapou como areia entre meus dedos, e uma dor surda se instalou em meu peito como se ele tivesse sido separado de mim.

Tanto ele quanto minha magia.

Ele me abandonou no momento em que partiu, depois que tomei essa decisão dele.

Ou talvez ele tenha sido drenado de mim quando ordenei ao mar que fizesse o que eu queria, usando cada gota de poder dentro de mim até que não restasse nada além de cinzas e brasas.

Mas os guardas tinham visto, eles sentiram a tempestade que eu trouxe sobre eles, e era como se o próprio oceano tivesse roubado o ar dos meus pulmões, deixando-me ofegante e desesperada por ar enquanto eu enfrentava a possibilidade aterrorizante de que nunca mais o veria.

Ele ficou ferido quando o navio partiu do cais, indefeso contra aqueles que eu havia prejudicado, e eu queria poder voltar.

Eu deveria ter ouvido Dacre quando ele me disse para ficar para trás. Se o capitão nunca tivesse me conhecido, nunca tivesse me visto, ele não teria tido a chance de me entregar aos homens do meu pai.

Eu ansiava pela segurança daquele quarto. Éramos só ele e eu, Dacre e Verena, e eu ansiava por um mundo onde aquela pudesse ser a nossa verdade.

Desejava deixar tudo e todos para trás, menos ele.

Fechei os olhos e sonhei com o rosto dele. Ansiava pela aparência dele quando me chamava de sua.

Eu era a Princesa Verena, herdeira do Reino Marmoris, mas mais do que tudo, *eu era sua*.

Meus braços foram torcidos dolorosamente atrás das costas enquanto eu era arrastado para a sala do trono do rei. O cheiro de incenso e óleos perfumados me deixava enjoado enquanto memória após memória inundava minha mente.

"Majestade", disse um dos guardas, com a voz trêmula de reverência. Todos os guardas na sala caíram de joelhos diante dele, forçando-me a descer junto com eles até meus joelhos tocarem o duro chão de mármore.

Estremeci de dor quando as amarras apertaram ainda mais meus pulsos, mas fiquei em silêncio, embora minha mente estivesse cheia de medo.

"Traga-a para a frente." A ordem do meu pai foi calma, mas também carregada de uma rispidez que fez com que o medo me apertasse ainda mais enquanto eu era posto de pé.

A bile subiu pela minha garganta quando encontrei o olhar frio e calculista do meu pai.

Ele estava sentado em seu trono, uma figura majestosa e imponente, com o maxilar cerrado e as mãos firmemente agarradas aos braços da cadeira. Ele me olhou, com os olhos imóveis e implacáveis, e meu estômago se revirou de pavor.

"Verena", disse ele, com a voz fria e distante. "Você causou um rebuliço."

"Sinto muito." A mentira que eu havia contado centenas de vezes antes escapou dos meus lábios automaticamente, uma resposta aprendida para evitar sua ira.

Ele me olhou por um longo momento antes de se levantar. "Estou decepcionado com você, Verena", disse ele, sua voz ecoando pela vasta sala. "Seu reino está decepcionado com você."

Ele fez sinal para que os guardas me levassem até ele, e fui empurrado para a frente até ficar a poucos centímetros do homem que eu mais temia.

"Onde você estava, filha?" Seus olhos procuraram os meus em busca de qualquer sinal de mentira, qualquer indício de rebelião que eu pudesse estar abrigando.

Balancei a cabeça, com o coração batendo descontroladamente dentro do peito. "Tentando chegar em casa." Minha voz tremia enquanto eu falava.

Por favor, acredite em mim.

Sua mão disparou, me dando um tapa forte no rosto, e imediatamente senti o gosto acobreado do sangue quando meu lábio se partiu.

"Você envergonhou esta família", continuou ele, com a voz baixa e perigosa enquanto se aproximava de mim. "Você me traiu, traiu sua família, traiu seu reino. Não tolerarei essa sua insubordinação."

Lágrimas queimaram meus olhos. "Sinto muito, pai", eu disse, com a voz trêmula.

"O que sua mãe pensaria?"

Eu odiava que ele a usasse contra mim, cravando suas garras no lugar que ele sabia que me machucaria mais.

"Desamarre os pulsos dela e então nos deixe." Suas palavras pairavam no ar como uma nuvem escura, seu rosto se contorceu em uma máscara de raiva.

Os guardas desamarraram meus pulsos e eu esfreguei a pele em carne viva e o sangue seco. Encarei meu pai, com os olhos cheios de medo e desespero.

"Por favor, pai."

Ele não me deu atenção. "Mande entrar Baelyn."

Choramingei ao ouvir o nome do seu curador, o curador que havia curado tantos dos meus ferimentos na vida, ferimentos que foram causados pelas mãos do meu pai.

Os guardas começaram a sair da sala, e lágrimas ardiam nos cantos dos meus olhos.

"Verena, não sei o que deu em você, mas precisa entender que suas ações têm consequências." Sua voz era firme, como se estivesse falando com uma criança errante. "Não tolerarei mais desobediência sua."

"Pai..." Comecei, mas fui interrompido quando as costas de sua mão áspera e calejada colidiram com meu rosto.

A dor foi aguda e imediata, e eu podia sentir o calor do meu sangue escorrendo pelo queixo. "Verena", disse ele friamente, "aprenda o seu lugar."

Enquanto eu estava ali, com a visão turva pelas lágrimas e pela dor, eu sabia que tudo o que tinha acontecido estava me levando a esse momento.

Baelyn foi conduzido para dentro, com os olhos cheios de preocupação ao observar o estado em que eu me encontrava. Ele se aproximou de mim lentamente, estendendo as mãos para tocar meu rosto, mas meu pai o impediu.

"Você não está aqui para curá-la. Ainda não."

Um dos guardas, que eu não tinha notado, puxou uma cadeira de madeira atrás de mim, e meu pai me instruiu a sentar.

Fiz o que ele exigiu e tentei me preparar para o que estava por vir.

"Dizem que o poder veio dela, Majestade. Não da rebelde."

O terror percorreu meu corpo, cortando meu ar com suas palavras.

"A princesa não possui magia." A voz do meu pai era baixa e perigosa.

O guarda assentiu, e eu pude ver o medo em seus olhos enquanto falava. "Eu sei, Majestade, mas os guardas que a trouxeram..." Ele olhou para trás como se não tivesse certeza se deveria dizer as próximas palavras. "Afirmam que ela dobrou o mar à sua vontade como se fosse uma feiticeira."

Meu pai se virou para mim, seu olhar percorrendo-me como se estivesse procurando a magia da qual falavam.

"Do que eles falam, Verena?"

"Não sei." Meus dedos tremiam enquanto eu os fechava em punhos.

Ele não pararia até conseguir o que queria de mim. Eu sabia disso muito bem.

A mão áspera do meu pai fechou-se em volta do meu pulso, seu polegar pressionando profundamente a ferida aberta onde a corda havia cortado minha pele.

A dor lancinante espalhou-se pelo meu corpo como um incêndio, fazendo-me gritar de agonia. Meu corpo inteiro tremia e se agitava enquanto lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto, minha respiração ofegante.

"Verena", meu pai falou, mais suave dessa vez, mas não menos ameaçador. "Há relatos de que você estava dentro do reino oculto. Meus homens me disseram que a encontraram com um daqueles pedaços de lixo da rebelião."

Aterrorizada e desesperada, fechei os olhos com força e respirei fundo.

"Você estava no reino oculto?"

Minha mente disparou enquanto ele pressionava meu pulso com mais força, fazendo-me estremecer de dor.

O simples pensamento no pai de Dacre me encheu de uma raiva ardente, quase tão intensa quanto o ódio que eu nutria pelo meu próprio pai.

Mas mesmo com toda a dor que seu pai causou, eu me recusei a trair a rebelião. Não importava a tortura que ele me infligisse, eu não me voltaria contra Dacre.

Eu não daria Wren a ele.

A impaciência do meu pai transbordou enquanto eu permanecia em silêncio e, num movimento repentino, ele ergueu a mão para me bater mais uma vez. Sua palma grande e áspera permaneceu no ar enquanto eu tensionava os músculos, antecipando a dor iminente.

Um golpe forte atingiu meu maxilar, o impacto foi tão forte que meus dentes se chocaram, a pressão ameaçando quebrá-los.

"Senhor, se ela esteve lá, significa que sabe a localização da cidade oculta", disse Baelyn, com a voz calma, como se não se sentisse afetado pela violência à sua frente. "Ela sabe o centro da rebelião."

O maxilar barbeado do meu pai se contraiu antes que ele me olhasse. "Você tem razão."

Ele estendeu a mão e eu me encolhi diante do seu toque. Mas ele não parou; em vez disso, pressionou a palma da mão contra minha têmpora antes de gentilmente afastar o

cabelo do meu rosto e passar os dedos pelos meus cabelos. "Como você se tornou útil, Verena."

Útil.

A palavra reverberava em minha mente, seu peso pesado e sufocante. Eu havia sido reduzido a nada mais do que uma mera ferramenta, um meio para um fim que ele usaria em sua busca implacável de destruir aqueles que ousassem se opor a ele.

E agora ele estava mais uma vez me manipulando, me usando como alavanca para tentar extrair informações sobre o paradeiro deles.

"Não sei onde está." A mentira saiu tão clara dos meus lábios, tão fácil.

Um tremor percorreu meu corpo enquanto seus dedos se fechavam firmemente na parte de trás do meu cabelo. Seu toque era áspero e implacável, pressionando meu couro cabeludo com uma força que não deixava espaço para escapar. Inclinei a cabeça para trás, forçada a olhar para sua figura imponente.

"Verena, minha querida", começou ele, com a voz carregada de desgosto. "Você é a herdeira deste reino e, embora tenha sido impotente durante a maior parte da vida, não é estúpida."

O peso de suas palavras caiu sobre mim como uma força física, fazendo meus lábios tremerem de medo.

Eu sabia que ele conseguia enxergar através de mim, como sempre. Seus olhos penetrantes eram como punhais, perfurando qualquer fachada que eu tentasse construir. E quando ele me atingiu dessa vez, eu mal me encolhi.

Sangue escorria pelo meu queixo enquanto ele apertava meu cabelo com mais força, me forçando a encará-lo novamente.

Ele se aproximou de mim, com o rosto a poucos centímetros do meu. Eu podia sentir o calor do seu hálito contra a minha pele enquanto ele falava com um tom venenoso. "Não minta para mim", fervia ele. "Eu sou seu rei."

Meu rei, não meu pai.

Ele era um rei que exigia lealdade, nunca um pai que desejasse amor. Ele não precisava do meu amor; nunca precisou dele.

"Eu não gosto de te machucar, Verena." Sua voz era baixa e carregada de um toque de arrependimento que eu sabia que ele não sentia de verdade. "Não me faça te machucar mais."

Seus dedos percorreram minha bochecha, deixando um rastro de calor antes de secar o sangue que caía do meu lábio.

Este era o momento em que eu normalmente me quebrava, o momento em que eu desejava que ele não me odiasse. Estes eram os momentos em que eu desejava minha mãe, em que eu amaldiçoava os deuses por tirá-la de mim.

Eles a tiraram de mim e me deixaram com esse monstro.

"Não sei como chegar lá", repeti a mentira, sentindo-a virar cinzas na minha língua.

"E esse poder que meus homens me contam." Ele se inclinou para mais perto de mim até que seus olhos estivessem olhando diretamente nos meus.

"Eu sou impotente."

Seu aperto em minha bochecha aumentou, a pressão ameaçando quebrar meu maxilar. Ele desviou o olhar de mim e se dirigiu à curandeira ao nosso lado. "Baelyn", disse ele. "Prepare-se. O herdeiro precisará de cura quando terminarmos aqui."

PRONTO PARA MAIS DO SÉRI E REI NO VELADO?

A Coroa Rivalizada
está chegando em breve!

[Faça sua encomenda agora!](#)

MOIS DE HOLLO RENEE

A Série Reino Velado:

[O Reino Velado](#)

Série Estrelas e Sombras:

[Um Reino de Estrelas e Sombras](#)

[Um Reino de Sangue e Traição](#)

[Um Reino de Veneno e Votos](#)

[Um Reino de Fogo e Destino](#)

A série Good Girls:

[Onde as boas meninas vão para morrer](#)

[Onde as garotas más vão cair](#)

[Onde os Bad Boys São Arruinados](#)

Série Os Garotos de Clermont Bay:

[O Toque de um Vilão](#)

[A Queda de um Deus](#)

[O Sabor de um Inimigo](#)

[O Engano de um Diabo](#)

[A Sedução das Belas Mentiras](#)

[A Tentação dos Segredos Sujos](#)

Série The Rock Bottom:

[Problemas com o cara da porta ao lado](#)

[Problemas com o chefe figurão](#)

[Problemas com o namorado falso](#)

[O Príncipe Encantado Errado](#)

OBRI GATO DO

Muito obrigada por ler "The Hunted Heir"! Espero que você esteja tão apaixonado por Dacre e Verena quanto eu!

Pronto para se apaixonar por outro mundo que eu criei? Um Reino de Estrelas e Sombras é um romance de fantasia sensual, de inimigos a amantes, que vai te fazer implorar por mais!

Eu adoraria que você se juntasse ao meu grupo de leitores, [Hollywood](#), para que possamos nos conectar e conversar sobre todas as suas ideias sobre O Reino Velado! Este grupo é o primeiro lugar para saber sobre revelações de capas, novidades sobre livros e lançamentos!

Beijos,

Holly Renee

www.authorhollyrenee.com

Antes de você ir

Por favor, considere deixar uma avaliação honesta.

▣ GRATECIMENTOS

Obrigado a todos os leitores que amaram e defenderam esta série!

Obrigada ao meu marido, Hubie. Seu apoio a mim e a este meu sonho é infinito, e nunca serei capaz de agradecer o suficiente.

Para Lauren Cox e Amber Palmer — Este livro teria me destruído se não fosse por vocês duas. A amizade de vocês significa o mundo para mim, e Evren e Dacre amam vocês duas. Eles não estão escolhendo favoritos.

Agradeço a Rachel Brookes por ouvir minhas conversas de voz enquanto divago sobre minhas ideias e me ajudar a entendê-las. Sua amizade é inestimável.

Obrigada a toda a minha equipe, sem a qual eu não conseguiria fazer isso. Lauren, Regan, Savannah, Ellie, Rumi, Cynthia, Rebecca: obrigada, obrigada, obrigada.

CONTINUE LENDO POR DOR UM OLHO DO

UM REINO DE ESTRELAS E SOMBRAS

CAPÍTULO

EU Tentei engolir em seco enquanto a fumaça das brasas me envolvia em uma tortura cruel e lenta. O exército real estava acampado do lado de fora da fenda entre o nosso mundo e o deles por um total de três dias. Três dias excruciantemente longos.

O tique-taque sombrio do relógio ecoou por toda a sala, e meu coração disparou antes que a próxima batida pudesse soar.

Meus dedos tremiam enquanto eu calçava a bota e amarrava os cadarços. O quarto estava tão escuro quanto a noite sem estrelas dentro da nossa casa, mas eu não me importava. Eu gostava disso, honestamente, porque era o único momento em que eu podia fazer alguma coisa sem que todos observassem cada movimento meu.

"Onde você está indo?"

Fechei os olhos com força antes de rapidamente guardar a adaga do meu pai na lateral da minha bota antes que ela pudesse ver.

"Só preciso de um pouco de ar." Levantei-me e puxei o capuz da minha capa surrada sobre a cabeça. "Volte a dormir."

Minha mãe envolveu o corpo com os braços finos e evitou meu olhar. "Dormir me ilude." Ela balançou a cabeça. "Você não deveria estar aí hoje à noite."

"Eu sei cuidar de mim mesmo."

"Eu sei disso." Seus olhos castanho-escuros finalmente encontraram os meus. "Mas não vai demorar muito para eles chegarem, e..."

"E eu deveria poder aproveitar minhas últimas horas de liberdade como eu quisesse."

Ela cerrou o maxilar ao ouvir minhas palavras. "Eles não vão te levar como prisioneira, Adara. Ser a Abençoada Estelar escolhida é uma bênção dos deuses."

"Claro." Curvei-me diante dela dramaticamente. "Veja a vida que isso lhe proporcionou."

Ela respirou fundo, chocada, mas esse não era um argumento novo. Meu destino nunca fora meu, e minha mãe aceitara muitos luxos em troca da filha. Luxos contra os quais meu pai lutou. Pelos quais ele perdeu a vida.

Caminhei até a porta e hesitei quando a voz trêmula da minha mãe me chamou de volta. "Não corra. Eles vão te encontrar, e nós dois pagaremos o preço pela sua traição."

Deixei suas palavras me dominarem e me lembrei de quem ela era exatamente. Meu coração doía enquanto o medo me invadia. Meu destino estava nas mãos dos soldados que me esperavam do lado de fora da fenda, mas eu não lamentaria ninguém que deixasse para trás.

O ar frio da noite dançava na minha pele como se estivesse esperando que eu abrisse a porta e saísse. Apertei o capuz com mais força para esconder minha maldição enquanto saía pela rua de paralelepípedos e me dirigia diretamente para o lugar que eu deveria estar evitando.

As ruas estavam vazias e silenciosas. Até o pequeno pub, que costumava transbordar de cerveja e maridos infiéis, estava rigorosamente fechado e nem um raio de luz de vela brilhava através da janela.

Um arrepio percorreu minha espinha, mas eu não me permitiria ter medo como eles. A família Achlys era poderosa, mas não eram deuses. Se fossem, não precisariam de mim.

Eu nunca tinha visto nenhum deles. Nem o rei, nem a rainha, nem o príncipe coroado com quem jurei me casar. Tudo o que eu sabia era que eles eram feéricos e que o sangue que corria em minhas veias era, de alguma forma, a chave para desbloquear seu poder adormecido.

Poder letal que eles desejavam possuir.

Que eu soubesse, nenhum membro da realeza jamais havia atravessado a fenda. Eles tinham homens para isso, e aqueles guardas de baixa patente foram os únicos que eu havia encontrado. Se eles tinham magia, eu nunca a tinha visto.

Minha mãe disse que eles não usavam magia aqui porque não precisavam, mas parte de mim se perguntava se eles ainda tinham algum poder. Se não tivessem magia, então eu não tinha motivo para temê-los. Eu poderia correr, e minha mãe seria a única a enfrentar as consequências.

Sem poderes, eu duvidava que qualquer um deles fosse capaz de me encontrar. Apenas as luas gêmeas conheciam meus segredos enquanto me observavam me mover através das sombras. Todos achavam que sabiam exatamente quem eu era, e isso significava que todos acreditavam que eu era a chave para alguma bênção que acreditavam que a realeza lhes concederia quando eu fosse sacrificado.

Meus dedos percorreram os tijolos enquanto eu passava pelo último prédio e pisava na grama úmida. Eu conhecia o caminho que levava à floresta melhor do que conhecia minha própria casa, e deixei meus pés guiarem o caminho enquanto olhava ao redor em busca de sinais de alguém me observando.

O limite da nossa cidade ficava a apenas alguns minutos de caminhada do perímetro da fenda, e eu costumava vir aqui só para observar e imaginar como era a vida do outro lado. Não parecia nada diferente do Reino Sem Estrelas.

As árvores cresciam altas e pesadas de ambos os lados, e a única indicação da existência da fenda era o fino véu que mal se via à noite. Isso me lembrou da névoa que cobria nossa terra nas primeiras horas da manhã, mas a fenda nunca desapareceu. Agachei-me e passei os dedos pela magia, e uma onda de excitação me percorreu. Olhei para cima enquanto observava a magia recuar diante do meu toque, mas ela continuou até onde a minha vista alcançava.

Era difícil explicar, mas a divisão entre nossos mundos me parecia mais familiar do que minha própria casa. Parecia um velho amigo que eu nem conhecia. Um estranho familiar que sempre me cumprimentava.

Esta noite, porém, parecia diferente. Mais escuro, de alguma forma, como se estivesse me avisando para ir embora. Puxei minha mão de volta e procurei através do brilho.

Havia pelo menos cinquenta soldados acampados na floresta a cerca de vinte metros da fenda, e observei aquele que estava de guarda nesta extremidade do acampamento.

Seu olhar perscrutava a linha das árvores, em busca de uma ameaça, mas ele não me notou. Eu poderia facilmente atravessar a fenda e cortar sua garganta se ousasse. Seria

muito fácil se ele fosse apenas um homem, mas eu não sabia que poderes se escondiam sob seu olhar perdido.

Meus dedos deslizaram em direção à minha adaga enquanto eu olhava para além dele e examinava o acampamento. Havia várias tendas, todas ostentando orgulhosamente o selo real, e alguns soldados estavam sentados perto de uma grande fogueira, rindo enquanto conversavam entre si. Cerrei o maxilar enquanto os observava tão à vontade.

Soldados foram enviados para cá para levar uma garota humana contra sua vontade, mas esse destino não pareceu pesar muito sobre nenhum deles.

Eles não passavam de tolos de um reino corrupto, e meu coração batia forte no peito enquanto eu os observava.

Nenhum deles pressentiu uma ameaça. Nenhum deles se preocupou com o que os Sem-Estrelas poderiam fazer com eles.

Mas eu não era Starless.

As luas gêmeas brilhavam intensamente acima de mim enquanto meus dedos percorriam o cabo de metal áspero da minha adaga, que eu havia memorizado anos atrás, mas eles se tensionaram enquanto minha espinha se arrepiava. Virei-me para olhar para trás no momento em que uma mão enluvada fechou minha boca.

O pânico tomou conta de mim enquanto eu examinava os olhos escuros atrás de mim. Sua mão apertou minha boca com mais força, como se ele estivesse preocupado que eu fosse gritar, mas não gritei. Nenhuma daquelas pessoas me ajudaria, e eu não queria chamar a atenção dos soldados feéricos.

Eles já estavam atrás de mim, e eu não queria que soubessem que eu os estava observando tão de perto.

"Que porra você está fazendo?" sua voz profunda e sensual, que eu não reconheci, rosnou para mim antes que ele tirasse a mão da minha boca e puxasse a minha para longe da minha adaga e a puxasse para fora da minha bota.

"Devolve isso."

Estendi a mão para pegar minha lâmina, mas ele rapidamente se afastou. Ele abriu a mão e minha adaga foi envolta em fumaça negra que escorria de seus dedos. Ela flutuou no ar como se nada a estivesse segurando além de sua magia. Minha respiração se acelerou enquanto minhas marcas zumbiam contra minha pele. Era como se o estranho à minha frente os tivesse despertado de um sono profundo que eu não havia percebido.

"Isso não vai acontecer." Ele abaixou o capuz, e meu rosto corou de calor quando olhei para ele. Seu maxilar era afilado e suas maçãs do rosto salientes. Seu cabelo era negro como o céu noturno e curto. E, deuses, ele era lindo. Um feérico superior, eu tinha absoluta certeza. Suas orelhas eram pontudas, o que sempre denunciava os feéricos, mas era sua beleza sobrenatural que revelava quem ele era tão facilmente. Isso e sua ousadia dominadora. "O que você está fazendo na beira da fenda com nada além de uma adaga para te proteger?"

"Eu sei me virar sozinho." Eu já estava cansado de repetir esse sentimento, mas ainda assim o disse, apesar de não dever nenhuma explicação àquela fada.

"Você consegue?" Sua mão disparou e me puxou para frente. Eu me encolhi e mal notei sua mão enquanto ele puxava meu capuz para trás com um puxão forte.

Sua cabeça se jogou para trás enquanto seu olhar percorria rapidamente meu rosto, e eu sabia exatamente o que ele estava vendo.

"Você é a Abençoada pelas Estrelas?" Sua mão apertou meu braço quase a ponto de doer, e meu pulso acelerou sob seu toque.

"Amaldiçoado pelas estrelas." Ergui o queixo enquanto o corrigia. "Você é um soldado feérico?"

Ele não se parecia com os outros soldados que eu vira andando pelo acampamento. Suas roupas eram todas pretas e não apresentavam nenhuma marca da guarda real.

Ele hesitou por um segundo antes que um pequeno sorriso surgisse em seus lábios carnudos. "Pode-se dizer que sim."

Eu não confiava nele. Quem quer que fosse esse homem, eu sabia que era alguém de quem eu deveria ficar longe.

"Me solta." Puxei meu braço para fora do seu aperto, e seu sorriso se alargou até seus dentes ficarem à mostra.

"O que a Abençoada das Estrelas está fazendo sozinha na floresta no meio da noite? Você não deveria estar descansando para conhecer seu novo marido amanhã?"

Amanhã. Eu iria encontrar o príncipe coroado de Citlali amanhã.

"Eu tenho um nome." Afastei-me dele e olhei para o acampamento. Os soldados ali presentes não pareciam perceber que qualquer um de nós estava na floresta, do lado de fora de suas tendas.

"Adara." Meu nome soou como um apelo vindo de seus lábios.

Virei-me para ele e examinei seu rosto. "Parece que estou em desvantagem. Você me conhece, mas não tenho a mínima ideia de quem você é."

Isso só o fez sorrir ainda mais.

"Eu não sou ninguém importante."

A resposta dele me irritou. Não passou de uma distração. "Então, você não vai me dizer seu nome?"

Seus olhos se estreitaram e ele inclinou a cabeça para o lado enquanto me observava com um olhar lento sobre cada centímetro de mim. Eu não saberia a diferença entre a verdade e a mentira, independentemente do que ele me dissesse, mas não importava quem ele fosse, ele era forte. Ele gritava poder sem dizer uma palavra. Ele poderia ser o príncipe coroado diante de mim, e eu não o reconheceria.

"Meu nome é Evren."

"Evren", pronunciei seu nome em voz alta e saboreei a sensação que ele tinha nos meus lábios. "Você vai ser quem vai me escotar até a minha prisão?"

Ele recuou como se eu o tivesse esbofeteado. "Você considera seu noivado com o príncipe coroado uma prisão?"

"Nunca conheci o homem, e mesmo assim fui forçada a me casar simplesmente porque ele anseia pelo poder que acredita que meu sangue possui. Se isso não é entrar numa prisão, como você chamaria?"

Ele deu um passo à frente, aproximando-se o suficiente de mim para que eu pudesse sentir o cheiro de couro e algo que eu não conseguia identificar. Fiquei tensa quando seus olhos escureceram e ele cerrou o maxilar.

"Você deveria ter cuidado com a maneira como fala sobre a família real."

Ameaçador. Tudo nele parecia uma ameaça.

"Ou o quê?", desafiei, encarando-o fixamente enquanto minha respiração acelerava. "Eles vão me aprisionar? Eles vão me matar? Meu sangue não serve para eles se esfriar."

"Você viveu uma vida encantada com as moedas reais, não é?" Seu tom era cortante e seu olhar firme.

A vontade de bater nele era avassaladora, mas me recusei a deixar que aquele ser feérico percebesse o quanto suas palavras me afetaram. "Você não sabe nada da vida que eu vivi."

Ele era uma fada e não conseguia imaginar os horrores que aconteciam em nosso mundo. Os Sem-Estrelas viviam na pobreza e no medo. Minha família fora abençoada pelas marcas de luz estelar em meu rosto e costas, mas também fomos amaldiçoados.

O favor real nos forneceu água e comida para garantir que eu não morresse de fome, um teto sobre nossas cabeças para me manter seguro, mas também roubou meu pai de mim. Roubou meu destino.

Minhas bochechas e nariz estavam cobertos do que pareciam sardas, não fosse a cor dourada-clara e sobrenatural que parecia fluir contra minha pele. Mas eram minhas costas que sempre chocavam as pessoas. Essas mesmas marcas desciam em cascata pela minha espinha em fileiras e fileiras de luz estelar, e se projetavam pelas bordas como se não pudessem ser controladas. Algumas bordas se mantinham firmes contra minha espinha, enquanto outras tocavam a curva das minhas costelas.

Marcas que quase não pareciam nada para mim, mas significavam muito para todos os outros.

"Talvez não." Ele levantou a mão e, por um segundo, pensei que fosse tocar as marcas na minha bochecha, mas sua mão se fechou em punho e caiu de volta ao lado do corpo. "Talvez você não seja nada do que eu imaginava."

"Mas você pensou em mim?", questionei, minha curiosidade me consumindo.

"Todos nós pensamos em você, Adara." Ele deu um passo para trás, abrindo espaço entre nós antes de agarrar minha adaga de volta na mão e apontá-la em minha direção. "Você determinará o futuro do nosso mundo."

Meu coração disparou com suas palavras, e meus dedos tremeram quando peguei minha arma de volta daquele estranho que a roubou tão facilmente. "E se você estiver errado? E se eu não for nada parecido com o que vocês imaginaram que eu seria?"

Ele deu mais um passo para trás, em direção às sombras das árvores, mas eu ainda sentia seu olhar percorrendo cada centímetro de mim. "Estou contando com isso."

CAPÍTULO

O sol brilhou na minha janela e eu gemi. Era cedo demais para ser acordado pela falsa promessa de um novo dia brilhante. Principalmente depois de ter passado horas demais da noite observando o exército e imaginando o que o dia de hoje me reservava.

Observei Evren enquanto ele saía do meu lado e voltava para o acampamento. Ele se moveu furtivamente por entre os soldados que ali esperavam, e quando desviei o olhar dele por um instante, ele desapareceu. Não importava quanto tempo eu vasculhasse aqueles acampamentos, não consegui encontrá-lo novamente.

Mas não importava. Evren não passava de um soldado que estava ali para fazer o seu trabalho, e era um trabalho pelo qual eu o odiava.

Porque hoje eu seria arrancado de minha casa e levado para Citlali.

Puxei a colcha até cobrir completamente a cabeça e apertei os olhos, fechando-os contra a realidade do dia. Eu só precisava de mais alguns minutos para sonhar. Mais alguns momentos para pensar em como seria a vida se eu não tivesse nascido com algumas manchas no rosto e nas costas.

Abençoado pelas estrelas.

Que piada. As estrelas não me abençoaram. Elas amaldiçoaram a mim e ao meu futuro, e eu não estava preparado para o que estava por vir.

Ontem à noite foi minha primeira experiência com magia feérica, mas eu sabia que elas eram capazes de muito mais. Ouvi histórias durante toda a minha infância, mas todas pareciam um conto de fadas sombrio. Contaram-me como elas bebiam o sangue dos Abençoados pelas Estrelas para alimentar seus poderes. Um costume que haviam adotado dos vampiros antes de serem banidos de suas terras. Nada daquilo jamais pareceu real, mas hoje eu descobriria a verdade.

Evren não se parecia com o monstro que eu havia imaginado. Ele não se parecia em nada com o que eu esperava de um feiticeiro superior.

"Adara, é hora de levantar." Minha mãe invadiu meu pequeno quarto e arrancou o cobertor do meu corpo. Ela estava usando seu melhor vestido rosa, que caía sobre seu corpo como se tivesse sido feito sob medida. Seus cabelos escuros estavam puxados para trás do rosto, realçando o brilho em seus olhos.

"Mãe", rosnei enquanto estendia a mão para pegar minha colcha, mas ela já estava rasgando minhas cortinas.

"Dizem que os guardas reais já desmontaram o acampamento e em breve romperão a fenda. Você precisa se levantar e se vestir. Hoje é o seu destino."

Meu destino. Minha mãe era tola se realmente acreditasse que hoje seria outra coisa senão a minha sentença de morte. Ela estava me entregando de bom grado às fadas e sorria enquanto andava pelo meu quarto sem hesitar.

Por um momento, me perguntei o que ela teria feito se fossem os vampiros que tivessem vindo me reivindicar. Ela me contara muitas lendas sobre a Corte Sangrenta que ficava além do reino de Citlali. Será que ela teria me entregado tão voluntariamente?

Eu sabia, no fundo, que ela ainda teria me sacrificado pela vida que agora levava. O povo desta cidade venerava minha mãe. Ela havia dado à luz a Abençoada pelas Estrelas com a maior marca em mais de um século.

Ela achava que isso a tornava especial, abençoada de alguma forma, e acho que a realidade era que ela estava certa. Meu nascimento proporcionou à minha mãe uma vida que ela jamais teria conseguido sozinha, e tudo o que isso lhe custou foi a filha e o marido que ela supostamente amava.

"Já acordei." Joguei as pernas para o lado da minha pequena cama e esfreguei os olhos. Eu ainda estava com a mesma roupa da noite anterior e imaginei que minha mãe fosse reclamar da sujeira que eu tinha conseguido sujar a cama.

Mas ela não disse uma palavra.

Em vez disso, ela me encarou enquanto engolia em seco. "Você precisa de um banho, depois eu arrumo seu cabelo. Você não pode chegar ao palácio assim."

"Eu não quero nem chegar ao palácio", implorei com os olhos, enquanto sentia meu coração batendo forte.

Minha mãe balançou a cabeça, mas eu não tinha vontade de implorar para que ela me escolhesse. Não havia nada que eu pudesse dizer que a fizesse mudar de ideia sobre a decisão que estava tomando. Mesmo que eu pudesse, nós dois sabíamos que a realeza faria com ela exatamente a mesma coisa que fizeram com meu pai quando ele tentou negá-los.

E minha vida não valia a pena perder a dela.

Passei por ela e entrei no banheiro. Ela já tinha um banho preparado para mim, e rapidamente me despi antes de afundar na água morna. A tensão diminuiu, mas não consegui conter o pânico que meu coração disparava a cada segundo.

Eu mergulhei na água e afoguei o mundo por alguns breves momentos. Tentei alcançar aquele sentimento que tive quando Fiquei na beira da fenda, bem acima da cidade, onde ninguém podia me ver. Havia uma sensação de liberdade ali que eu nunca senti em nenhum outro lugar, mas esse conforto me escapou hoje.

Em vez disso, tudo que eu conseguia imaginar era o rosto de Evren e a maneira como seus olhos escuros me estudavam.

Você determinará o futuro do nosso mundo.

Palavras condenatórias que eu não estava preparado para enfrentar.

Empurrei-me para fora da água e ofeguei. Não sabia o que Evren pensava de mim, mas, fosse o que fosse, ele estava errado.

"Aqui." Minha mãe me entregou uma barra de sabão e não se importou em me dar privacidade.

Ela não saiu do meu lado novamente. Só depois que eu tomei banho e penteei meu cabelo molhado e emaranhado. Ela sentou na minha cama enquanto discutíamos sobre o vestido que ela havia escolhido para mim e como eu havia decidido usar minha calça escura.

Ela ficou brava quando enfiei a camisa preta de botões que pertencera ao meu pai para dentro da calça, mas não me importei. Ela já tinha feito todas as escolhas por mim, mas eu ia usar o que quisesse.

Ela se ofereceu para trançar meu cabelo e adicionar algumas flores que ela havia colhido do campo, e mesmo que eu quisesse discutir, a angústia em seus olhos me fez sentar na frente dela e morder minha língua até que ela terminasse.

"Você está linda." Ela colocou a última flor, e eu desviei o olhar antes de fazer algo tolo como implorar mais uma vez para ela não fazer isso.

Apenas um segundo depois, o forte toque do sino da cidade ecoou por toda a cidade e o pavor me tomou.

"Eles chegaram", sussurrou minha mãe, o que ninguém precisava dizer. Todos nós sabíamos que dia era hoje, e todos sabíamos para que eles tinham vindo.

Levantei-me e peguei a adaga do meu pai na cômoda antes de guardá-la na bota. Minha mãe observava cada movimento meu, mas não ousava dizer uma palavra contra.

Ela me levou de volta para a casa, e eu tentei absorver cada pequeno detalhe enquanto a seguia. As paredes estavam gastas e manchadas pelos anos de uso, e havia flores frescas dispostas sobre a pequena mesa, grande o suficiente apenas para nós dois. Eu não sentiria falta de nada, porque nunca me senti realmente em casa, mas era o único lar de verdade que eu já tivera.

O lugar onde morávamos antes, a casa que tínhamos com meu pai, era uma lembrança tão distante que eu não conseguia me lembrar de um único detalhe. Não passava de um sentimento agora, mas era mais forte do que qualquer coisa que eu sentisse aqui.

Minha mãe abriu a porta da frente, e eu respirei fundo ao ouvir sussurros e alguns aplausos dos nossos vizinhos. Todos eles haviam sido recompensados tão generosamente quanto minha mãe por viverem com os Abençoados pelas Estrelas e protegê-los.

Como se algum deles pudesse me proteger.

Estavam todos cheios de medo, e esse medo fez com que cada um deles baixasse a cabeça enquanto a guarda real cavalgava pela estrada de terra que levava até mim.

Ergui a cabeça em desafio enquanto olhava para a frente. Eu não me curvaria a uma falsa realeza que se achava deuses em nosso mundo porque possuíam um pouco de magia.

Eles tirariam de mim o que bem entendessem, mas o fariam contra a minha vontade. Eu era Adara Cahira, de Sem Estrelas, e mesmo temendo-os mais do que a maioria, recusei-me a me curvar diante deles.

Eu preferiria morrer.

Os guardas reais pararam bem na nossa frente, e minha mãe caiu de joelhos diante deles. Engoli meu desgosto enquanto olhava para o guarda que cavalgava à frente.

Ele me observou atentamente, e seu olhar pousou nos meus joelhos antes de cerrar os dentes. Ele não me repreendeu, desmontou do cavalo e se moveu para ficar na minha frente.

"Adara Cahira." Sua voz rouca soava como se ele tivesse passado muitos anos com um cachimbo na boca.

Assenti uma vez, mas não falei nada. Meu coração parecia estar preso na garganta. Procurei Evren entre os guardas, mas ele não estava em lugar nenhum.

"Estou aqui em nome da casa de Achlys para reivindicá-la para seu noivado com o príncipe coroado de Citlali."

Zombei e olhei para a fileira de outros guardas reais. "Eles estavam ocupados demais para virem pessoalmente?"

Suspiros de choque ecoaram ao meu redor, mas o rosto severo do guarda se esculpiu num sorriso levíssimo. "Eram mesmo, Abençoados pelas Estrelas."

Revirei os olhos ao ouvir o nome. Eu odiava aquele nome tanto quanto o destino que ele me condenava.

"Esperamos chegar a Citlali ao anoitecer." Ele fez um gesto em direção à carruagem que seguia entre o enxame de guardas, e a madeira escura e escura me fez estremecer de medo.

"Quanto tempo dura a viagem?" Tentei não deixar que ele percebesse meu medo.

"Várias horas." Ele acenou com a cabeça para minha mãe, que ainda não tinha se levantado. "Você devia se despedir."

Olhei para ela, e só depois que o guarda deu um passo para trás ela se levantou. A emoção me sufocava enquanto eu a encarava, e eu não estava preparado para o quão afetado eu estava por aquele momento. Eu estava com raiva dela desde que me lembrava, mas ainda não estava pronto para deixá-la.

Eu não queria dizer adeus.

"Seja esperta, Adara." Ela estendeu a mão para mim e segurou minhas mãos entre as suas trêmulas. "Faça o que esperam de você."

Eu detestava as palavras dela. Cada uma delas parecia uma adaga no peito, mas eu não deveria ter ficado surpreso. Era tudo o que minha mãe sempre quis de mim.

Acenei com a cabeça em sua direção uma vez antes de puxá-la para meus braços. Não sussurrei palavras de amor ou medo de sentir falta dela, porque não sabia se ambas eram verdadeiras. Mas ela era tudo o que eu tinha.

Ela se agarrou a mim antes de se afastar e colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha para que nada ficasse fora do lugar. Seus olhos castanho-escuros, um espelho do meu direito, examinaram meu rosto, mas não havia mais palavras para desperdiçar entre nós.

Uma parte de mim se perguntou se ela se arrependia das decisões que havia tomado quando olhou para mim e viu a lembrança do meu pai olhando para ela em meus olhos azul-gelo.

Ela sempre me disse que eu era metade dele e metade dela. Metade meu pai e metade a mulher que tão facilmente me via partir, mas ela estava enganada. Eu não era nada parecido com ela.

Afastei-me e me virei para o guarda, que inclinou a cabeça na direção da carruagem. Dei os poucos passos curtos e ignorei sua mão quando ele a estendeu em minha direção.

Entrei na carruagem e respirei fundo enquanto a porta se fechava atrás de mim, me envolvendo com o medo do meu futuro. O interior era muito mais bonito do que qualquer coisa que eu já vira em toda a minha vida. O assento era de couro preto macio, com almofadas vermelhas acetinadas sobre o encosto de madeira.

Apertei-me contra eles antes de olhar pela janela aberta. Um dos guardas carregava meu pequeno baú na carruagem enquanto minha mãe olhava para dentro com desejo, com lágrimas nos olhos.

A visão rasgou meu peito até que notei suas mãos agarradas a um pedaço de pergaminho que estava selado com o brasão real vermelho-sangue.

Eu sabia o que aquele pedaço de pergaminho continha sem que ela sequer o abrisse. Era por isso que ela havia me trocado. Era por isso tudo o que lhe foi prometido todos aqueles anos atrás, quando ela aceitou de bom grado meu noivado com nosso inimigo.

Os guardas não se demoraram, e não tinham motivo para isso. Eles já tinham conseguido o que queriam, mas eu ainda me agarrava ao assento enquanto os cavalos avançavam bruscamente e a carruagem começava a se mover.

Com os olhos em pânico, olhei para minha mãe, mas mal conseguia vê-la em meio à multidão que se aglomerava na rua. A maioria acenava para mim com sorrisos nos rostos cansados, enquanto outros jogavam flores silvestres brancas em minha direção.

Era um sinal de respeito, algo que normalmente fazíamos apenas para honrar aqueles que haviam passado para os deuses, e fiquei apavorado ao vê-los cair no chão.

Tracei o contorno da minha adaga enquanto começávamos a passar por eles em um borrão. Foram apenas alguns minutos de viagem até chegarmos à fenda, e eu ansiosamente observei meu mundo voar enquanto tentava acalmar meu coração acelerado.

A cada volta das rodas de madeira da nossa carruagem, meu medo aumentava cada vez mais.

Eu nunca tinha visto um único humano passar pela fenda além do meu pai, e eu era jovem demais para me lembrar disso de verdade. Diz a lenda que passar pela fenda altera os Sem-Estrelas, transformados para sempre pela magia que ali adormecia, mas havia pouquíssimas histórias sobre os Abençoados pelas Estrelas. A única coisa que eu sabia com certeza era que se dizia que, uma vez que se passasse por ali, nunca mais se retornaria.

Não importava como eles tivessem se transformado depois de passarem pela magia, porque eles nunca mais voltariam. Eu nunca mais voltaria aqui depois de hoje.

Prendi a respiração enquanto nos aproximávamos do limite do meu mundo e pisquei lentamente para abri-los assim que percebi que já devíamos ter passado. Os cavalos não diminuíram o ritmo. Continuaram em seu ritmo punitivo.

Procurei pela janela, mas o mundo ao meu redor não parecia muito diferente daquele que eu acabara de abandonar. Mas parecia diferente. Era difícil de explicar, mas me fazia sentir algo parecido com o que senti com Evren na noite anterior.

As marcas espalhadas pelas minhas bochechas e espinha pareciam vivas, e minha pele vibrava. Era como se a magia daquela terra despertasse algo dentro da minha maldição da vida. Mas era mais opaca do que quando Evren me tocou. A magia deste mundo parecia uma versão diluída dele.

Passei os dedos pela bochecha enquanto tentava traçar aquela sensação com a ponta dos dedos. Era estranho, mas também parecia familiar.

Passei um bom tempo repassando aquelas marcas com as quais eu havia nascido antes de começar a olhar pela janela. A paisagem que passava por nós era tão parecida com a de casa, e logo me cansei dos campos verdejantes e das florestas densas.

Eu nem percebi que tinha adormecido até ser acordada pela parada da carruagem. Estendi a mão rapidamente para me segurar no assento à minha frente, e meu coração disparou ao perceber que havia baixado a guarda tão facilmente com aqueles homens feéricos.

Já estava escuro lá fora e, quando saí da carruagem, percebi que o céu feérico estava tão sem estrelas quanto o meu.

Apenas as luas gêmeas brilhavam alto no céu e forneciam a pouca luz que permitiam. Ainda estávamos perto da orla da floresta, e não vi sinal da Cidade de Citlali.

"Onde estamos?", perguntei a um dos guardas que passavam, enquanto me abraçava. O anoitecer trouxe um friozinho na espinha. Mais uma coisa que não havia mudado entre os mundos.

"Estamos a cerca de uma hora da capital, senhora." Ele inclinou a cabeça para baixo como se estivesse me honrando, como se eu fosse um dos membros da realeza a quem ele servia. "Tentamos fazer o trajeto todo, mas os cavalos precisam de água."

Assenti em compreensão antes de me afastar dele e olhar para a linha de guardas. Havia muitos guardas para a tarefa em questão, na minha opinião, mas presumi que abrir mão de tantos homens não significava nada para a realeza.

Entrei na linha da floresta escura e um arrepio percorreu minha espinha. O luar pareceu desaparecer com aquele simples passo, e procurei pela linha de árvores negras enquanto minha marca parecia flamejar contra minha pele.

"Ei, você aí." Um braço forte envolveu minha cintura e me puxou de volta para seu corpo rígido e um passo para fora da floresta.

Evren.

Minha maldição sabia que era ele antes que eu pudesse colocar um centímetro entre nós.

"A Floresta de Ônix não é lugar para um Abençoado pelas Estrelas. Principalmente sozinho."

Olhei para ele por cima do ombro, e meu estômago se revirou sob seu abraço. "Eu não te vi."

"Isso porque você estava olhando para as árvores."

"Não." Balancei a cabeça suavemente. "Antes."

"Você estava me procurando?" Um meio sorriso se formou em seus lábios.

"Não." Conteí uma mentira que nós dois conseguimos perceber facilmente.

Sua mão apertou-me, quase involuntariamente, enquanto ele me encarava, e por um momento, não dissemos nada.

Evren não me dera motivo para isso, mas algo bem no fundo me dizia que eu deveria temer aquele macho. Tudo dentro de mim estava tenso e meu coração batia forte contra o peito. Mas eu não conseguia desviar o olhar de seus olhos escuros, mesmo com aquele sentimento me consumindo.

"Não chegue perto da floresta novamente sem alguém te acompanhando." Sua voz era um aviso severo.

"Por quê?" Meu olhar finalmente se desviou dele para a floresta silenciosa. "O que tem aí dentro? Por que as folhas estão pretas? Os vampiros estão tão perto assim de Citlali?"

Minha espinha se endireitou ao pensar nisso. Por mais que eu odiasse as fadas, eu tinha muito mais medo dos vampiros. Todas as histórias que me contaram sobre eles eram sobre sua crueldade. Enquanto as fadas mais elevadas se alimentavam dos Abençoados pelas Estrelas para obter seus poderes, os vampiros se alimentavam de qualquer um que escolhessem.

Por comida, por poder, por prazer.

"Você não tem motivo para temer os vampiros daqui", Evren falou baixinho acima de mim e chamou minha atenção de volta para ele. "Há coisas muito piores espreitando naquelas árvores."

Um arrepio percorreu-me ao ouvir suas palavras.

"Então estou cercado de inimigos?" Dei um passo para longe dele e tentei clarear a mente.

"Você está cercado de ameaças." Ele assentiu uma vez, como se estivesse me alertando, e deu um pequeno passo em minha direção. Ele me olhou nos olhos por um longo momento antes de baixar o tom. "Você não deveria confiar em ninguém aqui."

"Até você?"

"Principalmente eu." Seus olhos escureceram e meu estômago se apertou com um desejo que me fez sentir como uma traidora. Este homem não era diferente dos outros, e eu faria bem em me lembrar disso.

"Capitão!", gritou um dos guardas, e o maxilar de Evren ficou tenso. "Estamos prontos para avançar."

Ele olhou por cima do ombro em direção ao guarda, e eu observei o jovem guarda se encolher. Não sabia se era por respeito ou medo verdadeiro, mas minhas mãos tremiam enquanto observava o guarda abaixar a cabeça.

Eu não podia confiar nele. Ele mesmo tinha me avisado disso.

"A futura rainha precisa de um momento." Sua voz era pura força e me arrepiou.

Demorei um instante para que suas palavras realmente me impactassem. Eu sabia quase a vida inteira que estava prometida ao futuro rei de Citlali, mas nunca me imaginei como outra coisa. do que sua propriedade. Ouvir alguém me chamar de futura rainha mexeu com a minha cabeça.

"Claro, Capitão." O guarda se afastou rapidamente de onde estávamos, e Evren voltou sua atenção para mim.

Seu olhar ainda era sombrio e dominador, mas não consegui desviar o olhar.

"Chegaremos ao palácio de Achlys em breve. Prepare-se."

"E como vou fazer isso?", perguntei, sem fôlego. "Como vou me preparar para o que está dentro daquele castelo?"

Eu não sabia por que estava fazendo essas perguntas. Evren era uma delas. Ele era um feiticeiro superior e leal à casa de Achlys. Mas parte de mim ainda ansiava desesperadamente por uma resposta.

"Você é a futura rainha de Citlali. Aqueles que residem atrás das muralhas deste castelo cairão de joelhos ao vê-la, assim como toda Citlali."

"Você não fez isso." Levantei o queixo enquanto olhava para ele.

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios enquanto ele examinava meu rosto, e eu podia ver seu olhar percorrendo cada centímetro da luz das estrelas que marcava meu rosto. "Confie em mim, princesa. Precisei de todas as minhas forças para não cair de joelhos diante de você."

Ele enfiou as mãos nos bolsos e, embora eu soubesse que deveria ter recuado, suas palavras me fizeram cair incrivelmente mais perto dele.

"Não me chame assim."

Ele ergueu os dedos até que estivessem a apenas alguns centímetros do meu queixo antes de afastá-los lentamente. "Você deveria voltar para sua carruagem. A noite ainda é uma criança e, como a escolhida Abençoada pelas Estrelas, você tem muito a enfrentar."

CAPÍTULO

"C "Bem-vindo a Citlali", disse um dos guardas perto da minha janela, pouco antes de seguir à frente da carruagem.

Arrastei-me para o lado da carruagem para poder ver a cidade da qual ouvia falar desde criança. Os paralelepípedos zumbiam sob as rodas da carruagem enquanto avançávamos pelas ruas da cidade. A cidade deveria estar envolta em escuridão, mas estava repleta de lanternas brilhantes penduradas nas casas de pedra e de velas que adornavam quase todas as portas.

Os moradores da capital pararam nas portas de suas casas e ao longo da rua enquanto observavam nossa procissão passar. Alguns acenaram, enquanto outros simplesmente tentaram espiar dentro da carruagem para me ver.

Alguns jogaram flores no caminho que seguimos, mas em vez de flores brancas de honra como as do Reino Sem Estrelas, o povo Citlali jogou papoulas vermelhas enquanto comemoravam.

E essa reação me chocou.

Quase todos os rostos que me encaravam eram fadas, mas notei um homem que tinha marcas de luz estelar no ombro esquerdo. A marca era muito menor que a minha, mas ele era o único outro Abençoado Estelar que eu já tinha visto.

E ele estava com os braços em volta da mulher fada na sua frente.

Ele não se parecia em nada comigo. Sua pele era muito mais escura que a minha e sua marca era tão clara que quase parecia branca. Minhas marcas me lembravam do brilho suave do sol se pondo abaixo das colinas perto da minha aldeia.

Ambos os olhos eram de um azul claro que combinava com os do meu pai.

Éramos tão diferentes e ainda assim iguais.

Mas ele parecia feliz por estar ali. Como se estivesse apaixonado.

Não tirei os olhos dele enquanto a carruagem continuava pela cidade, e seu olhar também me encarou. Ele tinha um sorriso gentil no rosto, mas não o retribuí. Eu nem conhecia aquele homem, mas, por algum motivo, tive uma vontade enorme de chamá-lo de traidor.

Ele não era nada para mim, um completo estranho, mas ainda me senti traída pela forma como ele se encaixava tão bem com nossos inimigos. Não consegui conter a dor profunda no peito, mesmo quando a carruagem dobrou a esquina e o homem desapareceu da minha vista.

Eu sempre imaginei como seria o palácio de Achlys, mas minha imaginação não lhe fez justiça. Mesmo à noite, o grande edifício era impressionante, mas assustador.

As torres escuras pairavam sobre a cidade abaixo, mas a maior parte do castelo estava escondida atrás de um imponente muro de pedra que era mais alto do que qualquer um poderia escalar.

A carruagem diminuiu a velocidade à medida que nos aproximávamos do portão de ferro preto, e meu coração disparou ao ouvir o forte rangido de metal ao nosso redor. Observei o portão se abrir lentamente para nos deixar passar, e a vontade de correr me atingiu com força total.

Eu sabia que, ao atravessar aquele muro, não haveria mais volta. Este era o meu destino, o destino decidia meus homens e fadas, não os deuses. Só eu poderia mudá-lo.

Eu podia correr, mas sabia que eles me encontrariam. Estremeci ao pensar no destino que me aguardava.

Os soldados feéricos que eu havia conhecido até então não eram o que eu esperava, mas eu sabia que era melhor não provocar os fae dos meus contos de fadas de infância. Malignos, letais, venenosos. Eu não sabia se tinha coragem de enfrentar aqueles pesadelos.

Mas a carruagem avançou novamente antes que eu pudesse realmente considerar o assunto.

Eu estava nervoso e não conseguia acreditar que tinha sido tirado de casa somente naquela manhã.

Parecia que tinha acontecido há uma eternidade.

O portão se fechou atrás de nós com um estrondo alto, e meus dedos se aproximaram da minha adaga enquanto eu procurava pela janela. Os jardins do palácio eram grandiosos e belos, embora eu esperasse que parecessem algo completamente diferente.

As pedras escuras erguiam-se alto no céu, mas janelas de vidro eram intrincadamente entrelaçadas na estrutura, de tal forma que a luz das lanternas penduradas ali parecia quase ofuscante. Flores acariciavam cada centímetro de terra que restava no chão de pedra. Manchas brancas e vermelhas eram visíveis por toda parte.

A carruagem parou diante de uma escadaria imponente que levava a um conjunto de portas ainda mais imponentes. Rapidamente, procurei minha adaga na bota antes de tirar o cabelo do rosto. Gostaria de ter pensado em trazer minha capa. Eu me sentia desesperada pelo conforto e privacidade que um simples pedaço de tecido poderia me trazer.

O guarda abriu a porta da carruagem, o mesmo guarda que se aproximara de mim em Starless, e mais uma vez estendeu a mão para me ajudar. Desta vez, eu a segurei. Minha mão tremia na dele enquanto eu descia da carruagem e pressionava as costas contra a madeira lisa e escura.

"Bem-vindo ao palácio de Achlys." Ele abaixou a cabeça, mas eu não estava realmente olhando para ele. Eu estava muito ocupado procurando fila de guardas com uniformes vermelhos e brancos, e eu só estava procurando por preto.

Mas Evren não estava em lugar nenhum.

A porta do palácio se abriu com um gemido profundo que revelava sua idade, e três fadas saíram. A mais jovem, com cachos loiros bagunçados no topo da cabeça, desceu as escadas apressadamente e se ajoelhou diante de mim.

Eu recuei com a ação dela, mas meu corpo ainda estava pressionado contra a carruagem.

Seus olhos castanhos me encararam, e eu pude ver a confusão em seu rosto. "Bem-vinda, Abençoada pelas Estrelas. Sou Eletta, sua dama de companhia."

Eu não fazia ideia do que aquilo significava, mas estava mais do que pronto para que a garota se levantasse. "Por favor, me chame de Adara." Estendi a mão para ela, mas suas bochechas ficaram vermelhas e ela rapidamente se levantou sozinha.

"Você deve estar cansado da viagem. Preparei seus aposentos, onde poderá descansar até que o rei e a rainha estejam prontos para recebê-lo." Ela fez um gesto para subir as escadas, e eu rapidamente olhei para trás em busca de Evren uma última vez.

Ele ainda não estava lá, e eu me repreendi por me importar. Ele era um feérico, capitão da guarda real, e não me ajudaria em nada ali.

"Só preciso pegar meu baú." Comecei a ir em direção à parte de trás da carruagem, mas o guarda me impediu.

"Será levado para seus quartos."

Meus aposentos. Como se este fosse se tornar meu lar. Eu sabia que a realidade era a verdade, mas parecia o mais próximo possível de uma mentira.

Este palácio jamais seria meu lar. Não importava o que me esperava lá dentro.

"Ok." Assenti e comecei a subir as escadas atrás de Eletta.

Ela me observava a cada passo que eu dava, mas não falava nada. Entramos pelas grandes portas e eu fui imediatamente atingido por o calor de uma grande lareira que ficava na base da sala. O fogo crepitava lá dentro como se tentasse aquecer o palácio inteiro, e estremeci ao observar as grandes chamas lamberem as laterais da pedra.

"Seu quarto fica na ala norte." Eletta acenou com a cabeça naquela direção, e eu a segui.

Tudo por onde passávamos era banhado a ouro, mármore ou pedra lindamente envelhecida. Eu nunca tinha visto nada parecido em toda a minha vida.

"Quantos anos tem o palácio de Achlys?" perguntei, e minha voz ecoou por todo o salão vazio.

"Diz-se que o palácio foi construído pelo primeiro rei feérico, Novak, há mais de três milênios." Eletta passou o dedo distraidamente pela parede ao passar.

Não havia como isso estar certo.

Finalmente chegamos ao meu quarto, e Eletta abriu a porta antes de se afastar para me deixar passar. Obedeci, hesitante.

Havia outra pequena lareira na extremidade do cômodo, e um fogo bem menor dançava lá dentro, aquecendo o ambiente. Em frente a ela, havia uma cama grande, coberta com tecidos ricos que caíam até o chão no tom mais suave de rouge.

Por mais que eu odiasse, meus músculos imploravam para que eu me deitasse contra ela e sentisse se era tão acolhedora quanto parecia. Havia uma pequena escrivaninha encostada na única janela da sala, e sobre ela havia um pergaminho em branco e tinta, junto com um espelho dourado que se estendia por toda a largura da madeira escura.

"O banheiro é por aqui." Ela ficou parada perto da única outra porta do cômodo, e eu rapidamente a segui para dentro.

Não consegui evitar um suspiro ao avistar a grande banheira de cobre que ocupava a maior parte do espaço. Eletta sorriu.

"Prepararei um banho para você, para que possamos prepará-la para ser apresentada à família real. Eles devem visitá-la nas próximas horas."

"Ok." Assenti, embora não estivesse preparado para o que estava por vir.

Eletta levantou os dedos e os girou em um pequeno giro, e a água começou a jorrar da parede de pedra para dentro da banheira. Eu me afastei e me agarrei à porta enquanto observava sua mágica. A banheira fumegava com o calor da água, e eu não conseguia dizer uma palavra enquanto ela levantava uma pequena garrafa e derramava óleo na superfície.

O cheiro de jasmim me atingiu no momento em que ela se virou para mim.

"Você está bem?" Ela olhou rapidamente ao redor, certificando-se de que não havia mais ninguém ali.

"Você usou magia." Era uma pergunta e uma acusação.

"Claro que sim." Ela franziu as sobrancelhas e gaguejou. "Todo mundo aqui usa magia."

Olhei para ela porque não sabia bem o que dizer. Claro, eu sabia que os feéricos superiores possuíam poderes, mas Eletta não era uma feérica superior. Ela era minha dama de companhia, e eu não conseguia entender o que acabara de ver.

Se Eletta conseguia fazer isso, do que Evren era capaz?

"Todas as fadas têm magia?", finalmente consegui dizer as palavras enquanto minhas mãos apertavam a porta.

"A maioria sim." Ela assentiu. "É muito raro que uma fada não possua nenhuma magia, mesmo que sejam os encantamentos mais simples."

Eu estava morrendo de vontade de saber mais. "E a realeza, eles possuem muito mais magia do que os outros?"

Seus olhos se voltaram para a porta e depois para mim. Eu podia ver sua hesitação me encarando, mas ela ainda falava, mesmo que sua voz fosse quase um sussurro. "A família Achlys transmitiu uma poderosa linhagem mágica durante as centenas de anos em que esteve no poder, mas alguns temem que esse poder esteja diminuindo."

Dei um passo à frente, para mais perto dela. "O que isso significa?"

"Não gosto de falar sobre isso." Ela olhou de volta para a porta.

"Por favor", implorei, e seus olhos voaram para encontrar os meus.

Dizem que a magia que reside em você determinará o destino da família Achlys e de toda Citlali. Você será a chave para a ascensão deles ou o catalisador para a queda deles.

Meu coração martelava no peito ao ouvir suas palavras. "Eu não tenho esse tipo de poder." Balancei a cabeça. "Eu não tenho poder nenhum."

"Todo Abençoado pelas Estrelas nasce com a habilidade de despertar a magia adormecida e letal que se esconde dentro de uma fada. Pelo que nos disseram durante anos, você é a chave para garantir nossa segurança." Eletta mexeu no vestido.

Segurança. "Segurança de quê? E se vocês estiverem todos errados?" Cerrei os punhos ao lado do corpo quando o peso das palavras dela me atingiu.

Seus olhos brilharam de medo. "A gente devia mesmo te levar para o banho, Abençoada pelas Estrelas."

"E se você estiver errada?", perguntei com mais firmeza. Se eu era a pessoa que supostamente desempenharia um papel tão vital no futuro deste reino, então eu merecia saber a verdade. Tudo o que me disseram sobre o meu noivado foi mínimo e inútil.

Nunca me disseram nada parecido.

"Se o Príncipe Gavril se alimentar de você e não ganhar o poder profetizado, temo que o reino ficará realmente vulnerável à Rainha Veda pela primeira vez em milênios." Sua voz tremeu e aumentou meu desconforto.

Eu nunca tinha ouvido esse nome em toda a minha vida. Nunca tinha ouvido falar de nenhuma outra rainha além daquela a quem eu serviria. "Quem é a Rainha Veda?"

Eletta se virou e passou a mão na borda da banheira. "Ela é a monarca governante da Corte de Sangue, os vampiros, e dizem que ela é implacável em seu poder e ódio."

Um arrepio percorreu minha espinha. Eu já tinha ouvido lendas e mais lendas sobre vampiros, e nenhuma delas era boa. Mas eu nunca tinha ouvido falar da rainha deles. "E ela quer o quê?"

"Para governar a todos." Eletta pegou uma toalha de um pequeno gancho dourado na parede, que parecia mais macio do que qualquer tecido que eu já tivesse tocado, e a colocou ao lado da banheira. "A Rainha Veda quer derrubar Citlali desde que me lembro, mas esta é a primeira vez que suas ameaças têm alguma chance real de se concretizar."

Ela acenou com a cabeça em direção à banheira, e eu lentamente tirei as botas e as coloquei bem ao lado da banheira, onde pudesse alcançá-las. Os olhos de Eletta se arregalaram enquanto ela me observava enfiar a adaga na bota, mas ela não disse uma palavra. Comecei a me despir enquanto minha mente disparava. "E vocês acham que eu vou ser a única a impedi-la?"

Entrei na banheira, e nem o calor da água conseguiu curar o frio que me percorria a pele. Eu não sabia o que aquelas fadas tinham ouvido sobre mim, mas eu não era o que elas pensavam. Eu não tinha o poder de deter uma rainha vampira. Eu não tinha o poder de deter nada.

"Rezamos aos deuses para que você exista." Ela mergulhou um pano na água antes de ensaboá-lo enquanto eu escondia meus seios com os braços. "Se a previsão estiver errada, então espero que os deuses estejam realmente cuidando de nós."

Pela primeira vez em muito tempo, rezei para que eles também estivessem.